

Fundador Joaquim Manso

Director A. Ruella Ramos

Director adjunto Fernando Piteira Santos

Salgado Zenha interroga Governo sobre situação do coronel Varela Gomes

O Governo terá de esclarecer a Assembleia da República no próximo dia 6 de Fevereiro se o coronel Varela Gomes será preso caso volte a Portugal, de acordo com uma pergunta ontem apresentada ao Primeiro-Ministro pelo deputado Salgado Zenha, através do presidente da AR.

No seu requerimento, Salgado Zenha pede que Mota Pinto, ou alguém em seu nome, esclareça se o coronel Varela Gomes, que desde 25 de Novembro se encontra exilado na República Popular de Moçambique, pode voltar a Portugal sem o risco de ser preso e que, caso corra esse risco, ele seja identificado.

Nos considerandos do seu requerimento, Salgado Zenha salienta a acção desenvolvida por Varela Gomes na resistência à ditadura, nomeadamente participando em vários movimentos democráticos, como a Revolta de Beja, e ainda o facto de não existir, tanto quanto sabe, nenhum militar preso em consequência de actividades desenvolvidas durante o período revolucionário e pré-constitucional.

INTRIGA AFRICANA DO TRIO DE DEPUTADOS PSD E CDS



Contra política de Eanes e estratégia de Carter

Marrocos também envolvido na "jogada Savimbi"

O envolvimento de Marrocos na preparação do recente encontro entre deputados do CDS e PSD e o líder da UNITA, Jonas Savimbi, é denunciado pela agência de informação angolana ANGOP citando declarações de elementos daquele movimento capturados no Sul de Angola.

A ANGOP cita ainda o jornalista inglês Mike Nicholson, que atribui igualmente a preparação do encontro do casal Roseta e de Lucas Pires com Savimbi à interferência marroquina. Este encontro viria a desenrolar-se em Dakar, no Senegal, onde há indicações de algum apoio que o presidente Senghor daria também ao dirigente da UNITA.

A agência angolana diz que para as autoridades do seu país tudo isto demonstra a ingerência de Rabat nos assuntos internos de Angola, evidência agravada pelo facto de os prisioneiros da UNITA terem confessado igualmente que recebiam treino militar em Marrocos, país que também lhes fornecia armas.

A principal fonte de apoio a Savimbi continua, porém, a ser o regime racista da África do Sul.

Segundo transpareceu de declarações entretanto feitas por elementos da «missão» portuguesa que se avistou com Savimbi, o envolvimento destes países ao lado da UNITA marcaria uma clara

oposição à política americana em relação a Angola. Isto porque Carter defenderia a abertura do regime angolano ao auxílio das nações industrializadas do Ocidente, sem qualquer intervenção directa do exterior no «status» angolano.

Para Savimbi, como para os seus aliados, o principal intérprete desta política seria o presidente português, Ramalho Eanes, presentemente empenhado em conseguir o mais rapidamente possível a substituição de tropas cubanas em Angola por cooperantes daquele país. Especialistas portugueses substituiriam então os cubanos no treino

das forças regulares angolanas, criando-se assim uma situação que os EUA considerariam potencialmente favorável aos seus interesses.

O encontro dos deputados Helena e Pedro Roseta e Lucas Pires com Savimbi veio lançar alguma confusão nestes projectos, criando uma situação que poderia ter atrasado a reaproximação Lisboa-Luanda quando há dias o ministro Repolho Correia se deslocou a Angola para assinar um acordo comercial entre os dois países.

As mesmas forças que estiveram por detrás do encontro de Dakar tentam agora fazer crer à opinião pública que não

houve qualquer cedência por parte de Portugal quando o acordo esteve em perigo de não ser concluído e que, pelo contrário, se tratou de uma derrota do regime de Agostinho Neto. No fundo trata-se de mais uma manobra com objectivos idênticos aos que presidiram à reunião com Savimbi.

Na verdade, só a clara demarcação do Governo em relação à iniciativa de Dakar e aos deputados envolvidos, bem como aos partidos que representam, fez com que as autoridades angolanas mudassem de ideias e acabassem por assinar o acordo. E aqui também Eanes terá jogado um papel decisivo.

Helmut Schmidt defende "Holocausto" no Bundestag

O chanceler alemão federal Helmut Schmidt, foi ontem ao Parlamento dizer que a emissão da série televisiva «Holocausto», que por coincidência a RTP-2 também está actualmente a pas-

sar, era «necessária ao povo alemão».

A apresentação da série na TV alemã está a transformar-se numa «questão nacional», na sequência das violentas tentati-

vas de boicote por parte dos neonazis, que inclusive fizeram reventar uma bomba perto dos estúdios de televisão no passado dia 18, em que era apresentado o primeiro episódio. O director de programas, Heinz Werner Huebner, explicou então, numa entrevista, que a TV tinha adquirido a série «para mostrar, interna e externamente, que a RFA não tem medo de lidar com um tema tão chocante como o extermínio dos judeus durante o período nazi».

Informações tornadas públicas esta manhã em Bona revelam que os dois primeiros episódios foram seguidos aproximadamente por 15 milhões de pessoas. Outro dado significativo sobre o interesse que a opinião pública dedica à série, na pátria do nazismo, é o número de chamadas telefónicas dos participantes nas discussões que se seguem a cada episódio: 5200 na primeira 7300 na segunda. Por outro lado, na maioria das escolas da Alemanha Federal estão a decorrer seminários e discussões a propósito do genocídio levado a cabo pelos nazis.



Uma imagem da série televisiva que se tornou numa questão nacional da RFA, trinta e poucos anos passados sobre o fim do nazismo



Aristides Pereira na Lisnave

Aristides Pereira, que cumpre hoje o último dia da sua visita a Portugal, esteve esta manhã nas instalações da Lisnave, na margem Sul. À tarde, após a assinatura de diversos acordos no MNE, o presidente de Cabo Verde dará uma conferência de imprensa. Ontem, conforme noticiámos nas páginas 6 e 7, Aristides Pereira efectuou diversas visitas em Lisboa e participou num almoço oferecido por Mota Pinto.

Maurice Duverger escreve sobre o Irão

(Pág. 13)



Manuela de Freitas, José Mário Branco, Carlos Paulo, Gabriela Morais e Jean-Pierre Tailhade abandonam a Comuna, que já não repará «Homem morto, Homem posto», e vai estreitar «As guerras do Alecrim e da Manjerona». A Orquestra da Radiodifusão está em crise. José Augusto França evoca os cem números da «Colóquio». Tudo isto são temas do Sete Ponto Sete que hoje publicamos.

post-scriptum

«Gente de Paz»?

Permita-me sr. professor dr. José Hermano Saraiva discordar e ao mesmo tempo criticar, julgo que positivamente, o título do seu e nosso programa «Gente de Paz».

É que, sr. prof., «Gente de Paz» (sem interrogação) quer dizer que existe concórdia, amizade, fraternidade e amor pelo próximo «Gente de Paz» (sem interrogação) requer não só a nível nacional como internacional a não existência da guerra, a não existência de conflitos sociais, culturais e políticos.

«Gente de Paz» (sem interrogação) exige que o Homem (animal racional), tenha um comportamento superior ao dos animais irracionais. E como penso que o conceito «Paz» não tem duas interpretações, daí a razão de ser desta minha crítica e discordância.

O sr. prof. dr. José Hermano Saraiva é, sem sombra de dúvida, um grande historiador. Então porquê fugir às tristes realidades conflituosas que se vivem desde que a História é História, desde que o Mundo é Mundo?

Será que a fome, a miséria, a droga, a prostituição, a guerra, etc... etc... são sinónimos de Paz, de «Gente de Paz» (sem interrogação)? Será que a carta dessa mãe, cujos filhos tiveram de emigrar para França, carta essa que não só chocou profundamente o sr. prof. como a todos os que a ouviram, será isso sinónimo de «Gente de Paz»?

E os milhares de desempregados, de reformados com pensões de miséria, os trabalhadores rurais, pescadores, inválidos e mães solteiras, etc, que certas sociedades anulam, são também «Gente de Paz»?

E aqui vai, sr. professor, a minha modesta sugestão para que no seu e nosso programa seja alterado o título.

É que, sr. prof., o título do seu e nosso programa é uma afirmação falsa.

Jorge de Jesus Fernandes
LISBOA

Confiança

(Poema dedicado a todas as crianças do Mundo, no seu ano, 1979)

Louco! / Porquê louco? / Louco! / Louco por cantar netos e netas, / Gerações, / Crianças de todas as raças, / Nações, / Neste Mundo / De desconfianças!... / Louco! / Louco / Por confiar no Poeta / Que defende / No poema que faz, / As crianças / A caminho / Da igualdade, / Sua futura paz!... / Louco / Louco, / Mas fui criança. / Hoje sou homem / E do Poeta, / O desejo de Mudança: / Ver / No olhar ingénuo / Da criança, / A bela cor verde, / O verde da esperança... / Neste Mundo / De desconfianças, / Cantar netos e netas, / Gerações, / Crianças de todas as raças, / Nações, / Louco, / És o Poeta!

José Cunha Semedo
ALMADA

«Convém não esquecer...»

Numa altura em que o 25 de Abril é tão atacado, convém não esquecer que ele nos trouxe a Paz que o fascismo não conseguiu garantir e a Liberdade que o Estado Novo sempre nos negou; numa altura em que o socialismo é tão atacado, é preciso não esquecer que entre o 25 de Abril de 74 e o 25 de Novembro de 75 houve uma real melhoria das condições de vida do povo português. É óbvio que não se considera aqui como povo, nem os capitalistas, nem os monopolistas, nem os latifundiários (o capital não tem pátria). Alguns apressam-se a refazer as suas vidas no estrangeiro, onde, fraudulentamente, já tinham a maioria dos seus capitais.

Numa altura em que o período «conturbado» da nossa revolução é tão atacado, convém não esquecer que foi a partir do 25 de Novembro, data em que nos começámos a afastar progressivamente de um projecto socialista, que se degradaram efectivamente as condições de vida do povo, que aumentou o desemprego, que aumentou vertiginosamente o custo de vida, que diminuíram as reservas de ouro, que aumentaram os endividamentos externos e, como que «por acaso», regressaram os capitalistas e que se começaram a «devolver» terras aos latifundiários.

Numa altura em que a democracia é tão atacada e em que de alguns socialistas só restam as palavras, convém não esquecer e recordar que «O Povo unido jamais será vencido». Ainda é tempo de unir todos aqueles que tenham um projecto socialista. Não há divergências insuperáveis para aqueles que quiserem mesmo o socialismo. Mas desejá-lo-ão todos aqueles que se afirmam como tal? Aqui está a chave da questão. A História julgará quem traiu os anseios do povo, que, podendo porventura ter preconceitos para como a palavra socialismo, deseja-o na sua essência.

Ao entrar num novo ano, há coisas que convém não esquecer...

Gabriel de Sousa
LISBOA

DE-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contate a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Suspensão de "Contraponto" desencadeia protesto das forças democráticas

«A suspensão do programa «Contraponto» e do seu responsável José Manuel Nunes, por decisão da Comissão Administrativa da RDP é mais um exemplo dos métodos antidemocráticos que o Governo Mota Pinto está introduzindo no sector da Comunicação Social» — afirma o MDP/CDE.

«No próprio momento em que o ministro Proença de Carvalho, em desprezo da opinião do Conselho de Imprensa para a RDP, empossou definitivamente a CA da RDP composta por elementos sem passado democrático (acentua aquela organização política), esta tomou uma atitude que explica o empenho daquele ministro em lhe dar posse».

Sublinha ainda o MDP/CDE que o IV Governo, «sem qualquer apoio popular» e «sem me-

recer confiança das forças políticas democráticas», procura «desviar os órgãos de comunicação social estatizados para uma política de informação obscurantista», tentando monopolizá-los como órgãos de transmissão do pensamento reaccionário das forças mais conservadoras e de propaganda do Governo».

Por isso «precisa de calar aquelas vozes e aqueles programas onde fica se fala de Abril, onde ainda se fala das lutas dos trabalhadores, onde ainda se defende o espírito do texto constitucional».

Em face de tais procedimentos, o MDP/CDE «exorta o povo português a tirar serenamente as necessárias conclusões de acção repressiva do Governo Mota Pinto».

«ODIOSO ACTO DE CENSURA» — AFIRMA CNDLI

Por sua vez, a Comissão Nacional para a Defesa da Liberdade de Informação (constituída por Alcina Bastos, Jerónimo Martins e João Espada) protesta também veementemente pela suspensão do programa «Contraponto» e pede o levantamento de um inquérito.

Afirma a CNDLI que «Contraponto», conhecido pela vivacidade da sua programação, pela objectividade dos seus trabalhos informativos e pela coerência democrática do seu ideário sempre fiel ao projecto constitucional, granjeou «a simpatia e o carinho de vastos sectores de ouvintes da RDP».

E ainda:

«O facto de, na base da sua suspensão, se encontrar uma emissão do passado dia 22 dedicada à Reforma Agrária, é esclarecedor dos intentos da nova Comissão Administrativa da RDP».

A Comissão Nacional para a Defesa da Liberdade de Informação termina por denunciar «mais este odioso acto de censura na RDP e responsabiliza directamente o Governo Mota Pinto pela sua ocorrência». E alerta também para «o avolumar da perigosa ameaça que o Governo faz pesar sobre a Comunicação Social» e chama a atenção para a «natureza anticonstitucional e ilegal das suas medidas visando abafar todas as vozes democráticas no sector».

(Toda a correspondência para

a Comissão deve ser endereçada para a Livraria Opinião, Rua Nova da Trindade, n.º 4).

MARINHEIROS PROTESTAM

Protestando contra a suspensão de «Contraponto», o Sindicato dos Marinheiros Mercantes de Portugal enviou o seguinte telegrama à CA da RDP e ao ministro da Comunicação Social:

«O Sindicato Marinheiros protesta suspensão «Contraponto» nova censura sobre programa sempre esteve aberto órgãos trabalhadores permitindo correcto esclarecimento opinião pública/ como lutaram contra Censura antes de Abril trabalhadores saberão defender liberdade informação actual situação perante ofensiva IV Governo reaccionário serviço burguesia nacional internacional».

CAEIRO OUVIDO SEGUNDA-FEIRA POR COMISSÃO DE INQUÉRITO

A Comissão de Inquérito aos motivos que determinaram a exoneração de Igrejas Caeiro (a funcionar, sem a participação do PSD, no âmbito do Conselho de Informação para a RDP) ouve na próxima segunda-feira a nova Comissão Administrativa daquela empresa pública.

Aquela comissão ouvirá também no mesmo dia o antigo director de Programas da RDP.

Por sua vez, o Conselho de Informação para a RTP reúne-se amanhã no Palácio de S. Bento.

Jornalistas não-alinhados criticam agências noticiosas do Ocidente

«Os jornalistas dos países não alinhados devem unir-se para resistir às quatro grandes agências ocidentais de informação (AP, UPI, Reuter e France-Presse), que tentam desvirtuar as informações internacionais e proteger os interesses dos monopólios que as financiam» — escreve o jornal iraquiano «Al-Tharabe», ao comentar a realização do I Encontro de Jornalistas dos Países Não Alinhados, que se iniciou em Bagdad.

O jornal do mesmo país «Farik Al-Shaab» nota, por seu turno, que a campanha de propaganda lançada pelo Ocidente representa o maior perigo. «Ela visa separar as forças nacionais patrióticas dos países em vias de desenvolvimento das forças progressistas e do socialismo do mundo inteiro» — afirma.

E adianta: «Ao procurar impe-

dir a unidade de acção das forças e partidos progressistas e ao promover a discórdia, a dúvida e a suspeição nas relações entre eles, lançando uns contra os outros, estas agências noticiosas ocidentais, ao serviço de monopólios económicos e financeiros, tentam prosseguir os seus objectivos».

JORNALISTAS NÃO-ALINHADOS DENUNCIAM SADATE

Os participantes no encontro denunciaram ainda a linha do presidente egípcio, Anwar Sadate, para o regulamento do conflito do Médio Oriente, desprezando, na sua posição política, os direitos legítimos dos povos árabes e atacando a República Árabe Palestina.

CI para a Imprensa ouviu Proença de Carvalho sobre desintervenções

O Conselho de Informação para a Imprensa reuniu-se ontem com o ministro da Comunicação Social, Proença de Carvalho, com quem se ocupou de problemas da imprensa estatizada.

As recentes desintervenções do «Diário de Lisboa», «Comércio do Porto» e «Jornal de Notícias», bem como a política geral do Governo na informação, fo-

ram temas abordados durante a reunião, de acordo com o comunicado distribuído no final.

O Conselho de Informação para a Imprensa vai reunir-se no dia 30 para se ocupar das recentes desintervenções, pois considera que elas não alteram o seu papel, por se manterem naqueles jornais as participações do Estado.

Colóquio Internacional de Jornalistas

«Informação numa sociedade democrática» — este o tema de um colóquio a efectuar nos dias 2 e 3 de Fevereiro próximo.

A Comissão Organizadora do colóquio é constituída pelos jornalistas António Ribeiro, Cáceres Monteiro, Veiga Pereira, Ventura Martins, João Gomes, Joaquim Letria, Raul Rego, José Ribeiro dos Santos, Manuel Batoro, Manuel Magro, Manuel Ramos, Norberto Lopes e Nuno Coutinho.

A fim de participarem nos debates deslocam-se expressamente a Lisboa os jornalistas Jean Daniel, director do «Nouvel Observateur», Jean Schwoebel, do «Le Monde», Luis Cebrian,

director de «El País», e Federico Coen, director da revista «Mundo Operário».

o Diário de Lisboa vende-se no CAFÉ CENTRAL de António Batista Paquete Rua Serpa Pinto, 58-60-62 Telef. 42172 CUBA Alentejo

EDP ELECTRICIDADE DE PORTUGAL EMPRESA PÚBLICA ZONA DE DISTRIBUIÇÃO LISBOA AVISO AOS CONSUMIDORES

A melhoria dos nossos serviços de distribuição de energia eléctrica obriga-nos a interromper o fornecimento no próximo domingo, para trabalhos de conservação e ampliação nos seguintes Sectores e Zonas:

2.º — Sector — Conselho de Lisboa: Av.º do Restelo n.ºs 21 a 23 e 10 a 26, Rua D. Lourenço de Almeida n.ºs 15 a 23.

3.º — Sector — Calçada dos Sete Moinhos n.ºs 101 a 123.

8.º — Sector — Av.º Luís Bivar n.ºs 85 a 93 e 32 a 38. Rua António Enes n.ºs 23 a 25 e 13-A a 25-A, 16-A a 28-A.

9.º — Sector — Estrada de Chelas (parte) Calçadinha St.º António (parte), Pátio do Firmino e imediações.

10.º — Sector — Qt.º da Torrinha — Ameixoeira. Ameixoeira (parte) e imediações. Azinhaga das Lajes, Qt.º das Lajes, Qt.º do Pisan e imediações. (Das 8 às 12 Horas).

1.ª Zona — Conselho de Oeiras — OEIRAS: Qt.º dos Sete Castelos, Rua José Diogo da Silva, Av.º do Brasil, Rua da Encosta, Rua D. João de Castro, Rua S. Pedro do Azeiteiro e imediações. (Das 7 às 14 Horas). 2.ª Zona — Conselho de Cascais — ESTORIL: Av.º D. Nuno Álvares Pereira, Rua D. Afonso Henriques, Av.º de Portugal e imediações. ABUXARDA: Largo da Abuxarda e imediações. S. JOÃO DO ESTORIL: Rua Vasco da Gama, Forte de S. António e imediações. (Das 7 às 14 Horas). 3.ª Zona — Conselho de Sintra — SINTRA: Largo Latino Coelho, Rua Fresca, Caminho dos Castanheais e imediações. PERO PINHEIRO: Av.º da Liberdade, Av.º 25 de Abril, Av.º 5 de Outubro e imediações. LOUREL e CAMPO RASO. MEM MARTINS. Bairro de St.ª Teresinha e imediações. (Das 8 às 14 Horas).

4.ª Zona — Conselho de Mafra — S. ISIDORO (Das 7 às 14 Horas). BARRAS: Lado Sul da Povoação de Barras. AVESSADO — FUNCHAL — GALEZ CASAL NOVO — CASAL MOINHOS, ABRUNHEIRA — MOINHOS. (Das 8 às 14 Horas) 5.ª Zona — Conselho de Vila Franca — ALHANDRA parte. (Das 8 às 14 Horas) 6.ª Zona — Conselho de Azambuja — ESPADANAL — AZAMBUJA — VILA NOVA DA RAINHA (Das 8 às 12 h.)

7.ª Zona — Conselho de Alenquer — CARREGADO: Est.ª Nacional, n.º 1, Rua Capitão Tenente Oliveira e Carmo, Rua Manuel António Lains, Rua D. Pedro V e imediações.

ALENQUER, Av.º 25 de Abril (parte), Rua Triana (parte), Rua Serpa Pinto, Rua Pedro de Alenquer, Av.º Lafaurie (parte), Av.º Bombeiros Voluntários, L.º Rainha St.ª Isabel, Calçada Damião de Góis, Q.º de Vale Verde, Alto da Boavista, Est.ª Nacional N.º 9 (Alenquer) e imediações (Das 8 às 14 h.).

ponto a ponto

Uma delegação de deputados portugueses, presidida por António Arnaut, visitará a Holanda de 5 a 10 de Fevereiro. Os parlamentares de Lisboa serão recebidos nas duas câmaras do Parlamento holandês e terão reuniões com as comissões dos Negócios Estrangeiros e Defesa. Previstas ainda uma audiência com o primeiro-ministro daquele país e uma visita à sinagoga portuguesa de Amsterdão.



MÉXICO: AS RELAÇÕES ENTRE OS EUA E A AMÉRICA LATINA (I)

Realizou-se no México entre 8 e 12 de Janeiro, um encontro entre acadêmicos dos diferentes países da América Latina e universitários dos Estados Unidos, para avaliar os resultados da política da Administração Carter com respeito aos direitos humanos.

À reunião, sob o auspício do Centro de Investigação e Docência Econômica (CIDE), do qual um departamento se ocupa de estudar a situação política e econômica dos Estados Unidos, assistiu também, a título pessoal, o funcionário do Departamento do Estado norte-americano, Richard Feimberg.

Do lado norte americano assistiram Abraham Lowenthal, director do Woodrow Wilson Center e Richard Fagen, da Universidade de Stanford, autores de vários trabalhos, publicados em revistas especializadas sobre as relações da América Latina e os Estados Unidos.

Na opinião dos investigadores Luis Maira e Carlos Rico, organizadores do encontro e encarregados do Departamento dos E.U.A., no CIDE, «Nos últimos anos têm-se feito várias considerações globais sobre as relações da América Latina com os E.U.A., mas era imperioso fazer uma análise muito mais detalhada, que contemplasse as re-

lações de cada país latino americano com os Estados Unidos».

A impressão inicial de Maira e Rico, relatada num seminário, é que os Estados Unidos não têm uma única política para toda a área latino-americana, mas em alguns casos delineou políticas específicas para certos países, e, noutros, opera com políticas subregionais.

«Nós cremos, dizem, que em primeiro lugar os E.U.A. prestam atenção aos países qualificados de «potências emergentes», como Brasil, México e Venezuela. Existe a convicção na Administração Carter, que relações fluidas com estes três países da área são determinantes para as relações com o conjunto da região latino-americana».

Em segundo lugar, os E.U.A., orientaram políticas específicas nos chamados casos «test»: Panamá, Cuba, Chile e, pelos acontecimentos recentes, Nicarágua. Nos casos do Panamá e Cuba, as fricções com os Estados Unidos tinham-se prolongado por demasiado tempo.

«Quanto ao Chile, — dizem Maira e Rico — nós pensamos que é um «caso teste» ao qual o próprio Carter atribuiu importância, durante a campanha eleitoral. De facto, a Administração Carter tem feito grandes esforços para desvincular os Estados

JOAQUIM ANDRADE

Unidos do actual regime chileno. E o caso Letelier tem mantido vivo o interesse do governo e do povo dos Estados Unidos».

Nicarágua é o «caso test» imprevisto pelos levantamentos populares e greves generalizadas contra o regime de Somoza, que se desencadearam depois do assassinato do jornalista Pedro Joaquim Chamorro em 10 de Janeiro de 1978.

A Administração Carter encontra-se agora perante o dilema de apoiar Somoza – membros da dinastia imposta pelos EUA há quarenta anos – ou apoiar a oposição.

Por fim, estão as políticas sub-regionais. Em particular, uma política para a zona do Caribe (com exceção de Cuba), que tem importância estratégica para os EUA e uma política para as ditaduras militares do Cone Sul: Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia (este último, agora livre de uma ditadura de sete anos).

No seminário, os assistentes norte-americanos expuseram o seu ponto de vista sobre a política de Carter para a América Latina.

Os latino-americanos analisa-

ram a evolução das relações entre os seus respectivos países e os Estados Unidos desde que Carter chegou à Casa Branca.

Um primeiro balanço deste seminário, parece sugerir, que a política da administração Carter com respeito à América Latina não conseguiu uma melhoria substancial na situação dos direitos humanos no Cone Sul do continente, ainda que tenha contribuído para isolar as ditaduras militares.

Conseguiram-se certos resultados no caso do Panamá, com a assinatura de novos tratados e, no caso de Cuba os avanços foram menores, porque as relações deste país com os Estados Unidos, embora melhorassem em 1977 detiveram-se em 1978 e, na opinião de alguns, até retrocederam.

A política norte-americana para a área, esteve à prova, quando a oposição nicaraguana pôs em cheque a ditadura dos Somoza. Os nicaraguenses, durante o seminário, mantiveram firme, que Carter prestou auxílio ao regime de Manágua e optou por um tirano conhecido ante a incerteza de uma oposição por conhecer.

A DESCRIÇÃO CATASTRÓFICA

Na Assembleia da República, disse o deputado António Guterres, secretário nacional do Partido Socialista: «O discurso do Primeiro-Ministro limitou-se à tentativa de descreção de um quadro catastrófico da vida portuguesa, inteiramente atribuído, por forma directa ou indirecta, aos acontecimentos ocorridos no nosso país após o 25 de Abril.»

Como já alguém notou, o discurso do Primeiro-Ministro recordou o discurso de renúncia do general António de Spínola, esquecido este que fora membro da Junta de Salvação Nacional da revolução emergente e de que era o Presidente da República, esquecido o Professor Mota Pinto da sua passagem pela Assembleia Constituinte e das suas responsabilidades como ministro do Comércio.

Como disse António Guterres «foi um discurso deformante, incoerente e perigosamente bipolarizador». Um discurso que prejudicou a acção que o Presidente da República pretende realizar e intenções que alguns lhe atribuem. O Primeiro-Ministro compromete o Presidente e dele se distancia. Na crítica não o poupa sem se lhe referir. Do mesmo modo, e com a mesma técnica de o atacar sem o referir, com que pretende demolir Mário Soares.

Antônio Guterres afirmaria: «Sem objectividade nem rigor de diagnóstico, não revelou coerência nem visão das soluções.»

Com efeito o País vê-se perante um Governo parado, excepção feita dos domínios em que a actividade do Governo é facciosa e precipitada. Ou, hipótese que não é de excluir: este não é já o Governo que o general Ramalho Eanes apadrinhou.

À MANEIRA DE «POST SCRIPTUM»

O Presidente Mao disse que era bom ser atacado. Aprendi depois de o ter lido, por minha conta e risco, nestes dias de amarga incerteza de Abril apunhalado, que entre vida e morte, enquanto remamos a favor ou contra ventos e mares, ser atacado é a confirmação de que os que querem vencer as nossas ideias precisam de esfaquear o nosso corpo.

As vezes — o que é apenas mais nojento — em vez de lâminas afiadas utilizam as línguas sujas, o vômito, a lama. Usam as armas que lhes quadram, brigos de beco, caluniadores da rua, sombras sem rosto, vozes de nome falso. É o telefonema anônimo. É a carta anônima. A ameaça à distância. A facada em letra impressa.

E há sempre um pasquim... Algumas vezes um editor... Que fazer? Repetir do provérbio árabe a sábia lição: os cães ladram, a caravana passa.

E passamos... Seguimos avante. Prosseguimos a jornada e a tarefa. Cedo-ndo-lhes o direito de ladrar, de insultar, de caluniar. São reles e torpes. Pedir-lhes da torpitude contas em tribunal? Isso não. Além das experiências exemplares quanto à justiça administrada, um processo dar-lhes-ia uma dignidade que não merecem: a de responsáveis pelo que dizem.

São irresponsáveis e vis. Desprezados deverão ficar até ao fim do tempo. Condenados, os grotescos, a alimentarem-se da própria baba. Não são reaccionários ordinários. São miseráveis de alma.

PODER LOCAL

PLANO
DE
ACTIVIDADES
DE
SESIMBRA - 1

«As autarquias locais cabem, nos termos da Constituição da República, a prossecução dos interesses próprios das populações que representam. Esta é a função para a qual o executivo da Câmara Municipal de Sesimbra tem dedicado todo o seu esforço e dedicação. Porém (afirma aquele Município através do Plano de Actividades para 1979), não tem sido tarefa fácil, pois a herança do fascismo não foi ainda totalmente eliminada. Tanto assim é que ao apresentarmos à Assembleia Municipal, de acordo com a Lei 79/77, o Plano de Actividades para o ano corrente, ainda não nos é possível determinar com rigor aquilo que devemos e podemos realizar de acordo

com as nossas intenções e os interesses da população, isto apesar de grandes conquistas já alcançadas, como a Lei de Competências e a Lei de Finanças.»

Esta última lei, «consequência vitoriosa da luta de todas as forças progressistas», virá possibilitar no futuro uma melhor definição do que se pode e deve fazer «sem se recorrer ao expediente de avançar com uma listagem de obras que na maioria das vezes servia apenas para obrigarmos a administração central a olhar para as necessidades das autarquias».

Por outro lado, virá acabar com «o servilismo, a que muitas vezes o Poder Central pretendia obrigar os responsáveis autárquicos para conseguirem verbas com vista à realização das obras necessárias».

Depois de considerações di-

versas, a Câmara Municipal de Sesimbra, empenhada em concretizar realizações no concelho, deixa à assembleia municipal a última palavra, «na certeza de que os seus membros compreenderão as dificuldades na elaboração do Plano de Actividades agora elaborado».

POLÍTICA MUNICIPAL

A actividade da Câmara Municipal de Sesimbra tem sido definida pelo propósito de concretização das normas consagradas na Constituição (isto é, descentralização administrativa e participação das populações) de forma a materializar, na área da sua actuação, «o objectivo de transição para o socialismo». Mas são grandes os obstáculos que se têm colocado ao Município, nomeadamente «através da limitação de meios (técnicos e financeiros), inadequação de



Aspecto parcial de Sesimbra

estruturas dos serviços e confusão de circuitos burocráticos a nível do Poder Central».

O Executivo sesimbrense, na medida em que considera a Lei de Finanças Locais, «uma transformação estrutural importante (mais um passo significativo na revogação definitiva do código administrativo fascista) procurará explorar todas as suas virtualidades, utilizando-o como um instrumento dinâmico ao serviço da população do concelho».

Nesta ordem de ideias, ao apresentar o seu Plano de Actividades para 79, a Câmara Municipal destaca «a importância da Lei das Finanças Locais» e considera já o seu conteúdo na elaboração daquele documento.

Naturalmente que os objectivos da Câmara Municipal decorrem do que atrás ficou dito «e de uma prática já definida em anos anteriores».

Em resumo, os grandes princípios de acção da edilidade seriam os seguintes: resolução dos problemas das populações do concelho; contribuição efectiva para a construção de um Estado democrático; defesa das conquistas de Abril; e formação cívica das populações.

PROBLEMAS
DAS POPULAÇÕES

Uma coisa, no entanto, é certa: a Câmara Municipal de Sesimbra não alimenta ilusões de que a resolução dos problemas da população do concelho está apenas dependente da sua acção.

«Face à gravidade dos problemas», o Município conhece as suas limitações e dependências. O grande público talvez se mostre um tanto indiferente, mas os locais sem dúvida que se interessarão pelo que se passa na sua terra. Assim, «o problema da reconversão da Quinta do Conde e da Lagoa de Albufeira, sua dimensão e a qualidade, são, de facto, exemplos significativos».

Outros exemplos se poderiam apontar: a intervenção nos domínios da Educação e da Saúde, «onde a acção da Câmara Municipal é limitada», cabendo sobretudo ao Poder Central as decisões nesta matéria.

Apesar de tudo, considera o Município oportuno referir «que as populações do concelho, no seu desejo de melhorar as suas condições materiais e culturais, encontrarão no Executivo o apoio necessário».

E se houver dificuldades insuperáveis...?

«Se na resolução dos problemas forem, eventualmente, encontradas dificuldades insuperáveis, a Câmara Municipal, em estreita unidade com as po-

pulações, saberá forjar as condições favoráveis à prossecução das lutas por objectivos justos» — lê-se no Plano de Actividades.

DEFESA DAS
CONQUISTAS DE ABRIL

Afirma o Município:

«É conhecida a ofensiva das forças reacçãoárias que, assumindo as mais variadas formas, se desenvolve em diversas frentes.»

Desde «o ataque desenfreado e traiçoeiro à Reforma Agrária, à recuperação capitalista e imperialista, e a limitação das liberdades, as forças do passado com cobertura, por vezes, de órgãos e poderes do Estado, tudo fazem para denegir a Revolução de Abril».

Um pormenor:

«Até mesmo no nosso concelho essa acção se faz sentir: exemplo característico é a recente provocação de partir a lápide da Rua General Humberto Delgado.»

Nesse campo, Câmara Municipal de Sesimbra, «ao mesmo tempo que testemunha a sua solidariedade àqueles, que no plano concreto da luta, se opõem à vaga de recuperação das forças do 24 de Abril reafirma a sua decisão de promover junto das entidades competentes a investigação e o castigo dos referidos provocadores».

CONSTRUÇÃO
DO ESTADO
DEMOCRÁTICO

«A transição para o socialismo (acentua-se no Plano de Actividades), mediante a construção do poder democrático das classes trabalhadoras, é programa e meta da Constituição.»

Nesse sentido, ao mesmo tempo que o Município manterá

vigilância quanto ao cumprimento deste princípio, promoverá, no âmbito da sua actividade, «um reforço da participação na resolução dos problemas e uma efectiva descentralização para os restantes órgãos autárquicos», nomeadamente as Juntas de Freguesia.

Considera também a Câmara Municipal importante que «os órgãos populares de base, cujos direitos são previstos na Constituição», tenham, «na prática», uma ainda «maior contribuição decisiva na descentralização da vida do município».

FORMAÇÃO CÍVICA

A edilidade sesimbrense considera que o trabalho das autarquias, e particularmente da Câmara Municipal, «é de molde a interessar as populações na resolução dos problemas concretos».

Assim, o Município continuará a sua acção de esclarecimento, procurando apoiar e «apoiar-se na participação das populações», com «a sua energia e espírito criativos», para a resolução de muitos dos problemas do concelho.

A actividade das comissões de aldeia, em colaboração estreita com a Junta e a Câmara, é, de facto, «um claro exemplo de vivência democrática», que a Câmara Municipal continuará a apoiar, «pois nela reconhece uma forma consciente de participação dos munícipes, através da qual se formam laços «de solidariedade e amizade entre todos, no trabalho concreto e mobilizador de construção de uma vida melhor para o povo de todo o concelho...».

Este o espírito da introdução ao Plano de Actividades de Sesimbra. Nos dias seguintes, iremos pormenorizar as suas linhas.

Principia amanhã no LNEC
seminário
sobre Finanças Locais

Amanhã e depois, no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, efectua-se um Seminário sobre a aplicação da Lei de Finanças Locais, promovido pela revista «Poder Local».

A iniciativa visa proporcionar aos membros dos órgãos do poder local, técnicos e outros trabalhadores da administração central e local e outros cidadãos interessados na matéria a reflexão, o estudo e o debate sobre as consequências da aplicação da lei.

O Seminário abre amanhã às 15 horas, sendo proposto um

primeiro tema relativo ao papel das autarquias locais na resolução dos problemas das populações e ao novo tipo de relações entre o poder central e o poder local.

Serão também as novas atribuições e competências das autarquias e as consequências institucionais da LFL.

Domingo, as sessões de trabalho principiam às 10 horas, efectuando-se à tarde um plenário, terminado o qual serão apresentadas as conclusões do Seminário.



Condições e informações:
Departamento Comercial
Serviço Comercial de Passageiros
Estação de Santa Apolónia, 1º andar
1100 Lisboa

 Caminhos de Ferro
Portugueses

MENSAGEM DE CARTER SOBRE O ESTADO DA UNIÃO

Portugal é um elo importante do poderio americano na Europa

● Base de Beja: negociações em Bona

Portugal ocupa lugar prioritário entre o auxílio militar que os Estados Unidos tencionam conceder aos seus aliados da NATO, numa altura em que, em simultâneo, se anunciam novas medidas destinadas a intensificar a pressão armada sobre a União Soviética. A referência a Portugal, juntamente com outra referência à Turquia, foi feita pelo próprio presidente Carter na sua recente mensagem sobre o estado da União. A decisão de desenvolver um novo sistema ofensivo contra a URSS foi, paralelamente, alvo de uma declaração do secretário norte-americano da defesa, Harold Brown.

«A manutenção do poder militar americano é a base essencial para uma política externa corada de sucesso, capaz de salvaguardar a nossa liberdade, as nossas conquistas e as nossas amizades» — disse Carter numa declaração relacionada com o apoio bélico ao nosso País e à Turquia. O presidente acrescentou também que o potencial destruidor da NATO tem aumentado e continuará a aumentar este ano. Neste sentido, e mais uma vez via base das Lajes, nos Açores, com novos aviões de guerra «Fairchild A-10», conhecidos por «mata-tanques», começaram a chegar ontem à Europa. Dezas-seis destes aparelhos aterraram na base inglesa de Bentwaters onde uma parte ficará permanentemente estacionada seguindo outra para a Alemanha Ocidental.

Carter não especificou que tipo de material de guerra irá receber Portugal. No quadro da NATO foi, contudo, anunciado recentemente que uma nova esquadilha aérea seria fornecida à FAP.

Toda esta estratégia em que Portugal se vê envolvido aponta directamente para o reforço do potencial agressivo norte-americano na Europa visando os países socialistas e particularmente a URSS. Foi isto que claramente expôs o secretário norte-americano da Defesa, Brown, ao preconizar entre outras medidas que os EUA mudem o alvo dos seus mísseis nucleares europeus tomando por alvo os silos de mísseis que a URSS tem construído no seu próprio território.

Estas revelações de Brown

situam-se no seu relatório anual ao Congresso sobre a posição militar americana. Entretanto, o general David Jones, presidente dos Estados-Maiores conjuntos dos EUA, numa outra comunicação ao Congresso, acrescentou que a NATO está a preparar novos sistemas ofensivos para aumentar a sua capacidade de ataque nuclear contra a URSS, figurando entre eles um novo míssil balístico de raio de alcance médio e um míssil «Cruise», a motor, que pode ser lançado da terra, do ar ou do mar.

Brown, no intuito de aumentar a capacidade ofensiva do seu país, pediu ainda ao Congresso que aprovasse urgentemente o orçamento de 30 milhões de dólares destinado ao fabrico do míssil estratégico «M-X»: um transportador de tamanho médio.

Todas estas intenções belicistas que transparecem das declarações dos principais responsáveis norte-americanos surgem após a assinatura dos acordos SALT-II que deveriam contribuir para o abrandamento das tensões militares entre blocos. Justificando uma tal política, que ameaça o desanuviamento, os dirigentes dos EUA lançam um processo de intenções contra a URSS que acusam de pretender transformar armamento e produzir novos meios de defesa e ataque.

A curto prazo a política americana poderá fazer desencadear perigosos focos de confronto como é o caso da crítica situação no Irão e Golfo Pérsico. Justificando-se através de novo processo de intenções, os EUA preparam desde já a opinião pública mundial para um agravamento das tensões naquela área, declarando que a URSS pode vir a intervir na zona o que requeriria uma resposta americana.

É de prever que, partindo daqui, os EUA comecem a movimentar forças para a área dado que se mostram pouco dispostos a perder o seu principal bastião no Médio Oriente. Um tal tipo de acção voltará certamente a envolver a presença de tropas estrangeiras em território nacional dado que a base das Lajes continua a ser o ponto favorito de escala das forças armadas americanas.

BASE DE BEJA: NEGOCIAÇÕES ESTE MÊS EM BONA

Vão prosseguir, em Bona, de 29 do corrente a 2 do próximo mês, as negociações para a revisão dos acordos militares luso-alemães, incidindo sobre a utilização da Base Aérea de Beja.

Estas negociações, conduzidas sob a égide do CEMGFA, general Ramalho Eanes, estão a ser realizadas por uma delegação que integra representantes dos departamentos militares e do Ministério dos Negócios Es-

trangeiros, presidida pelo vice-almirante Almeida d'Eça.

Refira-se que no final do ano passado uma delegação alemã se deslocou a Lisboa, para o efeito, sabendo-se que parece assumir lugar significativo no acordo, a utilização da Base de Beja para treino da Força Aérea da Alemanha Federal.

Quanto às conversações com os Estados Unidos acerca da Base das Lajes, nos Açores, um porta-voz do Estado-Maior General das Forças Armadas informou que «as negociações luso-americanas têm decorrido exclusivamente a nível do Governo».

Momento político analisado por Cunhal no Porto e Coimbra

A análise da política do IV Governo e a posição do PCP já definida em recente documento do seu Comité Central deverão ser os pontos fulcrais de duas intervenções que o secretário-geral daquele partido, Álvaro Cunhal, fará amanhã, uma no Porto e outra em Coimbra.

Álvaro Cunhal estará no Porto num comício que terá lugar no Palácio de Cristal, às 16 horas, seguindo depois para Coimbra onde conduzirá uma sessão de esclarecimento no Pavilhão do «Palmeiras» pelas 21 e 30.

Para este fim-de-semana o PCP tem ainda previstas outras realizações que começam esta noite, em Castelo Branco, com

um plenário de militantes para debate da situação política e prosseguirão amanhã com a presença de Joaquim Gomes, na Chamusca, numa sessão de esclarecimento, de Dias Lourenço, em Viseu, num comício, e com o plenário da Organização do Comércio do Centro, em Lisboa.

Para domingo Joaquim Gomes estará também presente em Oeiras na Assembleia Concelhia local, enquanto Blanqui Teixeira e Américo Leal estarão presentes na 1.ª Assembleia da Organização da freguesia de Grândola. Em Viseu, entretanto, decorrerá uma reunião de quadros assalariados agrícolas no auditório da Feira de S. Mateus.

Jorge Miranda aprovado com distinção e louvor

Na Reitoria da Universidade de Lisboa realizaram-se ontem as provas de doutoramento em Ciências Jurídico-Políticas de Jorge Miranda, membro da Comissão Constitucional e antigo deputado constituinte pelo PSD em 1975/76, em grande parte responsável pelo enquadramento técnico-jurídico da Constituição de 1976.

Jorge Miranda foi aprovado com «distinção e louvor», depois de ter defendido durante perto de duas horas a sua tese, precisamente sobre o texto constitucional em vigor.

Do júri, presidido pelo Reitor da Universidade, prof. Ilídio do Amaral, faziam parte três professores de Direito de Lisboa — Freitas do Amaral, Marques Guedes e André Gonçalves Pereira — e um, da Faculdade de Direito de Coimbra — Afonso Queirós, antigo dirigente da União Nacional.

Foi este mesmo júri que teve a feliz ideia de marcar as provas para o apertado espaço da sala de doutoramentos, da Reitoria, pequenissima para conter todos os que pretendiam assistir ao acto.

De fora ficaram para além de numerosos alunos e colegas de Jorge

Miranda, alguns dos seus pares da Faculdade de Direito e na bancada parlamentar do então PPD. Nomeadamente Rui Manchete, Sérvulo Correia, Barbosa de Melo, Sousa Franco foi a excepção que conseguiu entrar.

Entre a assistência viam-se também a dr.ª Isabel Magalhães Colaço, membro da Comissão Constitucional, e a dr.ª Manuela Ramalho Eanes, mulher do Presidente da República e que em tempos foi colega de curso de Jorge Miranda.

Combate à droga

Para preencher o lugar de director nacional, especialmente encarregado dos assuntos administrativos, do Centro de Estudos da Profilaxia da Drogua, concorreram 14 candidatos dos quais acaba de ser nomeado, em comissão de serviço, o dr. António Franco Redondo que exerce, actualmente, as funções de chefe de secretaria da Câmara Municipal de Oeiras.

a máquina é exigente

O mundo industrial é motorizado e mecanizado.

A melhor maquinaria equipa as fábricas.

Na rede rodoviária surgem novas máquinas.

Motores e máquinas dão-se as mãos na mecanizada Agricultura.

Navios e aviões são equipados com os mais avançados mecanismos.

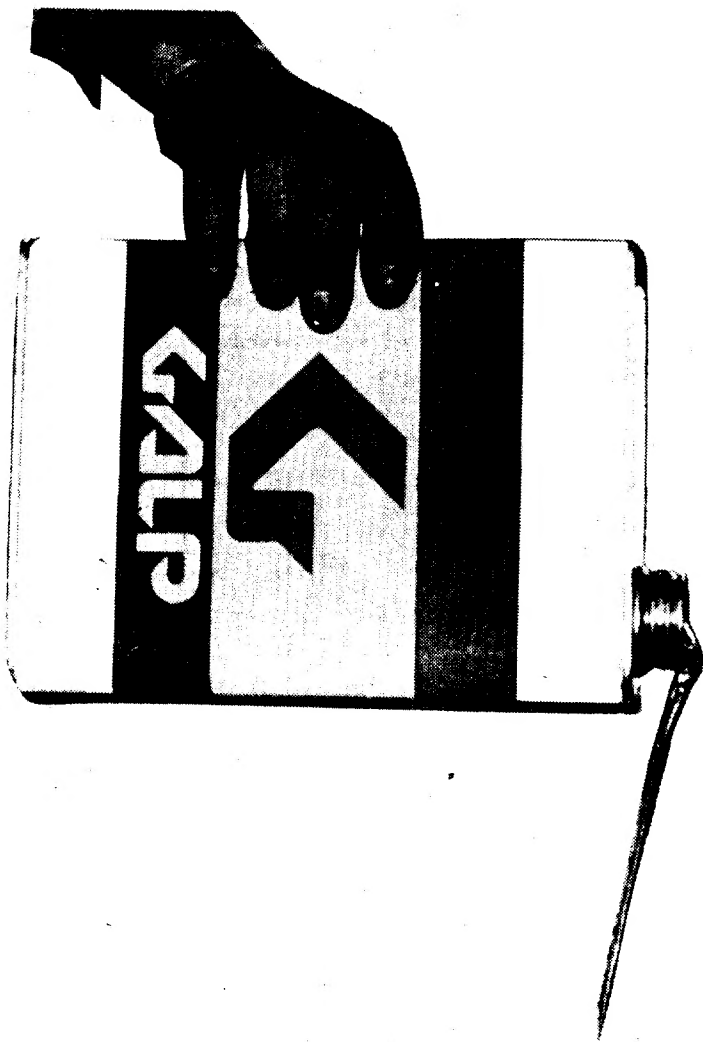
É uma exigência da vida de nossos dias.

Porém, a máquina é exigente.

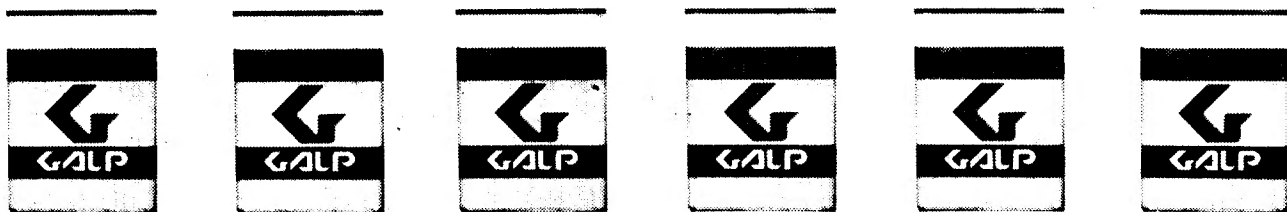
Grupos de técnicos altamente especializados estudaram e analisaram comportamentos de serviço de óleos base e aditivos que satisfizessem todas as exigências da máquina.

E no organismo complicado da máquina o lubrificante é o seu sangue.

Os lubrificantes GALP são qualidade.



damos serviço e qualidade



PETROGAL 2

Mota Pinto e Aristides Pereira reafirmam desejo de estreitar relações

«A cooperação íntima e fecunda entre Portugal e Cabo Verde será a larga avenida por onde os dois povos caminharão de mãos dadas», garantiu ontem o Primeiro-Ministro ao presidente Aristides Pereira, durante o almoço que lhe ofereceu no Palácio da Pena, em Sintra. Na sua alocução, Mota Pinto afirmou também que o Governo português estava aberto à cooperação em novos campos, desejando «estreitar a solidariedade entre Portugal e Cabo Verde, no espírito do respeito e não-ingerência mútuos, no respeito pela especificidade de cada um».

Mota Pinto, assinalou ainda a possibilidade de a colaboração entre os dois países se estender ao sector da política externa, nomeadamente no que respeita ao diálogo Norte-Sul, «com vista à edificação de uma nova e mais justa ordem económica internacional».

Em resposta, Aristides Pereira voltou a sublinhar a vontade que o animava de estreitar relações com Portugal, traçando depois o quadro dos problemas que o seu Governo tem de enfrentar, nomeadamente relacionados com a seca que assola desde há anos o arquipélago.

Apostando os principais objectivos da actividade governativa em Cabo Verde, Aristides Pereira salientou os esforços feitos para diminuir o desemprego, garantir o abastecimento de produtos essenciais, consolidar as estruturas do Estado e reorganizar a administração pública, sem descurar sectores como a educação, saúde e transportes e comunicações.

Depois de apontar o carácter exemplar das relações que Cabo Verde e Portugal estabeleceram após a independência, o presidente Aristides Pereira salientou a importância que no estabelecimento dos laços de amizade

entre os dois países teve a importante colónia de trabalhadores cabo-verdianos a trabalhar em Portugal.

O presidente da República de Cabo Verde demorou-se depois a explicar a política externa do seu país, a qual definiu como fiel à prática e aos princípios do não-alinhamento.

Segundo palavras de Aristides Pereira «valoramos de maneira especial a cooperação com os países da nossa sub-região (...); mantemos relações especiais com os países africanos de expressão portuguesa, que emergiram para a soberania na sequência do processo de descolonização: somos defensores intransigentes da descolonização total de África e apoiamos de maneira firme os movimentos nacionalistas que no Zimbabwe, na Namíbia e na África do Sul combatem denodadamente pela libertação e dignificação dos respectivos povos».



Durante a visita a uma exposição de livros, no Palácio Burnay

Assinado ontem o documento final do acordo sobre educação e cultura

A assinatura do documento final das conversações entre Portugal e a República de Cabo Verde, no domínio da educação e cultura, constituiu o acontecimento relevante do dia de ontem no âmbito da visita do presidente Aristides Pereira que amanhã regressa a Cabo Verde. Dos princípios de intenção sucessivamente reafirmados pelos dois Chefes de Estado, passou-se à prática, com a criação dos instrumentos jurídicos que possibilitam uma real e efectiva cooperação.

Ontem foram ainda rubricados dois novos acordos e quatro protocolos adicionais, que serão assinados amanhã à tarde no Ministério dos Negócios Estrangeiros, e cuja preparação decorreu numa atmosfera de grande abertura e compreensão, segundo as duas delegações.

Um dos acordos diz respeito à cooperação técnica no sector da Comunicação Social e outro à permanência em efectividade de funções de nacionais de uma das partes que, à data do acordo, se encontram ao serviço da função pública da outra parte. Tendo em vista «um melhor conhecimento dos dois povos e a difusão de uma mais vasta informação» Portugal prestará assistência técnica e formação profissional, accionando e desenvolvendo o intercâmbio e a circulação de

jornalistas, bem como de programas e material audio visual.

O segundo acordo, que os especialistas em política externa consideram «raro entre dois países» segundo diz a ANOP, permitirá que cidadãos portugueses e cabo-verdianos que tenham perdido o requisito da sua nacionalidade, permaneçam no exercício das suas funções dentro da administração pública.

Quanto ao ensino, os nacionais de Cabo Verde poderão frequentar as universidades portuguesas, mesmo não residindo em Portugal. Posteriormente será elaborado um estudo que permita a prática do sistema.

Os cabo-verdianos terão também acesso aos centros de formação profissional do Ministério do Trabalho, numa quota mínima a estabelecer, com os mesmos direitos e deveres dos trabalhadores portugueses, incluindo certificados.

Um protocolo adicional ao acordo sobre fretes marítimos e

trocas comerciais, continuando a prática do ano de 1978, permitirá a bonificação dos fretes marítimos, o que poderá exportar o volume do comércio exportador português, que neste momento apresenta o saldo favorável a Portugal de 460 mil contos.

Foi também assinada ontem à tarde a acta do grupo de trabalho sobre os aspectos culturais, de que se destaca a próxima inauguração do Centro Cultural Português da Praia, provavelmente por altura da inauguração das instalações da Embaixada portuguesa na capital cabo-verdiana.

Entretanto anunciam-se como próximas realizações no domínio cultural um intercâmbio entre o Instituto Português de Cinema e o Instituto de Cultura de Cabo Verde, a realização de uma exposição sobre pesca artesanal portuguesa, audições musicais e uma exposição do livro português com incidência sobre o livro infantil.

COMENTANDO A "CONVERSA EM FAMÍLIA" UEDS critica Mota Pinto

Com alguma dureza verbal, a União de Esquerda para a Democracia Socialista, UEDS, emitiu ontem um comunicado tomando publicamente posição perante a comunicação ao país feita por Mota Pinto na passada segunda-feira, e criticando na generalidade e pontualmente a alocução do Primeiro-Ministro.

Segundo a UEDS, a alocução de Mota Pinto lembrou «as antigas conversas em família» e

confirmou as tendências de direita do actual Executivo na sua acção e intenções políticas, nomeadamente no que estas são de contrário à Constituição em vigor e atentatórias das «mais importantes conquistas dos trabalhadores portugueses». O IV Governo, segundo a UEDS, «prepara o terreno para novas capitulações perante o FMI» e o Primeiro-Ministro, na sua alocu-

ção ao país, «tentou persuadir os portugueses da necessidade de facilitar os despedimentos e de agravar ainda mais as condições de vida». Especialmente em questão, a pretensa «inviabilidade das empresas públicas» e a inexistência de «ambiente estimulante para a iniciativa privada»: são argumentos da direita — sublinha a UEDS.

O texto refere ainda o PS, quando responsabiliza «as contradições e cedência deste» na passagem do Executivo actualmente em exercício.

«Dias mais difíceis se aproximam», prevê a UEDS. Todavia, esta organização, no seu texto, considera que «existem forças suficientes para enfrentar todas as actuações antidemocráticas e antipatrióticas».

Necessário no entanto — preconiza o texto — que «todas as forças democráticas e todos os antifascistas cerrem fileiras, multiplicando acções e esforços que possam alargar a frente de luta, ganhando para a defesa consequente dos ideais de Abril os conciliadores e os hesitantes».

CARTÃO INTERNACIONAL DE ESTUDANTE TURISMO JUVENIL

P. de Londres, 9-B - Lisboa
Tel. 88 49 57
Sede
R. Eça de Queiroz, 20-A - Lisboa
Tel. 54 86 85



SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO DISTRITO DE SETÚBAL ASSEMBLEIA GERAL

Nos termos do disposto nas alíneas b) e c) do artigo 31.º, congregado com o artigo 32.º dos Estatutos do Sindicato, convoca-se a Assembleia Geral do Organismo para o dia 27/1/79, pelas 10 horas no INATEL — SETÚBAL, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

- 1.º — Apreciação e votação do orçamento para o ano de 1979
- 2.º — Apreciação e votação do Relatório e Contas do ano 1978

Setúbal, 10/1/1979

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Basílio Pinto Cabral

NOTA: Para transportes contacta com os Delegados Sindicais, as Delegações e a Sede do Sindicato

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

TÉCNICOS DE CONTAS

Reavaliação de Activos

(Decreto-Lei n.º 430/78 de 27/12)

COLÓQUIO

Convidamos os nossos associados TÉCNICOS DE CONTAS a participarem no COLÓQUIO SOBRE REAVALIAÇÃO DE ACTIVOS, ao abrigo do D.L. n.º 430/78, promovido pela CAMARA DOS TÉCNICOS DE CONTAS, no próximo dia 26 do corrente mês de Janeiro, pelas 20.30 horas, na Rua do Alecrim, n.º 46 - 1.º, em Lisboa.

A DIRECÇÃO



G A R P H U S

RESTAURANTE, CERVEJARIA E RESIDENCIAL
GRANDE CAMPANHA DE MARISCO
SAPATEIRAS DESDE 340\$00
ABERTO TODOS OS DIAS

Rua Basílio Teles, 1
R. Prof. Lima Basto, 101-B

TELEFONE 7795 22
L I S B O A

CAPAS HELE EM PLÁSTICO PARA AUTOMÓVEIS

PARA PROTECÇÃO DE POEIRAS E CHUVA

6 TAMANHOS: de 450\$00 a 780\$00

Práticas — Pouco volume — Resistentes * Envia-se à cobrança



HELE —

Portela do Baixo — Gulpilhares — V. N. Gaia — Estrada Nova n.º 109 de Porto a Espinho — Telef. 9622556

As questões práticas da cooperação no roteiro das visitas

O presidente Aristides Pereira, acompanhado pelo secretário de Estado das Pescas e pelo director-geral desse departamento, visitou ontem de manhã, em Pedrouços, as instalações da Escola Profissional de Pesca, que conta este ano com uma frequência de 100 alunos, e onde se encontram a frequentar um curso básico de pesca 17 jovens cabo-verdianos.

O chefe do Estado de Cabo Verde, que trocou impressões com o director daquele estabelecimento de ensino profissional, e observou sistemas de sondas e radares ali existentes para a formação de pescadores, bem como os trabalhos de vários alunos, seguiu depois para o Palácio de Queluz, juntamente com sua esposa, onde recebeu os cumprimentos do corpo diplomático acreditado em Portugal.

A cerimónia, que decorreu na sala dos espelhos, foi precedida pela passagem em revista a uma formação de guarda de honra prestada pela GNR, pelo decano do corpo diplomático, monsenhor Angelo Felicci.

MAIS VISITAS

DA PARTE DA TARDE

Prosseguindo o seu programa de visitas, o presidente Aristides Pereira visitou da parte da tarde a doca de pesca de Pedrouços, onde foi recebido pelo presidente do Conselho de Gerência da Docapesca, que expôs a orgânica e actividade daquela empresa.

O presidente cabo-verdiano, a quem foi oferecida uma medalha

de bronze alusiva à inauguração daquelas instalações, visitou os sectores de informática, lota, cais e instalações frigoríficas e assinou o livro de honra.

Ainda durante a tarde, Aristides Pereira visitou o Instituto de Higiene e Medicina Tropical, onde fez questão em saudar compatriotas seus que ali se encontram internados. Entre esses doentes inclui-se Venância Marques Vieira, irmã do primeiro-ministro da República da Guiné-Bissau.

A entrada Aristides Pereira foi homenageado por um grupo de trabalhadores daquele Instituto que lhe ofereceu um ramo de cravos vermelhos com a seguinte dedicatória: «Flores do Portugal de Abril para Cabo Verde, livre e independente».

No decorrer da visita foi manifestado tanto pelo Presidente como pelo director do Instituto, Santos Reis, o desejo de «intensificar a cooperação já existente no domínio da saúde tropical».

Na antiga Junta de Investigação Científica do Ultramar, Aristides Pereira observou o valioso conjunto de livros científicos ali expostos.

Foi recebido pelo ministro da Educação e Cultura, Valente de Oliveira, que classificou o recheio cultural e científico daquela instituição como «património comum da humanidade», e sublinhou que a utilidade social de todo aquele conjunto de conhecimentos «poderá agora ser igualmente aproveitada, sobretudo para o bem dos povos que,

como Cabo Verde, se encontram, pela comunidade da língua, ligados a Portugal».

O ministro revelou que o Governo se encontra empenhado presentemente num esforço para dotar aquela instituição da estrutura e meios adequados. «A estrutura a criar a curto prazo, disse, e que constituirá o Instituto Nacional de Cooperação Científica, estará pois fundamental e prioritariamente motivada para acorrer, com eficiência, rapidez e abertura, a todas as oportunidades de colaboração que se ofereçam, entre o nosso país e todos aqueles que o desejem, num espírito de amigável convivência, fraternidade e respeito mútuo semelhantes aquele que

tem vindo a ser assumido por Cabo Verde e Portugal».

HOSPITAL DA CVP

A mulher de Aristides Pereira, no âmbito do seu programa especial, visitou ontem a sede geral da Cruz Vermelha Portuguesa e a Casa de Saúde da Cruz Vermelha. Na sede desta instituição, o respectivo presidente, brigadeiro Tender, fez uma breve exposição sobre as actividades da CVP.

Na Casa de Saúde, a mulher do presidente da República de Cabo Verde deslocou-se à Escola de Enfermagem, a uma sala de aula em pleno funcionamento, ao serviço de sangue, à maternidade e ao parque das crianças.

Intersindical foi ao Parlamento

Delegações da CGTP-Intersindical, da Molaflex e de associações e cooperativas de habitação foram ontem recebidas no Parlamento.

Deputados da comissão parlamentar de Economia receberam a representação da CGTP-Intersindical, na ocasião, o seu interesse na reactivação do Conselho Nacional do Plano e do Conselho Nacional de Rendimentos e Preços.

Os representantes da Intersindical protestaram contra a degradação do poder de compra da população e apresentaram reivindicações aprovadas no plenário de sindicatos efectuado em Dezembro último.

Trabalhadores da fábrica Mo-

laxel (S. João da Madeira) foram recebidos por deputados de vários partidos junto de quem — disse António Silva, um dos elementos da delegação — protestaram contra a tentativa de despedimento ou, em alternativa de redução do tempo de trabalho mensal, que ameaça 600 dos 1700 trabalhadores daquela empresa.

Entretanto, uma delegação do secretariado nacional provisório das associações de bairros de lata e bairros degradados foi recebida por deputados do PS e do PCP.

Durante o encontro foram debatidas as dificuldades financeiras com que se debatem aquelas associações e cooperativas.

Governo e partidos dialogam

sobre Lei das Finanças Locais

Delegações dos quatro principais partidos estiveram ontem de manhã, em S. Bento em audiências sucessivas com uma representação governamental para ouvirem da parte do Governo uma exposição e pontos de vista acerca das dificuldades que se levantam à Lei das Finanças Locais. Foi a primeira duma série provavelmente de duas ou três reuniões a completar nos próximos dias, antes da apresentação do diploma na Assembleia da República para discussão e aprovação.

Da parte do Governo estiveram nos encontros nada menos do que seis ministros: o vice-primeiro-ministro das Finanças, Jacinto Nunes, o ministro adjunto do primeiro-ministro, Alvaro Monjardino, e os titulares das pastas da Administração Interna, Gonçalves Ribeiro, da Educação, Valente de Oliveira, dos Assuntos Sociais, Pereira Magro, e das Obras Públicas, Almeida Pina.

O primeiro encontro foi com o PSD. Seguiram-se encontros com o PSD, o CDS, e o PCP. A delegação do PS era composta por Jorge Campinos, Ferreira Lima, Eduardo Pereira e Aquilino Ribeiro Machado. No final, Jorge Campinos falou aos jornalistas mas não forneceu muitos pormenores acerca da posição do PS sobre a Lei das Finanças Locais. Trata-se, para o PS, e segundo Campinos, de uma questão complexa, que o partido tem de estudar devidamente, dada a sua inúmera implantação ao nível das autarquias. Quanto ao

encontro, ele foi bastante positivo, segundo o dirigente do PS.

A delegação do PSD integrava Meneres Pimentel, Pedro Vasconcelos, e Moura Guedes. No final da reunião, foi Meneres Pimentel quem falou aos jornalistas, dizendo-lhes, entre pouco mais, que a delegação se limitara a receber um documento que o Governo lhe entregava, propondo um faseamento da aplicação da lei. O PSD acha que o documento não é suficientemente «concreto». Por isso pediu uma «listagem» dos empenhamentos e das dificuldades imediatas. Depois vai estudar o assunto e pronunciar-se.

A aplicação da Lei das Finanças Locais é uma questão «grave», segundo Rui Oliveira, que falou pela delegação do CDS. «O Governo aceita disciplinadamente a lei em si, mas sente que há dificuldades na sua aplicação integral», segundo o mesmo dirigente centrista. Quanto ao CDS, parece que, nesta questão, ele não se encontra suficientemente demarcado das posições do Governo.

Já o mesmo não sucederá com o PCP. Segundo Carlos Brito, que falou aos jornalistas no final da reunião, o PCP «nunca negociará a aplicação da lei», já que ela foi aprovada por unanimidade na Assembleia da República. A lei «deve ser aplicada globalmente, porque faz justiça às autarquias locais, à província — sublinhou Carlos Brito —, tendo criado já expectativas que não se podem defraudar».

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA HOTELARIA, TURISMO, RESTAURANTES E SIMILARES DO SUL

ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES

DIA 31 DE JANEIRO DE 1979

LISTAS CANDIDATAS AO ACTO ELEITORAL

Ao abrigo do Artigo 89.º dos Estatutos deste Sindicato, informam-se todos os associados de que foram aceites definitivamente as candidaturas das seguintes listas:

LISTA A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL Alonso Monteiro Américo Nunes Joaquim Pereira Pires Maria Manuela Antunes Barreto Matilde Graça de Jesus SUPLENTE Francisco Maria Sousa Olivia Maria da Costa Taveira Vasques DIRECÇÃO Adelino Paulo Afonso Alfredo Lourenço Pinto Alice Carvalho Noruegas Dias da Rocha Domingos de Sousa Gomes Gustavo António Martins Adolfo Herculano Gonçalves Pereira Idalina Maria Rocha Correia da Silva Inácio António Sobral Astúcia Jacinto Diogo Luís Joaquim Maria da Silva José de Ascensão Sargento José Pires de Pina José Rosalino Ferreira Ratana Luís Manuel Guia Graça Manuel Joaquim Carvalho Taborda Manuel Monteiro da Silva Ricardo Feliciano da Silva SUPLENTE João Fernando Gomes Vicente José Patrocínio Baptista dos Santos	Manuel dos Santos Arrais Maria do Carmo Barata de Almeida Maria de Lurdes Antunes das Neves CONSELHO FISCAL João Eusébio Bandejas Arrais Maria Emilia dos Santos Pinto de O. Nunes Porfírio de Jesus Martins SUPLENTE Luís Manuel Nobre da Conceição LISTA B MESA DA ASSEMBLEIA GERAL Manuel Oliveira Ferreira Maria Isabel Pereira da Sá Pessoa Rui Luís Carvalho Celestina de Jesus Maria Adelaide Fernandes Nunes SUPLENTE Joaquim dos Santos Almeida DIRECÇÃO Guilherme Jacinto Leite Alfonso Barros Pinheiro Artur Martins Caetano Januário José Barata Neutel José Eugénio do Carmo Rebelo Joaquim Manuel Bello Mália Maria Manuela Madeira de Freitas Teresa Maria Nobre Marques Estrela	Fernando da Costa Oliveira Cesaltina Maria Guerreiro Aires Augusto Gonçalves Bernardo Maria Laura Freitas Rodrigues Patrocínio Máximo Vicente Carlos Alberto Ferreira Aires Correia Rodrigues António Francisco Jesus Paulo Jerónimo Manuel Bello Mália SUPLENTE António Manuel Grafino Cid CONSELHO FISCAL António Gil de Sá Manuel Augusto dos Santos Ana Bela Amaro Teixeira Rodrigues LISTA C MESA DA ASSEMBLEIA GERAL Armando Fernandes Farinha Fernando de Jesus Nunes Duarte de Almeida Manuel Vieira Dias Carlos dos Prazeres Rodrigues Galvão SUPLENTE Jorge Nascimento Dias Carminda Henriques dos Santos DIRECÇÃO Victor Manuel Rodrigues Carapinha Manuel Araújo da Cunha	João José Esteves da Silva José Matos de Andrade Manuel Barata da Costa João Soares Pinto Jorge Clemente Rodrigues Pereira Pedro Bernardino de Carvalho Franklin do Sacramento Coutinho Soares Luís Edmundo Coimbra de Sá Dinis José Rodrigues José da Silva Ferreira Maná Martins Victor Manuel Conceição Reis Ilídio Joaquim Mendes Fernando Marques Geraldes José Alberto Almendra SUPLENTE José Alberto Padrão Jorge Manuel Gonçalves Dinis Manuel José Brás Caniço CONSELHO FISCAL António Jesuino Natalia Maria Garcia Alves Lameiras Victor Manuel dos Santos Moreira SUPLENTE David Martins Valdemar Manuel Camarinha Félix LISTA D MESA DA ASSEMBLEIA GERAL Manuel Sago Rodrigues Agostinho Sequeira dos Santos José Carlos Rebelo da Costa Albertino Rosa da Silva Carlos José Duarte Pereira	SUPLENTE Maria Celeste da Conceição Vidal Augusto Fernando do Rego DIRECÇÃO António Alfredo Batista Pinela António Delfim Vieira dos Santos António Neves Pereira Arménio de Jesus Fernandes Artur Joaquim Correia Astrogildo Bernardino da Cruz Barreiros Avelino Bastos de Sousa Lisete do Carmo Baptista Fernando Oliveira Gouveia Frederico José Somengo Pacheco Ferreira Elisio Custódio da Silva Maria José Martins Roque Manuel José dos Santos Teixeira Silvénio Guerreiro Pais Carriho Victor Manuel Jacinto Lopes Maria de Lourdes Batista António Pires Leitão SUPLENTE Adelino Manuel Ferreira Vanâncio Manuel Ferreira da Costa CONSELHO FISCAL Fernando Rodrigues Vasconcelos Avelino Antunes Ribeiro Antero Correia Jacinto SUPLENTE Arminda da Encarnação de Pinho Cunha
--	---	---	--	---

TRABALHADOR DA HOTELARIA

O reforço da Unidade dos trabalhadores da Hotelaria e a crescente democratização da vida interna do nosso Sindicato passa pelo exercício do direito de voto.

É um dever votares no teu Organismo de Classe, no próximo dia 31 de Janeiro de 1979.

Votando, estarás a defender os teus interesses.

Só a tua participação, poderá garantir a continuidade dum verdadeiro Sindicalismo Unitário, Democrático, Independente, de Massas e de Classe.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

a) MARIA MANUELA ANTUNES BARRETO

Lisboa, 25 de Janeiro de 1979

CGTP-IN desmascarou 'demagogia' contida no discurso do Primeiro-Ministro

«O discurso do Primeiro-Ministro é não só uma declaração de guerra aos trabalhadores, às suas organizações, aos seus direitos e liberdades, mas também uma peça claramente inserida na estratégia de direita reacção e fascista, do confronto inevitável».

A afirmação é extraída dos comentários ontem divulgados pela CGTP-IN e que resultaram da análise feita ao referido discurso, em plenário do Secretariado Nacional daquela organização.

Do texto divulgado pela Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses: «A ideia global que ressaltava da comunicação de Mota Pinto é a clara intenção do Governo de pretender aplicar, através da utilização da demagogia e do uso dos métodos arbitrários, autoritários e repressivos, uma política antipopular, virada exclusivamente contra os trabalhadores, em favor dos opressores do 24 de Abril e ameaçando as conquistas consagradas na Constituição».

«Por isso» — prossegue o comunicado — «a CGTP-IN considera ser seu dever alertar os trabalhadores, os democratas, os órgãos do Poder responsáveis pela fiscalização da letra e do espírito da Constituição, e a opinião pública, para o conteúdo, significado e alcance do discurso do Primeiro-Ministro».

A propósito da «conversa», de Mota Pinto, a CGTP-IN colocou agora algumas perguntas como, por exemplo, se é ou não verdade que, «apesar das promessas nunca cumpridas pelos sucessivos Governos Constitucionais, os trabalhadores durante

os anos de 1976, 1977 e 1978 perderam 25% do seu poder de compra?».

Transcrevemos do comunicado:

«É ou não verdade que durante o mesmo período, só os desempregados inscritos na Direcção-Geral de Emprego, que representam apenas uma parte do total de desempregados existentes no nosso país, aumentaram, entre Julho de 1976 e Outubro de 1978, em mais de 113 mil?»

«É ou não verdade que, durante o mesmo período, os índices de paralisações na produção, por conflitos laborais, se situa nos mais baixos da Europa?»

«É ou não verdade que, apesar dos sacrifícios impostos aos trabalhadores, durante o mesmo período, a economia estagnou, a dívida externa aumentou e a situação cambial chegou a períodos de quase ruptura?»

«É ou não verdade que, entre o fim de 1975 e o fim de 1978, a parte do rendimento que coube aos trabalhadores diminuiu de 63% para menos de 48%, enquanto se verificou um crescimento vertiginoso dos lucros, durante o mesmo período?»

«É ou não verdade que a produtividade aumentou em Portugal mais de 7% em 1976, 4% em 1977, e que, em 1978, tomou também a crescer?»

«Ninguém de boa-fé, nenhum dado estatístico sério, pode demonstrar que a resposta a todas estas questões não é unicamente sim».

As perguntas da Intersindical

dirigem-se ainda à demagogia do «professor»: como falar «nos interesses dos reformados, desempregados, donas de casa, quando, no mesmo discurso, se anunciam mais restrições na saúde, na habitação, nas pensões de reforma e novos aumentos nos transportes e nos bens de primeira necessidade?»

Assinalando que todos eles se encontram unidos «na luta pela defesa das suas justas e realistas reivindicações», a CGTP anuncia naquele documento que, apesar das ameaças feitas pelo Primeiro-Ministro, não serão aceites despedimentos na Função Pública, limitação e repressão nas actividades sindicais, reposição de formas de censura nos órgãos de comunicação social estatizados, diminuição do seu já baixo nível de vida, agravamento ainda maior das difíceis condições de vida dos reformados, dos desempregados e de outras camadas desfavorecidas do povo português, maior prepotência para que os patrões possam despedir, ataque irresponsável e desenfreado às empresas nacionalizadas e à Reforma Agrária, chegando-se mesmo a usar para tal fim, dados falsos e mentiras, maior submissão ao imperialismo».

Para a Confederação, a actualização de Mota Pinto «tem um significado muito importante: ele sabe que para levar à prática a sua política tem necessidade de quebrar a unidade dos trabalhadores e das forças democráticas e populares que lutam pela defesa da democracia e da Constituição».

E quase a finalizar: «Porque a CGTP-IN manterá inalterável o seu caminho de unidade, porque conhece o sentir e a consciência dos trabalhadores, não tem dúvida em afirmar que os trabalhadores não se deixarão enganar com a demagogia, não se atemorizam com ameaças e, pelo contrário, continuarão firmes e determinados em lutar contra a recuperação monopolista e latifundiária, contra a submissão de Portugal, ao imperialismo e pela defesa dos seus direitos e garantias».



A fábrica de limas tem neste momento a produção reduzida a metade, mas os trabalhadores mostram-se dispostos a resistir

“Tomé Feteira” ameaçada pela banca e patronato

Graças a diligências encetadas ontem em Lisboa por membros da Comissão de Trabalhadores da empresa de limas José Feteira, de Leiria, será possível pagar este mês os salários aos seus 560 trabalhadores, o que até agora esteve em dúvida.

A situação difícil da empresa está a degradar-se ultimamente em ritmo mais acelerado devido a dois boicotes contra os trabalhadores que se mantêm, todavia, à frente da gestão da empresa. Por um lado, a Fábrica de Aços Tomé Feteira, associada da empresa de limas e gerida por familiares dos Feteiras, não fornece, desde Junho de 78, o aço, matéria-prima fundamental à

produção de limas. Por outro lado, a Banca congelou desde Setembro passado, as contas, não permitindo que os trabalhadores movimentem o dinheiro depositado. Esta medida seguiu-se à resolução do Tribunal de Relação de Coimbra que declarou a comissão de trabalhadores sem personalidade jurídica.

Actualmente a empresa de limas, devido a este duplo boicote está a produzir metade do que a sua capacidade permite.

Entretanto, os trabalhadores tiveram conhecimento de duas tentativas de compra das empresas. Uma, pelo consórcio proprietário da fábrica de con-

servas e farinha de peixe, «A Seixal», do Seixal, que não chegou a concretizar-se devido à recusa dos accionistas da fábrica do aço que a venderam e outra, do grupo proprietário da fábrica «Os Gaúchos», de Sintra, produtora de alfaias agrícolas. Relativamente a esta hipótese de compra, pensa a comissão de trabalhadores que estará nela envolvida qualquer jogada para favorecer o regresso dos Feteiras.

Os trabalhadores da empresa de limas manifestam a disposição de continuar a resistir às manobras contrárias aos seus interesses, confirmando a firmeza já demonstrada na oposição ao regresso dos Feteiras, apesar de a fábrica lhes ter sido devolvida.

GAIA

GNR na fábrica para “proteger” gerente

Os trabalhadores da empresa têxtil AC da Cunha Morais (de Crestuma, Gaia) reúnem-se hoje em plenário para analisar a evolução do conflito que os opõe à administração, na base de reivindicações de carácter salarial e anti-repressivo.

De acordo com um documento divulgado pelo Sindicato Têxtil do Porto, o gerente da empresa «usa e abusa da repressão e de

tentativas de despedimento contra os trabalhadores para continuar a pagar salários miseráveis de 4800 escudos a cerca de 80 por cento dos trabalhadores».

Há dias, uma força da GNR omviadiu as instalações da fábrica, com intuito intimidatório, alegando encontrar-se ali para proteger o gerente. «Esta actualização verificou-se quando dirigen-

tes sindicais iniciavam um plenário na empresa, e tentavam ajudar a resolver o conflito existente pela via do diálogo», informa o sindicato. No entanto, a GNR, «recusando-se a ouvir os elementos do sindicato que tinham acabado de chegar à empresa e impedindo o diálogo com o gerente Mendonça, contribuiu para que o conflito se agravasse».

Posteriormente, os operários «retomaram o trabalho dentro da maior ordem», mantendo-se na disposição de ir para a greve se entretendo não forem satisfeitas as suas pretensões, nomeadamente o pagamento do salário mínimo nacional e o fim da repressão (há processos disciplinares instaurados a uma empregada).

Uma paralisação chegou a estar prevista para ontem, mas foi suspensa para possibilitar o diálogo trabalhadores-gerência. A fábrica AC da Cunha Morais emprega 270 trabalhadores.

MURPI em plenário

O Movimento Unitário dos Reformados, Pensionistas e Idosos (MURPI) vai realizar amanhã o seu primeiro plenário nacional, para análise das actividades da comissão coordenadora, debate da situação em que vivem os idosos, discussão do projecto de realizações para o ano de 1979, e eleição do conselho técnico e informativo.

O plenário efectua-se no refectório da Carris, em Santo Amaro (Lisboa).

ELEIÇÕES NO SIESI

Lista “A” aposta na unidade

Os componentes da lista A, candidata às eleições para os corpos gerentes do Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas, no dia 29 divulgaram a sua actividade durante a campanha eleitoral, em conferência de imprensa, que esta manhã se efectuou na sede do Sindicato em Lisboa.

Além de duas conferências de imprensa, a lista A, unitária e proposta pela actual direcção, promoveu 12 plenários de empresa e editou 9 mil cartazes, 5 mil programas de acção, 13 mil manifestos, 10 mil folhas de apoio, 3 mil autocolantes, entre outro material de propaganda.

Formaram-se comissões de apoio à lista A, em 25 das grandes empresas de Lisboa. «O contacto com os trabalhadores fez criar aos novos elementos um espírito de unidade bastante bom, assim como contribuiu para uma melhor consciencialização da classe», afirmaram os componentes da lista A, os quais pertencem na maioria aos actuais corpos gerentes, ocupando os restantes lugares na lista dez novos elementos, todos eles com experiência sindical.

Por melhores condições de vida e pela defesa das conquistas de Abril, é a sigla da lista unitária que se propõe também lutar contra o divisionismo sindical, pelo movimento sindical unitário, pelo reforço da unidade e organização e pela consolidação do sindicato vertical.

No próximo dia 29, os sócios do Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas, podem votar das 8 às 23 horas, na sede do Sindicato (Avenida Almirante Reis, 74 G)

Medidas repressivas na construção civil

«No sector da construção civil assiste-se a uma manobra orquestrada pelo grande patronato reacção no sentido de intimidar e provocar os trabalhadores da construção civil, especialmente os mais combativos, quer sejam simples sindicalistas, membros de comissões de trabalhadores, delegados sindicais ou dirigentes», afirma-se num comunicado divulgado pela direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil do Distrito de Lisboa.

O documento refere, a título de exemplo, o caso de dois dirigentes sindicais recentemente atingidos por medidas repressivas. Trata-se de Joaquim Francisco da Gama, subitamente despedida pela firma João Pin-tasilgo (Cascais), e de Abílio

Duarte Pereira, da empresa Edifer, suspenso sem vencimento durante seis dias por ter promovido uma paralisação de apoio à Reforma Agrária.

«Estes exemplos, e muitos outros, só servem para reforçar a nossa organização e intervenção sindical nas empresas», comenta o Sindicato.

«É a luta do dia-a-dia que nos ensina que, onde há repressão, há resistência, e que a razão dos trabalhadores acaba sempre por vencer, custe o que custar».

Para o Sindicato, este tipo de acção patronal tem «luz verde do Governo», e constitui uma vingança pelas «derrotas sofridas face à determinação e organização dos trabalhadores portugueses».

1.º DE MAIO

Multiplicam-se os protestos contra a administração do INATEL

A atitude assumida pela comissão administrativa do Inatel, ao recusar a cedência do Estádio 1.º de Maio para as comemorações do Dia Mundial do Trabalhador, continua a motivar vivos protestos por parte dos mais diversos sectores laborais e sindicais.

O Sindicato dos Trabalhadores Gráficos do Sul, por exemplo, expressou o seu repúdio pela decisão do Inatel, solidarizando-se com a CGTP-Intersindical Nacional, quando esta diz que não recuará na organização das comemorações nos locais que os trabalhadores, desde o 25 de Abril, têm utilizado para o efeito.

Por seu turno, o Sindicato dos Marinheiros Mercantes de Por-

tugal fez chegar à CA do Inatel um telegrama de protesto, no qual afirma que o Estádio «não pertence ao Inatel mas sim a todos os trabalhadores, que conquistaram esse direito desde 1974». Mais: «a vossa medida de conluio com a UGT não impedirá a CGTP e o Movimento Sindical de mostrarem a sua força e unidade no Dia Mundial dos Trabalhadores».

Posição idêntica foi assumida pelo Sindicato dos Pescadores do Distrito de Leiria (Peniche), que abrange no seu repúdio a ameaça de despejo que o Inatel faz pairar sobre a CGTP-Intersindical Nacional.

Construção civil denuncia eleitoralismo na JF dos Santos

Uma reunião convocada para a Obra de Urbanização da Portela por elementos estranhos à empresa Joaquim Francisco dos Santos, foi agora denunciada pelo Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil do Distrito de Lisboa.

No entender deste sindicato, trata-se de uma tentativa de manipulação «aliás desmascarada», de «alguns trabalhadores para fins desonestos dos promotores dessa pseudo-reunião».

A convocatória da reunião foi feita à margem das estruturas dos trabalhadores e teria, ainda, como objectivo as eleições para os corpos gerentes do Sindicato.

Além disso, a sombra de uma «pseudo-Comissão Eleitoral», os promotores do Encontro pretendiam «eleger um delegado sindical totalmente à margem das estruturas e da vontade da maioria dos trabalhadores da empresa».

Em risco com este procedi-

mento, a unidade sindical, tanto mais que estes procedimentos se fazem, diz o sindicato, em nome da defesa do movimento sindical unitário e da «prestigiada CGTP-Intersindical Nacional».

Segue-se, no documento a que nos referimos, um apelo tendo em vista a realização, no próximo mês, da Conferência Nacional sobre Organização Sindical, no sentido de ser conseguida uma unidade nos locais de trabalho para desmascaramento, de uma vez por todas, dos divisionistas da UGT.

São atingidos, também, por este apelo, «todos aqueles que dizendo defenderem a unidade do movimento sindical, na prática do dia-a-dia actuam exactamente ao contrário do que dizem, fomentando a divisão e contribuindo para o enfraquecimento da unidade indispensável à nossa vitória».

Estudantes do Ensino Superior obrigados a rastreio de doenças pulmonares e vasculares

Sob pena de anulação de matrículas, todos os estudantes do Ensino Superior serão obrigados a fazer o rastreio de doenças pulmonares e cardiovasculares, segundo determina um despacho dos secretários de Estado da Juventude e Desportos e do Ensino Superior.

Em cumprimento desse despacho os Serviços Médico-Universitários da Universidade de Lisboa, da Direcção-Geral de Apoio Médico, com sede na Avenida Júlio Diniz, n.º 29, procederá ao rastreio dos universitários de Lisboa, pela seguinte ordem: de 29 de Janeiro a 3 de Fevereiro — Faculdade de Ciências, de 6 a 14 de Fevereiro — Faculdade de Direito, 16 e 17 de Fevereiro — Faculdade de Farmácia, de 20 de Fevereiro a 10 de Março — Faculdade de Letras, de 13 a 20 de Março — Faculdade de Medicina, 22 e 23 de Março — Instituto Superior de Agronomia, 26 e 27 de Março — Escola Superior de Medicina Veterinária.

O local do rastreio é na Av. Júlio Diniz, 29, com o seguinte horário: de segunda a sexta-feira — das 09.00 às 12.30 horas e aos sábados das 09.00 às 11.00 horas.

Policlinicos reúnem-se

Para analisar os diversos problemas relativos ao Internato de Policlínica, efectua-se no próximo dia 28 uma reunião da Comissão Sindical-zona Sul, dos médicos do 1.º ano, no Hospital de Santa Maria.

Entretanto, os candidatos ao Serviço Médico à Periferia (SMP), em plenário ontem realizado no Hospital de S. João, no Porto, ameaçam suspender as actividades, se não forem satisfeitas as suas reivindicações. Para decidir quais as formas de luta a adoptar, os médicos voltam a reunir-se no próximo sábado.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIOS

1.ª publicação

Pela 1.ª Secção do 13.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm editos de 30 dias contados da segunda e última publicação deste anúncio citando Sociedade Luzimpor, Lda, cuja última residência foi na Travessa da Pereira, n.º 16-A (à Graça) Lisboa, para no prazo de dez dias findos que sejam os editos, contestar a acção emergente de Contrato Individual de Trabalho ordinário proc. n.º 23/77 que lhe move Maria Alda Batista Alves dos Santos Rosa, sob pena de lei.

O duplicado da petição inicial encontra-se na secção de processos respectiva, onde pode ser levantado nas horas normais de expediente.

Para constar se passou o presente anúncio e outro de igual teor para serem publicados em dois números seguidos de um dos jornais mais lidos.

Lisboa, 12 de Janeiro de 1979.

O JUIZ
Francisco Alves de Almeida
O Escrivão
Gaspar e Silva

Em ALVERCA o
Diário de Lisboa
vende-se
na TABACARIA LUSA

A lepra no nosso País já não constitui problema

Embora no nosso País o número actual de doentes de Hansen (leproso) não seja significativo e já não constitua problema para a saúde pública, Portugal vai associar-se às comemorações do Dia Mundial dos Leprosos, no próximo domingo.

Foi, com efeito, em 29 de Janeiro de 1954 que Raoul Follereau, conhecido no mundo pelo «apóstolo dos leproso» instituiu este dia com o fim de chamar a atenção geral para o drama cruento de muitos doentes, especialmente do Terceiro Mundo, os quais viviam — ou melhor — vegetavam à míngua de tudo, absolutamente marginalizados, entregues à sua própria sorte, sem terem quem deles cuidasse e lhes desse o amparo material e moral que a sua triste situação imperativamente reclamava.

15 MILHÕES DE LEPROSOS

Durante a vida do grande lutador, sucederam-se então os Dias Mundiais dos Leprosos. Todos e cada um eram precedidos por um apelo que ele dirigia à consciência universal, para que se detivesse, para que se apercebesse deste problema em que estão envolvidos quinze milhões de seres humanos, dos quais, apenas uma minoria dispõe de tratamento mais ou menos regular.

A iniciativa, a princípio débil e sem repercussão, ganhou força

e audiência por cada ano que passava.

E, embora os resultados práticos nem sempre fossem os desejados e veementemente reclamados, Follereau não desistiu. Lutou pelo mesmo combate, sem desfalecimentos, até ao último sopro de vida.

No ano passado, Follereau ainda lançou mais um apelo, no qual fazia a sua despedida, declarando herdeira da sua obra «a juventude de todo o mundo». Ele anunciava a sua retirada, porque a idade (75 anos) e as forças físicas já não lhe permitiam continuar.

Quando, em 29 de Janeiro de 1978, se celebrou o XXV Dia Mundial dos Leprosos, o coração de Follereau já tinha deixado de bater. Falecera, de facto, a 6 de Dezembro do ano anterior. Assim, neste ano corrente de 1979 e neste Dia Mundial dos Leprosos não se escutará o habitual apelo, sempre renovado, do seu fundador.

Não foi decerto a pensar nos hansenianos portugueses que Follereau instituiu o Dia Mundial dos Leprosos. Ele próprio o declarou nas duas vezes em que visitou o Hospital Rovisco Pais, cujos doentes lhe tributaram memoráveis recepções. Estes, ele o disse, podiam considerar-se privilegiados em relação a tantos outros companheiros, para cujas carências de toda a ordem ele reclamava solução urgente e inadiável.

DURANTE A GRAVIDEZ

Já é possível o tratamento de doenças do feto

Aumentou substancialmente a possibilidade de recolha clínica de dados sobre os bebés durante a gravidez, desde que se utilizam novos métodos de medicina — anunciou hoje o «New England Journal of Medicine».

Uma equipa de investigadores de Nova Iorque anunciou que entre os novos métodos se incluem a amniocentese, os ultrassons, os testes sanguíneos e a óptica das fibras.

Um dos objectivos principais dos testes pré-natais é o tratamento e possível cura de doenças no feto ou na infância, segundo afirmaram os investigadores do grupo de pesquisa genética do centro Hastings de Hastings-on-Hudson, de Nova Iorque.

Nenhum dos novos testes está

isento de problemas e o grupo propôs linhas mestras para os programas de diagnóstico pré-natal.

A amniocentese implica a extracção de matéria do útero contendo células do feto. Os ultrassons representam um método de medição do eco do pulso do feto sem contacto directo. Os exames sem utilização de raios-x permitem detectar características físicas determinantes do feto, possibilitando um alerta para muitos problemas potenciais.

Os médicos podem ainda recolher sangue dos vasos da placenta, numa tentativa de detecção de possíveis deficiências pré-natais.

Menino de sete anos ameaçado de cegueira

Para o pequeno Carlos Alberto, de 7 anos de idade, ameaçado de cegueira, recebemos mais alguns donativos com a importância de esc. 4875\$00 que a juntar aos 85.570\$00 recebidos anteriormente perfazem a conta de 90.576\$00.

Os últimos donativos recebidos foram-nos enviados por: Manuel António Farracha, 500\$00, Alfredo Rui Maier da Silva, 100\$00, Anónimo, 300\$00, Um Grupo de Amigos da Rua Barão de Sabrosa, 950\$00, dos empregados, professores e alguns alunos da Escola Preparatória Afonso de Albuquerque de Vila Franca de Xira, 3025\$00.

Por lapso indicámos que um grupo de trabalhadores da RDP nos tinham enviado a importância de 4008\$00 quando na verdade a quantia que recebemos foi de 4408\$00, do que pedimos desculpa.

RECONVERSÃO DOS ESTABELECIMENTOS HOSPITALARES

Entre nós, os problemas relacionados com esta doença foram frontalmente atacados desde a criação, em 1947, no Instituto de Assistência aos Leprosos, actualmente designado Instituto de Assistência aos Doentes de Hansen, como órgão coordenador no país da assistência aos doentes de Hansen.

O Hospital Rovisco Pais constituiu durante cerca de três décadas o principal centro de internamento e tratamento de doentes de Hansen.

Porém, há já vários anos que o hospital se tornou demasiado grande para o número de doentes que carecem de internamento. Por isso a maioria das suas instalações está actualmente desocupada e aguarda a reconversão, já em fase final de concretização.

Embora, entre nós, a doença de Hansen não constitua grave problema de saúde pública, o Instituto de Assistência aos Doentes de Hansen e o Hospital Rovisco Pais não podem alhear-se da comemoração do Dia Mundial dos Leprosos, pelo que ele representa de meritório esforço em prol dos doentes de Hansen de todo o mundo.

PORTUGAL SEM POLIOMIELITE

Apenas dois casos nos últimos três anos

Nos últimos três anos só se verificaram 2 casos de pólio e não foi detectado nenhum caso de paralisia infantil, o que confirma o êxito das campanhas de vacinação — afirma num comunicado o Ministério dos Assuntos Sociais, a propósito do Ano Internacional da Criança.

«Assim — prossegue — podemos afirmar que a campanha de 1965-1966 e a administração regular da vacina oral nos anos seguintes, permitiu evitar a morte, desde 1966, por poliomielite de mais de 400 indivíduos, na sua grande maioria crianças. Por outro lado, evitou-se desde aquele ano, o aparecimento de mais de três mil casos de doença paralisante, cujas sequelas se mantêm, em geral, por toda a vida, conforme é do conhecimento público, traduzindo-se frequentemente por atrofia muscular irreversíveis dos membros inferiores e obrigando, em muitos casos, a inúmeras intervenções cirúrgicas de reabilitação e a tratamentos de fisioterapia muito prolongados, assim como ao uso de próteses para permitir a locomoção».

Um ALERTA: «Se, pelo menos, 80 por cento das crianças não forem devidamente vacinadas, podemos a qualquer momento, sofrer um surto epidémico de paralisia infantil, como

sucedeu em 1972 no distrito do Funchal».

A pólio «continua a manifestar-se, sob as formas endémica ou epidémica, na maioria dos países e, mesmo na Europa, onde algumas nações se encontram em situação idêntica à nossa, há regiões como por exemplo a Espanha (71 casos durante o primeiro semestre de 1978) e a Holanda (108 casos durante os três primeiros trimestres deste ano, todos em crianças não vacinadas por pais pertencentes a SEITAS que recusam as vacinas».

Em Portugal, no entanto, a vitória contra a poliomielite foi possível, se recordarmos, por exemplo, que no quinquénio 1961/1965, registaram-se cerca de 1375 casos de doença paralisante, dos quais 165 faleceram.

Por último, o MAS pede a atenção de todos os pais «para a responsabilidade que assumem, não só em relação aos seus filhos, como também a população em geral, se os não vacinarem contra a poliomielite. A vacina contra esta doença, assim como as vacinas contra o sarampo, tétano, tosse convulsa, difteria e tuberculose estão à disposição da população nos postos de vacinação espalhados por todos os concelhos do País, sendo completamente gratuitas».

Pub

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL COMUNICADO

Realizou-se no passado dia 18.1.79 a Assembleia Geral Extraordinária, de acordo com o estipulado nos Estatutos e Legislação em vigor, para votação de propostas de alteração aos Estatutos e votação da adesão do Sindicato à UGT (União Geral de Trabalhadores), cujos resultados finais definitivos foram os seguintes:

Sócios com capacidade de voto	52 070
Votantes	30 910 — 59%
Abstenções	21 160 — 41%

PONTO 1 — VOTAÇÃO DE PROPOSTAS DE ALTERAÇÃO AOS ESTATUTOS

Votos entrados nas urnas:

PROJECTO A	15 909 — 51%
PROJECTO B	13 699 — 44%
PROJECTO C	577 — 2%
BRANCOS	499 — 2%
NULOS	226 — 1%

PONTO 2 — VOTAÇÃO DE ADESÃO DO SINDICATO À UGT (UNIÃO GERAL DOS TRABALHADORES)

Votos entrados nas urnas:

SIM	16 202 — 52%
NÃO	13 922 — 45%
BRANCOS	566 — 2%
NULOS	209 — 1%

Lisboa, 24.1.79

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

RENATO ANDRÉ DOS SANTOS FERRO

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

1.ª Publicação

Doutor Adriano Gonçalves de Moura, Meritíssimo Juiz do QUINTO JUÍZO do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

Faz saber que pela PRIMEIRA SECÇÃO, deste Tribunal correm seus termos autos de execução de Sentença com o número 168/78, em que é exequente ANGELA MARIA CARVALHO GLÓRIA, residente na Rua Ilha Terceira, n.º 52-2.º — em Lisboa, e executada LUIS ANTÓNIO GUILHERME DE SOUSA, residente na Av. Infante Santo, n.º 361-1.º. Esq. — em Lisboa, para pagamento da quantia de TRINTA E QUATRO MIL ESCUDOS e neles correm editos de vinte dias, citando os credores desconhecidos da referida executada, para no prazo de dez dias, findo que seja o dos editos, que se contará da segunda e última publicação deste anúncio, deduzirem os seus créditos nos termos dos artigos 864.º e seguintes do Código de Processo Civil.

Lisboa, 10 de Janeiro de 1978.
O Escrivão,
a) Porfírio de Almeida Velez
O Juiz
a) Adriano Gonçalves de Moura

SINDICATO LIVRE DO NORTE DOS TRABALHADORES DE ARMAZÉM REAL VINÍCOLA/ /REAL COMPANHIA VELHA

Para além de mixordeiro e sabotador, Silva Reis é traficante de prata e jóias.

Oportunamente, os trabalhadores da Real Vinícola, o Sindicato dos Trabalhadores de Armazém, com o apoio e a solidariedade do Movimento Sindical Unitário e dos trabalhadores de outras empresas e sectores, denunciaram a desintervenção da Real Vinícola e o regresso do Silva Reis, como um atentado à economia nacional, à vontade e interesses dos trabalhadores da empresa.

Imediatamente após o regresso do Silva Reis à «gestão» da Real Vinícola, ficou provada, por inúmeros e já conhecidos factos, a razão dos trabalhadores e dos sindicatos.

Entretanto, o «chefe» Reis tem vindo a aperfeiçoar-se na arte de sabotar a economia e de reprimir os trabalhadores, através de actos escandalosos que não podem deixar de ser denunciados publicamente e servem para definir melhor quem é o «gestor» premiado pelo governo Nobre da Costa com a desintervenção da Real Vinícola.

Nos últimos dias, uma nova faceta do Silva Reis passou a ser do domínio público.

Passemos aos factos...

Silva Reis contrabandista!

Aquele que foi considerado por Nobre da Costa um gestor de empresas exemplar, e que certamente merece tão grande ou maior elogio do governo de Mota Pinto, é um dos que, após o 25 de Abril, passou ilegalmente para o estrangeiro (concretamente para Espanha) cerca de 20 mil contos em prata e jóias, através de uma rede de contrabandistas e recheada de indivíduos da ex-PIDE/DGS e implicada no contrabando de armas.

Mais confiante no rumo político imposto ao país pelos últimos governos, o Silva Reis tentou agora reaver os 20 mil contos colocados em Espanha, tendo contactado um dos contrabandistas; como este se recusasse a devolver os bens contrabandeados, o Silva Reis denunciou os seus capangas às autoridades!

Cancelada exportação de 30 000 caixas de vinho do Porto

Todos sabemos que o nosso país apresenta um saldo negativo nas relações comerciais com o estrangeiro. Para ultrapassar esta realidade, é imperioso restringir a importação de bens supérfluos procurar fabricar nas empresas nacionais alguns produtos importados e alargar as relações comerciais a países interessados nos nossos produtos.

A URSS tinha tratada a importação de 30 000 caixas de vinho do Porto, que seriam fornecidas pela R. Vinícola. O sr. Silva Reis, por motivos que se adivinham mas que não tem nada a ver com os interesses do país, cancelou a exportação para a URSS das 30 000 caixas de vinho, prejudicando em milhares de contos a economia do país!

Vender pipas de vinho para paralisar o trabalho

O mesmo senhor, enquanto mantém os trabalhadores da empresa praticamente parados por falta de vinho para engarrafar, vende vinho em pipas para o estrangeiro, boicotando a capacidade produtiva da empresa e prejudicando em milhares de contos a nossa economia!

Numa atitude provocatória, o Silva Reis inventou uma nova marca de vinho: «desintervenção»... É uma homenagem do sabotador ao governo Nobre da Costa, e é também mais uma prova da sua irresponsabilidade e da falta de um mínimo de senso do ridículo.

Despedimentos em massa e polícia privada

Desde que o Silva Reis retomou a «gestão» da empresa, 35 trabalhadores foram despedidos dos armazéns de Gaia. Na delegação de Lisboa da R. Vinícola, que a partir de Fevereiro passará para as mãos de um tal Ramos, este último senhor já prometeu que despediria 11 trabalhadores, a maior parte deles da comissão de trabalhadores.

Entretanto, as «notas-de-culpa» continuam a chover sobre os trabalhadores. Os delegados, os activistas sindicais e os trabalhadores mais empenhados na defesa dos seus legítimos direitos e interesses e na denúncia das manobras do «chefe», são perseguidos, vigiados e provocados constantemente por um grupo de 14 ex-comandos, contratados para polícia privada do sr. Silva Reis.

A luta continua

É este senhor, reconhecido mixordeiro, sabotador da economia nacional, contratante de grupos de provocadores para reprimir os trabalhadores, implicado na exportação ilegal de divisas para o estrangeiro e muitas outras «habilidades», é este senhor, repetimos, que está à frente de uma empresa com o peso e a importância económica da Real Vinícola.

Perguntamos:

O que pensa o governo Mota Pinto/PPD/CDS das manobras, das fraudes e boicotes económicos do «gestor» da Real Vinícola?

Os trabalhadores, o Sindicato dos Trabalhadores de Armazém e o Movimento Sindical Unitário, não têm ilusões: o governo Mota Pinto, herdeiro e continuador da «obra» dos últimos governos, é cego para as ilegalidades e o boicote económico do grande patronato, colocando-se de alma e coração do lado dos exploradores, como ficou claro na recente iniciativa da CIP/CCP/CAP. Para o governo Mota Pinto, o inimigo não é Silva Reis e outros da mesma estirpe, mas os trabalhadores. O último discurso do Primeiro-Ministro é muito claro quanto a isso.

Desiludam-se, porém, os senhores do governo e o grande patronato: os trabalhadores estão de olhos bem abertos e dispostos a continuar a luta por uma nova política, que combata os crimes antieconómicos como o Silva Reis, que combata com eficácia a crise económica, que respeite as conquistas de Abril e os direitos dos trabalhadores, que ponha em prática o projecto de desenvolvimento socialista consagrado na Constituição da República.

Porto, 24 de Janeiro de 1979.

Sindicato Livre do Norte dos Trabalhadores de Armazém
A Direcção

Sá Carneiro acusado de copiar obra de Vital Moreira

O deputado comunista Vital Moreira acusou ontem, em conferência de imprensa realizada em S. Bento, o dr. Sá Carneiro de ter plagiado a sua obra «Constituição da República Portuguesa Anotada» no tão propagandeado projecto de revisão constitucional: «Uma Constituição para os Anos 80».

Sublinhando que o livro do presidente do PSD reproduziu «pura e simplesmente, afirmações, ideias e opiniões» expressas na obra de que é autor, juntamente com Gomes Canotilho, o vice-presidente do Grupo Parlamentar do PCP renovaria mais tarde, em declarações à RTP/2, as suas acusações, precisando que é nas notas que acompanham o articulado da obra de Sá Carneiro que se verifica o plágio.

Vital Moreira consideraria que a gravidade do caso estava não no facto de o dirigente do PSD

ter concordado com as suas anotações mas sim pela circunstância de as ter transcrito sem citação dos autores, o que, mais do que um problema jurídico-criminal, suscita questões de responsabilidade política geral de um dirigente partidário.

Num texto distribuído ao fim da noite Sá Carneiro nega ter feito plágio, argumentando que Vital Moreira ao acusá-lo de não indicação de autoria esqueceu uma nota, numa das páginas interiores, onde escreveu que, «pela sua natureza de comentários globais, sistematizados, à Constituição, as obras de Gomes Canotilho e Vital Moreira e de Soares Martinez serão várias vezes referidas em matéria técnico-jurídica».

Sá Carneiro entende ainda que «os exemplos dados por Vital Moreira respeitam a matéria incontroversa de natureza estritamente técnico-jurídica, e só nessa se verifica uma identidade de juízos, aliás não exclusivos»

para acrescentar, noutro ponto, em sua defesa, que o PCP é um partido «de natureza e objectivos antidemocráticos».

De salientar, entretanto, a observação feita ainda por Vital Moreira em S. Bento — onde apresentou fotocópias documentais das suas acusações — de que, afinal, os comunistas, embora alvo de toda a espécie de campanhas e tentativas de marginalização política e profissional manifestam, como no caso em questão a suficiente capacidade científica para serem literalmente copiados pelos próprios adversários políticos.

Segundo ainda Vital Moreira uma «confrontação atenta dos dois textos revela facilmente dezenas de casos», tendo apresentado aos jornalistas cópias de alguns dos exemplos mais flagrantes, que vão ao ponto de «abrançar períodos e parágrafos inteiros, sem alterações (ou apenas com alteração de sinais gráficos)».

Cadastrado português

preso em Espanha

PORTO, 26 — Foi preso em Castellon, Espanha, pela Polícia espanhola, o cadastrado português, José Júlio Gonçalves Soares, de 24 anos, que residia em Viana do Castelo, e que há algum tempo vinha a ser activamente procurado pela Polícia Judiciária, por estar implicado num assalto ocorrido em fins de Outubro do ano passado, à fábrica têxtil de Eduardo Pereira Pinto e Filhos, da Rua da Lameira de Cima, nesta cidade. O José Júlio fazia parte de uma perigosa quadrilha que actuava em Viana do Castelo e com a qual a PJ teve de sustentar tiroteio com dois dos seus membros. Entretanto, aquela Polícia conseguiu até agora deter 15 elementos do bando.

No momento em que aquele cadastrado foi preso pelas autoridades do país vizinho tinha em seu poder alguns milhares de francos franceses e de pesetas, 300 contos em dinheiro português e numerosos objectos em ouro e brilhantes que se presume façam parte de um assalto feito a uma ourivesaria de Paris.

VITAL MOREIRA

V. O princípio da assembleia directamente eleita (n.º 2) sofre duas excepções: (a) nas freguesias de pequena dimensão populacional, pode não existir assembleia (art. 246.º); (b) as assembleias do município e da região só parcialmente são constituídas por eleição directa, uma vez que na primeira têm lugar por inerência os presidentes das juntas de freguesia respectivas (art. 251.º) e na segunda participam membros eleitos pelas assembleias dos municípios respectivos (art. 259.º).

VII. Enquanto não forem criadas as autarquias de âmbito regional (regiões administrativas), mantêm-se transitoriamente o distrito, com órgãos atípicos em relação aos das autarquias (v. art. 263.º e nota).

SÁ CARNEIRO

O princípio da assembleia directamente eleita, conagrado no n.º 2, sofre duas excepções: 1.º — nas freguesias de população diminuta pode não existir assembleia; 2.º — as assembleias do município e da região só parcialmente são constituídas por eleição directa, uma vez que na primeira têm lugar por inerência os presidentes das juntas de freguesia respectivas e na segunda participam membros eleitos pelas assembleias dos municípios respectivos.

Enquanto não forem criadas as regiões administrativas, mantêm-se o distrito, com órgãos atípicos em relação aos das autarquias.

Um dos vários exemplos apresentados pelo deputado Vital Moreira, onde pode detectar-se plágio

“Deputado do CDS processado pelo IARN”

Recebemos ontem a meio da manhã, um esclarecimento e desmentido do deputado do CDS, Ângelo Vieira, a propósito duma notícia («Deputado do CDS processado pelo IARN») em que dávamos conta dum processo que entrou na Polícia Judiciária respeitante a aceitação de dinheiros que lhe não eram devidos por parte daquele deputado.

O esclarecimento na íntegra: «Fui hoje surpreendido pela local inserta na página 20 desse Jornal na qual, sob o título «Deputado do CDS processado pelo IARN» se fazem afirmações menos correctas e carecidas de fundamento lesivas do meu bom nome e consideração pelo que solicito, ao abrigo da Lei da Imprensa, se digne mandar publicar amanhã, com igual relevo o seguinte desmentido:

1 — O signatário tinha direito ao subsídio de desemprego do IARN porquanto uma vez regressado a Portugal em Setembro de 1975 não exerceu qualquer profissão remunerada até Junho de 1976.

2 — O signatário nunca preencheu mais que um boletim de desemprego.

3 — Em Junho de 1976 comunicou por escrito e verbalmente ao então director do IARN, sr. dr. Moura Portugal, o exercício do mandato de deputado, o que deu origem a um despacho por parte do mesmo.

4 — Não fez o signatário parte da Assembleia Constituinte pelo que o seu direito ao subsídio era legal e devido até Junho de 1976.

5 — O signatário nunca recebeu

qualquer tipo de apoio do referido instituto para além do subsídio em referência.

6 — Não lhe foi enviado ou comunicado, até à data, qualquer aviso no sentido de repor qualquer importância que porventura haja recebido a mais, o que dado o método utilizado para o seu pagamento (cheques sem indicação ou referência aos meses) poderia ter acontecido, e é vulgar acontecer, dado que o início das suas funções não coincidiu com o final do mês.

7 — A prática seguida pelo IARN em casos semelhantes é de solicitar a reposição de verbas eventualmente enviadas a mais, pelo que se estranha o procedimento seguido neste caso que, a ser verdadeiro só pode ser motivado com desforço contra a luta travada pelo signatário contra a corrupção existente no seio daquele organismo.

8 — O signatário irá providenciar no apuramento total dos factos não deixando de tomar as providências legais que se impõem».

N.R. — Que um processo foi instaurado ao deputado centrista Ângelo Vieira, por receber dinheiro para desalojados desempregados quando já estava empregado, foi-nos confirmado por um porta-voz do Gabinete de Inspeção do IARN, particularmente debruçado sobre estes assuntos. Mais nos confirmou o Gabinete de Inspeção do IARN que o processo instaurado ao deputado centrista já foi entregue numa secção

existente na Polícia Judiciária para tratar expressamente destes casos.

Quanto aos motivos que terão levado o IARN a proceder assim com o senhor deputado democrata-cristão, não nos competirá propriamente a nós pronunciarmo-nos. Se o senhor deputado levanta a hipótese do «desforço contra a luta travada pelo signatário contra a corrupção existente no seio daquele organismo», é o senhor deputado que levanta a hipótese. De resto, o fundamental da notícia mantém-se: foi instaurado pelo IARN um processo ao deputado Ângelo Vieira. Aliás, limitamo-nos a relatar um facto, devidamente confirmado pelas entidades que julgamos competentes.

A Polícia Judiciária tem o processo. Além de nos ser confirmado pelo Gabinete de Inspeção do IARN, também outras fontes que consideramos igualmente de crédito não lo confirmam. De estranhar é que o director da Polícia Judiciária nos responda apenas que «não desmente nem confirma». Que a Judiciária por vezes negue, ou peça para não publicar, para não perturbar as investigações, vá lá, ainda compreendemos. Mas que dê a resposta insólita, para cúmulo pela própria voz do seu director, que não confirma nem desmente, é que já, para além de evidente má vontade, revela que os direitos constitucionais estabelecidos para a informação cada vez vão entrando mais no reino do esquecimento.

400 MILHÕES DE "DESERDADOS"

Os pobres terão mais fome e ficarão mais pobres

Washington, 26 (ANOP) — A fome nos países mais pobres deverá quase que de certeza aumentar mesmo que o mundo produza géneros alimentícios

suficientes para todas as pessoas — afirmou hoje em Washington o director executivo do conselho da Alimentação Mundial ao falar a membros do Congresso

Norte-Americano.

«Mesmo quando as existências globais de géneros forem adequadas pensa-se que mais de 400 milhões de pessoas dos

países de mais baixo rendimento permanecerão com fome e desnutridas» — disse Maurice J. Williams, antigo «número dois» da agência norte-americana para o desenvolvimento internacional.

PETRÓLEO

Países em desenvolvimento os mais sacrificados com o aumento

O aumento dos preços do petróleo decidido, para 1979 pelos países exportadores não aumentará substancialmente o excedente dos seus pagamentos exteriores, opinam os conselheiros económicos da Casa Branca, no seu relatório anual.

Segundo este relatório, que não faz nenhuma alusão a situação iraniana as importações dos países da OPEP vão continuar a aumentar, compensando o impacto do aumento dos preços.

Os países industrializados pagam agora «a taxa petrolífera da OPEP» sob a forma de bens e

serviços, mais do que em dividas».

O relatório sublinha que o excedente global da OPEP caiu de 32 mil milhões de dólares em 1977 para cerca de 11 mil milhões em 1978. Nota que os países industrializados, membros da OCDE, foram os principais beneficiados desta evolução. O seu défice global desapareceu, enquanto que, em contrapartida, o défice global dos países em desenvolvimento não exportadores de petróleo aumentou.

Os conselheiros económicos da Casa Branca afirmam que o

aumento dos preços do petróleo «vai complicar seriamente a gestão económica dos países industrializados e os países em desenvolvimento não exportadores de petróleo».

Mas opinam, ao mesmo tempo, que a evolução registada em 1978 nos pagamentos exteriores dos diversos grupos de países não retrocederá em 1979.

Urânio extraído da água do mar

O Japão planeia gastar o equivalente a 600.000 contos numa fábrica experimental para produzir urânio comercial com água do mar, de acordo com uma informação fornecida pela Agência de Recursos Naturais e de Energia.

Actualmente o Japão importa todo o urânio de que carece. O projecto estabelecido neste sentido está a ser feito por um período de sete anos e começará em 1982. Se acaso se obtiver êxito, a agência construirá uma fábrica comercial capaz de produzir mil toneladas de urânio não tratado por ano na última década deste século.

Peugeot-Citroen.

A Chrysler, terceiro construtor americano, perdeu 158,5 milhões e meio de dólares no terceiro trimestre do ano fiscal, o pior resultado financeiro num tal espaço de tempo. A firma está cada vez mais decidida a reforçar as suas actividades de produção nos Estados Unidos, em detrimento das suas operações no estrangeiro.

Desperdícios de plástico transformados em gasolina

Cientistas sul-africanos informaram que neste momento há possibilidade de transformar a poluição causada por sacos de plástico em gasolina ou óleo Diesel.

O Instituto de Pesquisa petroquímicas da Universidade de Potchefstroom, a sudoeste de Joanesburgo, revelou ter feito pela primeira vez no mundo, combustíveis líquidos com desperdícios de plástico. Contudo até agora só foram reciclados apenas 10 a 15% dos desperdícios de plástico na África do Sul.

Os cientistas de Potchefstroom «conseguiram uma conversão de 91,5% transformando

o polipropileno em gasolina e óleo Diesel».

A origem deste polipropileno são sacos e outras embalagens de plástico retiradas de uma lixeira municipal. No entanto, é ainda demasiado cedo para afirmar se o sistema se revela verdadeiramente económico e ainda se o carburante será de boa qualidade.

Volkswagen controla Chrysler brasileira

A «Chrysler Corporation» deu um novo passo na redução das suas operações internacionais, ao vender à Volkswagen 63% do capital da sua filial brasileira — a Chrysler do Brasil.

A construtora norte-americana de automóveis receberá 50 milhões de dólares por esta operação, anunciada simultaneamente em Detroit e Wolfsburg (RFA).

Esta decisão, cuja eventualidade era encarada há já algum tempo, verifica-se cinco meses depois da venda das filiais britânicas, francesa e espanhola da Chrysler à sociedade francesa

Austrália

fornecerá urânio ao Egipto

A Austrália está interessada em fornecer urânio ao Egipto desde que o Cairo subscreva previamente o tratado de não proliferação nuclear — declarou um porta-voz oficial em Canberra.

Os fornecimentos de urânio e carvão foram oferecidos pelo ministro extraordinário australiano, Vic Garland, que se encontra actualmente no Cairo.

Negociações comerciais com a Espanha e Cuba

Terminam hoje em Madrid as conversações luso-espanholas para a negociação de um acordo comercial entre os dois países, no âmbito da EFTA. Neste encontro, discute-se a composição de listas de produtos que deverão ser abrangidos pela redução das tarifas alfandegárias. O acordo poderá vir a ser assinado em Março próximo.

Entretanto, prossegue em Lisboa a reunião da Comissão Mista Luso-Cubana. Na agenda dos trabalhos estão a análise das trocas comerciais e o estudo das medidas necessárias ao seu desenvolvimento ascendente e equilibrado. O protocolo final deverá ser assinado amanhã no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Prosseguem as jornadas da DECO

Iniciaram-se, ontem à noite, as jornadas promovidas pela Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor. Os objectivos destas jornadas visam sensibilizar e dinamizar a opinião pública em termos dos direitos do cidadão enquanto consumidor e promover a consciencialização da necessidade da sua organização com vista à defesa dos seus interesses.

As jornadas encerram amanhã.

De acordo com declarações ontem prestadas pela dra. Manuela Silva, do Conselho Fiscal, estão neste momento criadas entre nós as condições para o estabelecimento de um movimento para a defesa do consumidor, o que implica um fortalecimento da consciencialização do público consumidor no sentido de não se limitar a aceitar passivamente todo e qualquer produto que lhe seja imposto mas ganhar o mínimo de critério que lhe permita sobreviver face à inflação dos produtos que são lançados no mercado na maior parte dos casos com intuíto exclusivamente lucrativos.

A Deco constituiu-se em Fevereiro de 1974 tendo no ano seguinte entrado para membro da Organização Internacional das Associações de consumidores o que lhe permitiu participar em diversas iniciativas internacionais. Desde então tem represen-

tado os consumidores em organismos e iniciativas nacionais como o Conselho Nacional do Comércio Interno, Conselho Consultivo de Fiscalização Económica, Comissão Consultiva de Preços e no IV Colóquio da Qualidade.

Até agora foram editados 13 boletins distribuídos aos sócios tendo ultimamente sido a publicação do boletim substituída pela «Proteste» que se propõe defender os interesses do consumidor. No número 0 da revista agora lançada afirma-se em editorial que protestar é muitas vezes o escape para as nossas frustrações, as nossas impossibilidades, mas sabendo se o protesto por si só é ineficaz, o mesmo não acontece se tivermos uma força organizada, contra um produto, o desrespeito de um direito ou qualquer fraude.

A actual direcção da DECO é constituída por Manuel Cabeçadas Ataíde Ferreira, presidente; Isabel Sales Henriques, Belchior, vice-presidente; Maria Isabel Santos Duarte, secretário; Rafael Pinheiro Prata, tesoureiro; Teresa Maria Santa Clara, Gomes 1.º vogal; Maria Madalena Santos Ferreira, 2.º vogal; e José Joaquim Dias Coelho, 3.º vogal. O Conselho Fiscal é constituído por José Eduardo Vera Cruz Jardim, Maria Manuela Silva e Vasco dos Santos Martins.

OPINIÃO INGLESA

Portugal e Espanha na CEE dentro de quatro anos

A hipótese de Portugal e da Espanha serem membros do Mercado Comum Europeu em 1983 foi ontem levantada pelo vice-ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, Frank Judd, num discurso proferido na Liga de Cooperação Europeia.

Judd disse a comunidade poderá acolher a Grécia já em 1980 ou 1981 uma vez que as negociações para a integração daquele país já estão concluídas.

Quanto às negociações com Portugal e a Espanha estão agora em curso sendo opinião de Judd que a experiência recolhida nos contactos com a Grécia poderia ser aplicada a estes dois países por forma a acelerar a sua conclusão.

O vice-ministro britânico expressou ainda o desejo de que a entrada de Portugal e da Espanha leve «uma influência regeneradora» para a CEE.



TEATRO DO NOSSO TEMPO

P. JOSE FONTANA 12B
TEL. 574037 METRO PICOAS
(DEFRENTE DO LICEU CAMOES)

APRESENTA AVAREZA LUXURIA E MORTE N'ARENA IBÉRICA

de VALLE-INCLAN
«UM DOS MELHORES ESPECTACULOS DO ANO»
FERNANDO MIDOES (DIÁRIO POPULAR)

TODAS AS NOITES ÀS 21.45 H
FOLGA ÀS 2.ªs
NÃO ACON. MEN. 18 ANOS

SABADO E DOMINGO ÀS 16 H
TEATRO PARA CRIANÇAS
OS COMEDIANTE COM PE DE PALHAÇO

aguilar

Rua do Carmo, 17-19 — Rua Augusta, 86-96

SALDOS

PRONTO-A-VESTIR PARA HOMEM E SENHORAS DAS MELHORES MARCAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Lanifícios ★ Sedas ★ Algodões ★ Malhas Camisaria

PREÇOS EXCEPCIONAIS

Pressões e ingerências do Governo na área da Comunicação Social

O deputado comunista Jorge Lemos criticou ontem, na Assembleia da República, a acção do actual Governo no sector da Comunicação Social, e manifestou a solidariedade do PCP a Igrejas Caeiro e José Manuel Nunes, atingidos na RDP por medidas de saneamento político.

«O recurso a processos de tipo censório, o desprezo pelos princípios constitucionais, o ataque às grandes conquistas do nosso povo, o saneamento de profissionais competentes e democratas, o culto da mediocridade» — foram aspectos focados por Jorge Lemos na ofensiva contra a liberdade de informação desenvolvida pelo Governo Mota Pinto.

Jorge Lemos enumerou uma longa lista de actos do Governo destinados a impedir que os órgãos de comunicação social do Estado mantenham a independência perante o Executivo e a administração pública: «ingerências e pressões, nomeadamente na RDP e RTP», as desintervenções do «Diário de Lisboa», do «Comércio do Porto», do «Jornal de Notícias», «assaltos aos postos de decisão e órgãos de comunicação social do Estado, como é o caso da nomeação de uma nova comissão administrativa para a RDP-EP e da alteração do estatuto da empresa, «pressões e chantagens no sentido de se procederem a saneamentos com carácter político», tudo isto à revelia dos Conselhos de Informação, legítimos órgãos representativos da vontade popular.

Sem deixar de denunciar as responsabilidades do PS na passagem deste Governo, Jorge Lemos lembrou que o primeiro acto da nova Comissão Administrativa, «de inteira confiança do Executivo chefiado por Mota Pinto», foi a alteração dos estatutos da RDP, instituindo o estado de excepção, «com vista a completar a jogada que visava o total domínio e manipulação de um dos mais importantes órgãos de informação e formação».

Abaim Inglês, outro deputado comunista, lembrou a propósito que o afastamento de Igrejas Caeiro do cargo de director de programas da RDP e a suspensão do programa «Contraponto», com instauração de um inquérito ao produtor e militante do PS José Manuel Nunes, eram linhas de acção defendidas pela

lista do PSD derrotada nas recentes eleições para a comissão de trabalhadores daquela emissora. Derrotada, mas com «programa» agora aprovado pela Comissão Administrativa de Proença de Carvalho.

A denúncia, na Assembleia da República, da ofensiva contra a liberdade de informação, deu origem a um episódio cómico protagonizado pelo senhor Cunha Simões, deputado do CDS.

Quando abre a boca, Cunha Simões põe a sua bancada séria e o resto do hemiciclo a rir. Ontem, mais uma vez se verificou esse fenómeno. Agastado com o discurso de Jorge Lemos, o deputado centrista apostrofou-o com repetidos «Oh, filho!» e fez questão de precisar que nunca foi perseguido antes do 25 de Abril. «É claro que o fascismo nunca perseguiu os fascistas» — lembrou-lhe Jorge Lemos. Ao que Cunha Simões repôs candidamente: «o senhor não me ofendeu nada ao chamar-me fascista, se me chamasse comunista é que eu me ofendia».

Entretanto, Cunha Simões defendeu a tese de que os jornais que não dão lucro devem fechar e disse, virado para a tribuna da Imprensa: «O que os senhores querem é viver à tripa-forra».

Pelo nosso lado, limitamo-nos a achar perfeitamente óbvias as diatribes do sr. Cunha Simões contra os custos sociais da comunicação social. O anti-socialismo do sr. Cunha Simões tem toda a razão de ser. É que, numa sociedade socialista, não se vislumbra bem o que o sr. Cunha Simões pudesse ser. Numa sociedade como a nossa, «democrática» e «de direito», o povo português paga-lhe para ser deputado à Câmara Legislativa.

Entretanto, a Assembleia da República veio a aprovar, com votos do PS, PCP, UDP e quatro independentes, um voto de protesto, proposto por Aires Rodrigues, contra o afastamento de Igrejas Caeiro.

Já no período destinado à ordem do dia, Zita Seabra (PCP), fez a apresentação formal de um projecto de lei do seu partido relativo ao ensino especial (ensino para deficientes), tendo referido existirem em Portugal um milhão de diminuídos, «crianças e jovens na sua maioria».

E.S.

Porto de Praia da Vitória será discutido nas Lajes

Os condicionamentos existentes na escolha de soluções para a construção do futuro porto da Praia da Vitória, na Terceira, vão

ser objecto de troca de impressões entre entidades oficiais e privadas numa reunião que se realizará no próximo sábado, nas Lajes.

Além do ministro da República, secretários regionais, adjunto da Presidência, Correia da Cunha, Transportes e Turismo estarão presentes representantes da Armada que pretende construir instalações próprias no futuro porto.

Estarão igualmente presentes representantes da iniciativa privada nomeadamente o empresário que projecta construir no local um estaleiro de reparação naval.

Actualmente existe NA Terceira apenas um porto, em Angra, com a capacidade reduzida a navios de pequena tonelagem.

As vantagens de construir um outro porto na Praia da Vitória são entre outras o facto de existirem nas suas proximidades áreas disponíveis para instalações industriais, o que não acontece na generalidade dos portos dos Açores.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

"Mudança qualitativa" na oposição do PS depende de "acções futuras" do Governo MP

Fontes próximas da direcção do Partido Socialista haviam nos últimos dias deixado entender que uma importante intervenção política do deputado António Guterres iria ontem assinalar, na Assembleia da República, uma «mudança qualitativa» na oposição do PS ao Governo Mota Pinto.

Afinal, para os que esperavam daquele discurso o início de uma contestação mais firme dos socialistas à política do actual Executivo, a montanha não pariu propriamente um rato, mas pode-se adiantar que ficaram assim como quem, após um teatral estrear de chicotes, viram assomar à pista não o anunciado tigre da Malásia, mas um gatinho.

Disse António Guterres, a propósito da palestra que o primeiro-ministro produziu em directo, pela rádio e pela televisão, na passada segunda-feira, que se tratou de um discurso «deformante, incoerente e perigosamente bipolarizador. Sem objectividade nem rigor no diagnóstico, sem coerência nem visão nas soluções».

Como corolário desta constatação preocupante, esperar-se-ia tudo menos o que Guterres disse a seguir: «A nossa objectividade pública como partido de oposição impõe, porém, que, mais do que pelas palavras, julguemos o Governo pelas suas acções futuras».

Com algum espanto tímido (há

políticos que são um pouco como os militares, nunca se pode prever o que se passa nas suas cabeças), cabe perguntar se não basta ao PS, para fundamentar o seu juízo, as acções passadas e presentes do Governo Mota Pinto, nomeadamente contra militantes socialistas, ou se, em seu entender, a política repressiva que tem caracterizado os actos deste Governo, a discriminação dos trabalhadores em benefício dos «empreendedores privados» e outros eufemismos como «a manipulação da opinião pública com dados que não têm fundamento» estão conformes com a estabilização da democracia em que o PS sempre se tem mostrado empenhado.

O próprio Amaro da Costa

(CDS), após aquele «exemplo claro do que significa a oposição do PS face ao Governo Mota Pinto: uma oposição leal, isto é, uma falsa oposição» (nas palavras contundentes do deputado independente Aires Rodrigues), permitiu-se ironizar: «Se as palavras fossem obras, o mundo estaria salvo».

Quanto a Carlos Brito, líder parlamentar comunista, limitou-se a perguntar, sem obter resposta, se a atitude do PS em face deste Governo, depois de tudo aquilo que nos disse, se mantém tal e qual como em 12 de Dezembro, quando lhe deu luz verde para passar.

A única explicação que Carlos Brito conseguiu arranjar de António Guterres foi a de que «as estratégias do PS e do PCP são diferentes».

Contudo, em várias passagens do seu discurso, nomeadamente naquelas em que, no plano económico, se empenhou na denúncia das incorrecções contidas na alocação do primeiro-ministro, António Guterres disse coisas que não deixavam prever a sua surpreendente conclusão final, salientando o facto de Mota Pinto ter traçado

um quadro catastrófico da situação portuguesa, inteiramente atribuído, por forma directa ou indirecta, aos acontecimentos ocorridos no nosso país após o 25 de Abril, sem a mais pequena referência ao que foram os erros e os crimes do regime saído do 28 de Maio (em larga medida responsável pela nossa situação presente) e à crise económica internacional, «a maior que o mundo enfrentou desde a Grande Depressão de 1929».

O discurso de Mota Pinto, disse também o deputado socialista, «parece destinado a tratamento de choque do país em vésperas de apresentação de novo orçamento».

«Perante os portugueses — frisou Guterres — ficou clarificada a opção conservadora do IV Governo Constitucional, sempre pronto a julgar com desconfiança e severidade a acção das classes trabalhadoras e a desculpar ou até a deixar no esquecimento a incapacidade histórica daqueles que, em Portugal, ao contrário do que aconteceu no resto da Europa, não conduziram, no tempo próprio, a industrialização do país e a modernização das suas estruturas produtoras».

SERVIÇO NACIONAL DE BOMBEIROS

Bombeiros de todo o País deslocaram-se ontem em massa à Assembleia da República, onde todos os deputados, por unanimidade, se comprometeram a propor a criação de um Serviço Nacional de Bombeiros, proposta do último Congresso dos Bombeiros veiculada pela liga dos Bombeiros portugueses.

Com o voto de todos os grupos parlamentares, a Assembleia ratificou ontem o decreto que cria, no âmbito do Gabinete de apoio às Autarquias Locais, o Conselho Coordenador do Serviço de Bombeiros.

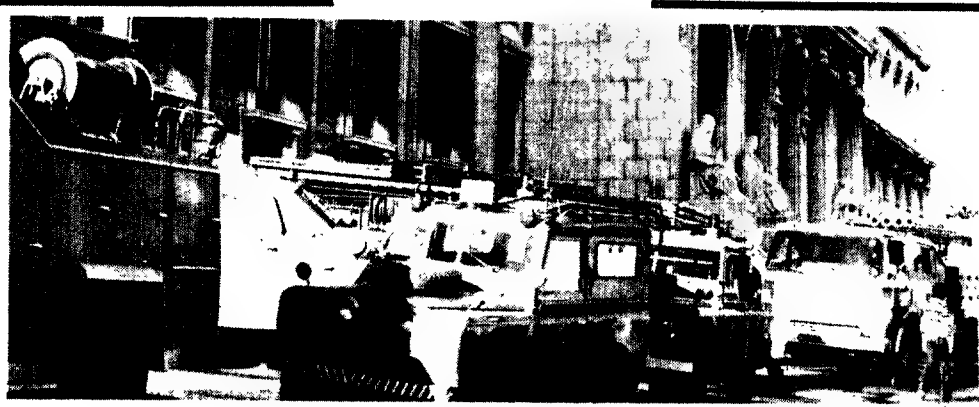
O decreto foi ratificado na generalidade, tendo passado à comissão parlamentar de Administração Interna e Poder Local, onde deverão ser-lhe introduzidas alterações no sentido das medidas preconizadas pelos principais interessados no problema. A esse respeito, o grupo parlamentar do PCP apresentou uma proposta de aditamento de um novo artigo no sentido da lei de alterações ontem aprovada ser tomada em conta na proposta de lei do Orçamento Geral de Estado para 1979.

No início da sessão, o Parlamento guardou um minuto de silêncio e aprovou, por unanimidade, um voto de pesar, proposto pelo PS, pelas vítimas do recente temporal na Madeira.

Viria depois a ser surpreendentemente rejeitado um voto de protesto subscrito pelos deputados independentes Lopes Cardoso, Braz Pinto e Vital Rodrigues, contra a detenção, pela PSP do Porto, de militantes da JEDS que colavam propaganda. Votaram a favor do PCP, a UDP e os deputados independentes. Alegando que não está em causa a proibição de direitos fundamentais, mas o não cumprimento de uma postura municipal, votaram contra o PSD, o CDS e, «lest but not last», o PS.

Entretanto, Acácio Barreiros (UDP) saudou os trabalhadores rurais do Alentejo e Ribatejo que ontem estiveram em greve e disse que o Governo viola a Constituição e que o Parlamento se mostra incapaz de a defender.

Marques Mendes, do PSD, que vai pedir a suspensão do seu mandato «por motivos profissionais», defendeu, na sua última intervenção na Assembleia da República, os direitos de 600 trabalhadores de uma fábrica de Fafe, destruída por um incêndio em 1975.

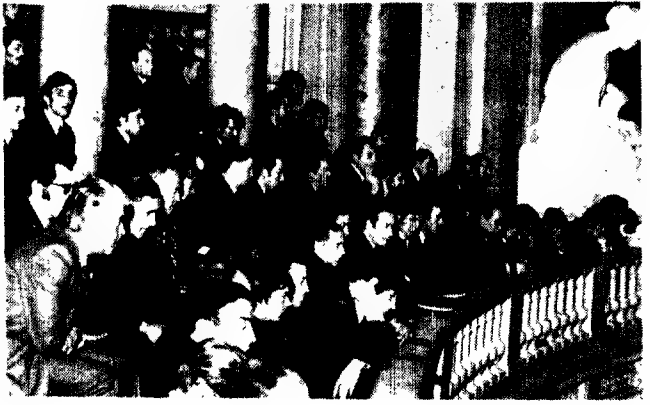


Bombeiros "em brasa" aquecem S. Bento

O Palácio de S. Bento foi ontem à tarde «cercado» por auto-tanques, jeeps, ambulâncias e prontas-socorros pertencentes a corporações de bombeiros de todo o país: os «soldados da paz» quiseram assistir, na Assembleia da República, à discussão do seu caderno reivindicativo. O resultado foi encherem-se as galerias reservadas ao público, com «bombeiros em brasa» à espera que fosse discutido o seu problema — justamente o último ponto da ordem de trabalhos.

A margem daquela discussão, de que damos notícia noutra local, importa referir que todos os bombeiros, em conjunto ou individualmente, tinham consciência das razões de peso que os levaram ao hemiciclo: saber o que lhes reserva o futuro em termos de condições de trabalho. Para já, eles estão contra o presente.

Um bombeiro do Entroncamento, Joaquim Morcelo, disse-nos que «não vimos pedir nada para os bombeiros, apenas pedimos meios que nos permitam actuar». Aliás, as condições em que se movem os bombeiros em geral, são incríveis. Morcelo conta: «uma auto-maca entra no país, por exemplo, a duzentos contos, e acaba por nos custar cerca de seiscentos; mas há outra coisa, é que qualquer particular pode comprar um carro aos «soluções»... mas nós, não! Se precisamos de uma ambulância,



A sessão de ontem da Assembleia da República contou com um público especial: nas galerias, sentaram-se bombeiros vindos de todos os cantos do País, interessados em seguir a discussão do seu «caderno reivindicativo». Exteriormente, o Palácio de S. Bento, cercado por auto-tanques e ambulâncias, dava a ilusão de estar a ser alvo de algum violento incêndio. Mas tratava-se apenas de «bombeiros em brasa» exigindo condições de trabalho

temos de a pagar a pronto». Aos bombeiros não se fia.

O BAILE DOS BOMBEIROS

Segundo Joaquim Morcelo, uma certa «má vontade» contra os bombeiros já vem de longe e manifesta-se nas mais pequenas coisas. De vez em quando, os bombeiros do Entroncamento fazem as suas rifas e bailes para arranjar fundos. Um destes dias houve baile, e mais tarde o presidente da Câmara fez questão de saber «fizeram baile no sábado?». Os bombeiros confirmaram, «olhe que esteve muito bom», e o presidente viu-se agredido na sua autoridade: «e quem é que autorizou?». (É possível que a «grave falta» dos bombeiros seja motivo de queixa à Polícia, apesar de uma portaria que os isenta da licença para o baile).

Desfiando o rosário: «Por que

hão-de ser os bombeiros a pagar os seguros das viaturas, se elas estão ao serviço do Povo?», e por que não-de os bombeiros pagar os combustíveis (à tropa não se colocam limitações) se estão ao serviço da comunidade?». Aliás, é insólito falar-se aqui de combustíveis quando, afinal, os bombeiros do Entroncamento até pagam a água que consomem no quartel e, se encherem no quartel o auto-tanque para apagar o fogo, também essa água lhes sai do bolso. «Em caso de fogo, temos de nos abastecer no rio ou numa boca de incêndio. O nosso quartel foi construído há apenas três anos mas não tem boca de incêndio...»

É contra a falta de condições de trabalho que se batem os «soldados da paz», que também querem ver aumentados os seus seguros por morte ou invalidez permanente. Afinal, «nós já damos o cabedal de borla...»

FÉRIAS NA NEVE
Boa estância de Montanha
LECH
7 DIAS DE ESTADIA • ALPES AUSTRIACAS
PARTIDAS: PREÇOS DESDE
FEVEREIRO ... 18 e 25
MARÇO ... 4
15 900\$
INCLUINDO:
• Viagem em avião a jacto
• Estadia em hotel
• Transporte em terra
• Assistência **abreu**
PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
abreu
fundada em 1840
UMA EMPRESA PRIVADA DINÂMICA
E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 31 79 21
LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Telef. 37 13 41
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telef. 270 11/2
FARO: Av. da República, 124 • Telef. 250 35/6
FUNCHAL: Rua do Gorgulho, 2 • Telef. 310 77/8

O profeta e a Revolução

A revolução iraniana destronou ao mesmo tempo o xá e uma ideia preconcebida: a de que os exércitos modernos são capazes de destruir todos os levantamentos populares. Reza Pahlavi desprezava «esses Governos europeus que não terão a coragem de dar ordens para que se dispare na rua, se necessário». Ele teve-a. Várias vezes. Em grande escala. Os seus soldados foram-lhe fiéis. São numerosos, disciplinados, corajosos e bem equipados. Mas não impediram o desmoronamento do regime. Este exemplo vai por certo dar que pensar, nos quarenta e cinco Estados que vivem actualmente sob ditaduras militares.

A história dirá se a pressão americana sobre os oficiais «duros» e sobre o próprio xá não os impediu de satisfazerem até ao extremo a sua vontade repressiva, o que talvez tivesse alterado o «jogo», se é que se pode falar de «jogo» quando o que está em causa é ferro e sangue. Claro que ainda é possível que uma parte do exército acabe por se lançar na aventura de um regime de terror, se o Irão escorregar para o «caos». Os revolucionários têm algumas semanas para aproveitarem a sua vitória. Se não conseguirem estabelecer um Governo eficaz e aceite, têm razões para temer o pior. O poder tem horror do vazio.

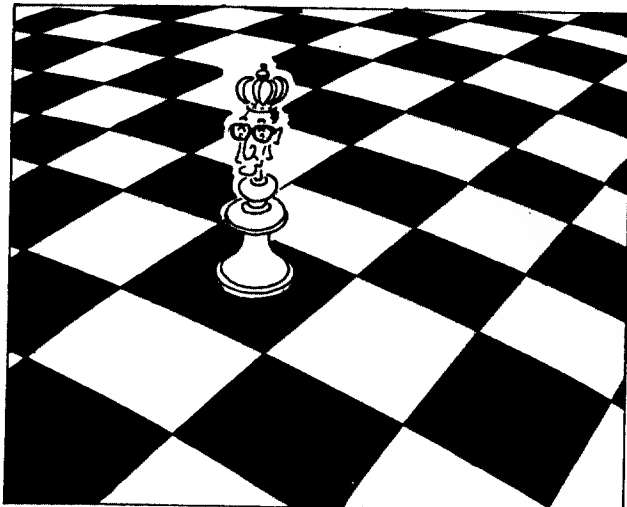
A tirania do xá foi principalmente abatida pelo ayatollah Khomeiny. Nada, de agora em diante, pode ser feito sem ele, no Irão. Mas ele não pode fazer tudo. Reza Pahlavi esqueceu-se de que o seu país era um país duplo, com uma face moderna e uma face tradicional. Quis desenvolver a primeira em ritmo de marcha forçada, cegamente, esmagando a segunda. A religião transformou-se no refúgio de todos os esquecidos de uma expansão que interessava sobretudo a uma minoria de empresários. Servindo de aglutinador de todas as oposições, ela permitiu mobilizar igualmente as massas populares.

Mas a face moderna do Irão existia já antes do «boom» do petróleo. Um movimento nacional republicano, laico, ocidentalizado, manifesta-se ali desde há muito tempo. Mossadegh incamou-o magistralmente nos anos 50, quando a nação «conheceu pela primeira vez em muitos séculos um Governo patriota e sobretudo honesto». Esta corrente exprime-se hoje no seio da Frente Nacional, da qual fazia parte Bakhtiar antes de ter sido excluído por aceitar ser primeiro-ministro do xá.

A aliança deste movimento modernista e das forças religiosas está na origem dos

progressos políticos do Irão de há um século a esta parte. Foi ela que obteve a Constituição liberal de 1906, ainda oficialmente em vigor. Era a mais fraca há vinte e cinco anos, quando o xá partiu para o exílio uma primeira vez. Hoje domina, porque a repressão atingiu fortemente os opositores laicos.

Se o ayatollah Khomeiny tentar instaurar um regime essencialmente religioso, arrisca-se a fracassar. O Irão ultrapassou há muito o nível de desenvolvimento da Líbia, modelo das repúblicas islâmicas, e que é aliás uma ditadura militar. Os quadros na-



KONK.

cionais não poderiam aceitar as regras do Corão tal como as recorda o líder religioso no seu livro «O Governo Islâmico», publicado em 1970: «80 chicotadas por ter bebido vinho, 100 por fornicação... Cortar a mão ao próprio filho se o encontramos a roubar, lapidar o familiar encontrado a fornicar.»

O despertar do Islão está a modificar a vida de três vizinhos, numa região do mundo que é essencial devido à sua situação geográfica: no Irão, na Turquia e na União Soviética. Conforme os casos, adquire formas muito diferentes, com consequências opostas:

na Turquia, reveste em geral um aspecto arcaico e integralista, que se opõe ao movimento de modernização iniciado por Atatürk há mais de meio século. A nação encontra-se, por causa disto, perturbada, enfraquecida, desorganizada. O renascimento religioso tem ali efeitos sobretudo nefastos.

Na União Soviética, o Islão não ataca o regime nem a sua vontade de desenvolvimento técnico. Adaptando-se à modernidade, utilizando-a, o clero tenta reforçar a sua influência sobre o povo. Fá-lo recuperando certos elementos das estruturas oficiais: as

organizações sociais (sindicatos, associações de jovens, de mulheres, etc.), que constituem um sistema de enquadramento muito importante e muito vivo. A hierarquia dos «imams» tenta controlá-los e dar-lhes um conteúdo ideológico muçulmano. Este sistema está mais desenvolvido nas regiões do Islão chiita, mais atento às aspirações populares e mais aberto à inovação.

Igualmente chiita, o Islão iraniano tem uma longa tradição de contacto com os movimentos liberais. Seria deplorável se ele rompesse com estes, lançando-se na aventura de uma república muçulmana integralista que não se adaptaria às necessidades do país. Seria grande, nesse caso, o risco de se chegar a uma situação ainda mais grave do que a da Turquia, onde o Estado kemalista limita os estragos. Muito — ou talvez tudo — depende das decisões do ayatollah Khomeiny. O profeta soube vencer. Saberá ele utilizar a sua vitória? Se não o conseguisse, a sombra das espadas pode estender-se sobre o Irão. Quando as revoluções não conseguem substituir os Estados que derrubaram, a última palavra pertence às armas.

MAURICE DUVERGER

Exclusivo Opera Mundiv-DL

NA ALEMANHA FEDERAL

Correios rigorosamente vigiados

Secção dos correios de Munique, Kofenstrasse, 10. As 7 da manhã entra no pátio do edifício uma carrinha azul com a matrícula «M-A-B 2249». Dois funcionários saem da carrinha e desaparecem no interior do edifício. Decorridos alguns minutos regressam empurrando um pequeno carro carregado de sacos com a inscrição «Correios Federais Alemães». O seu conteúdo — milhares de cartas da Hungria, Checoslováquia, Roménia, Jugoslávia. Os sacos são carregados na carrinha e levados para o n.º 91 da rua do «Prado dos Cisnes».

Decorridas oito horas a carrinha azul regressa com os sacos.

Semelhantes cenas não se passam só na capital bávara. Diariamente em muitas grandes cidades oeste-alemãs entre as secções dos correios e departamentos com designações nebulosas circulam carrinhas com sacos do «correio federal». Começando a descobrir o segredo dessas operações, a revista «Stern» revelou que atrás dessas designações escondem-se filiais especiais do Serviço Federal de Espionagem (BND), cujo centro está instalado em Pullach, perto de Munique. «Nessas filiais», escreve a revista, o correio dos países do bloco oriental é observado. Algumas cartas seleccionadas são fotocopiadas, e os seus remetentes e destinatários registados. Todos os dados recolhidos são depois enviados para o BND.

Não é apenas sobre o correio trocado com os países socialistas que se debruça o «olho secreto» dos serviços de espionagem. Segundo a «Stern», «quem telefona, ou recebe uma chamada de um país de Leste, pode ter a certeza de que o BND também está a ouvir». Aparelhos electrónicos especiais, conhecidos na gíria dos serviços secretos pela designação de «negros» gravam todas as ligações telefónicas «com interesse».

Os dados recolhidos seguem então diversos canais. São enviados, entre outros, para o SPE, um serviço de recolha de informações pessoais e depois utilizados em clara violação da lei, para atrair as pessoas visadas à rede dos serviços de espionagem.

VIOLAÇÃO DAS LEIS

O sistema de vigilância do correio e das ligações telefónicas ultrapassa largamente os quadros definidos pela lei, de acordo com a qual a violação de correspondência ou das ligações telefónicas, apenas é permitida em caso de «perigo iminente de agressão armada à República Federal Alemã». Além disso, e ainda segundo a lei, «os dados recolhidos não podem ser utilizados em prejuízo de pessoas individuais».

Na prática essas barreiras legais já foram há muito franqueadas. O Serviço Federal de Espionagem, escreve a revista «Stern» estabelece para o seu sistema de investigações uma lista especial de «zonas perigosas». A lista transita, através do Ministério da Defesa, para o Ministério do Interior. Nessa lista estão invariavelmente incluídos todos os países membros do Pacto de Varsóvia, pois «é de já que vem o perigo», como afirma o dirigente do BND, Bessel, que considera o desanuviamento um puro e simples «ludíbrio».

Ao que parece, em Pullach ainda não se saiu das trincheiras da guerra fria.

Os dados obtidos, bem como as conclusões a partir deles elaboradas, são colocados como «informação fidedigna» à mesa dos órgãos governamentais. De antemão orientada contra o desanuviamento, semelhante desinformação não poderá, evidentemente, trazer senão prejuízos às posições da política externa da República Federal Alemã, e à coexistência pacífica na Europa.

Hoje, ao mesmo tempo que os parlamentares da Bundestag falam das tribunas sobre a «defesa dos interesses do indivíduo», dentro das paredes do Instituto de Técnicas da Comunicação, escondido atrás de uma elevada cerca no luxuoso bairro de Stokford, em Munique, e do Departamento de Estatística das Comunicações, no n.º 10 da Wanneisstrasse, elabora-se, com a colaboração de especialistas do Bundeswehr uma novíssima aparelhagem electrónica para desencadear uma nova ofensiva de violação da correspondência postal.

PUB

SINDICATO LIVRE DO NORTE DOS TRABALHADORES DE ARMAZÉM

(ABRANGENDO OS DISTRITOS DE BRAGA, VIANA DO CASTELO, VILA REAL, AVEIRO E VISEU)

ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL

Avisam-se todos os associados deste Sindicato, no pleno gozo dos seus direitos estatutários, que as eleições dos corpos gerentes para o biénio 1979/1981 se realizam no dia 31 de Março de 1979.

NOTA: — Informa-se todos os associados que se encontram com as quotas em atraso as devem regularizar até 31 de Janeiro de 1979, pois só assim poderão participar no acto eleitoral.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL
Firmão de Jesus Pereira

primaz

ROSSIO, 115
AV. DE ROMA, 17-A

R. ALMEIDA E SOUSA, 20-A
R. FREDERICO AROUCA, 45 — CASCAIS

SALDA A PARTIR DE 2.ª FEIRA

ACEITAMOS CARTÕES SOTTO MAYOR E UNIBANCO

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DA METALURGIA, METALOMECÂNICA E MINAS DE PORTUGAL

"UGT" QUE DEMOCRACIA?

«Os campeões» da democracia anunciaram pelos jornais que se vão reunir «em família» nos dias 27 e 28 de Janeiro, no Porto.

Os arautos da conciliação de classes vão decidir, «democraticamente», que aos trabalhadores portugueses faz falta uma central amarela que tenha em conta a defesa dos interesses dos exploradores nacionais e estrangeiros. Vão procurar com esta tentativa divisionista desviar a atenção dos trabalhadores da luta que estes vêm desenvolvendo contra o boicote do patronato à contratação colectiva, pela defesa das nacionalizações, da reforma agrária, controlo operário de gestão, contra o desemprego e os despedimentos, contra as medidas do Governo MP/PPD que visam restaurar na nossa pátria o poder dos monopólios e a médio prazo a suspensão de todas as liberdades democráticas.

Os objectivos da «conversa em família» dos dias 27 e 28 além de manobra de diversão convergente com os planos mais vastos do capital reaccionário visa, ainda, abrir brechas na unidade dos trabalhadores de forma a que estes mais facilmente possam vir a ser derrotados na luta que vêm empreendendo pela edificação de uma sociedade mais justa — o tipo de sociedade apontada na Constituição.

Os perigos para a unidade dos trabalhadores serão reais se se deixarem envolver na demagogia daqueles que sempre têm defendido as medidas impopulares dos últimos governos e lesivas dos interesses do Povo e do País.

Os órgãos da comunicação social, ao serviço do capital, continuarão a intoxicar a opinião pública escondendo os verdadeiros objectivos do pseudocongresso ugêta. A não ser assim a Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal não sentiria a necessidade de denunciar o embuste e a gravidade da iniciativa amarela do próximo fim-de-semana.

Assim, nós perguntamos: de que lado está a democracia, quem a emprega, quem serve realmente os interesses dos trabalhadores e quem os atreioa?

— Quantas reuniões de trabalhadores efectuaram os ugêtas para discussão dos documentos a analisar em 27 e 28?

— Quantas reuniões com trabalhadores efectuaram os ugêtas para a «eleição» dos delegados?

— Quantos documentos foram distribuídos pelos trabalhadores que dizem representar e qual a sua participação nas decisões finais da «reunião em família»?

Estas algumas perguntas pertinentes. Muitas mais poderiam ser feitas.

Ninguém sabe o que vai ser discutido. Há muito tempo que, «democraticamente», as cúpulas partidárias que apadrinharam tal iniciativa decidiram, quer o que vai ser discutido quer o que vai ser concluído. Está tudo certo...

No Movimento Sindical Unitário todas as iniciativas levadas a cabo são claras e publicamente nada há a esconder. Vejamos:

A Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal quando realizou o Congresso do sector não teve receio dos trabalhadores. O Relatório tornado público pela Comissão Promotora do Congresso referiu, entre outras coisas:

— A realização de mais de 400 reuniões preparatórias para discussão dos documentos a



submeter ao Congresso, abertas à participação dos trabalhadores do sector independentemente da sua profissão;

— O envio à Comissão Promotora de mais de 200 propostas de emenda aos documentos discutidos com os trabalhadores;

— A edição de mais de 400.000 exemplares das teses a analisar e outros materiais escritos;

— A eleição de Delegados ao Congresso (em plenários de empresa, concelho, etc.) bem como da sua qualidade e representatividade.

A Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal, pela sua prática de conduta democrática, tem o direito e o dever moral de afirmar que o chamado «Congresso» dos ugêtas não é mais que uma mascarada ridícula que se enquadra na vasta manobra de traição às classes trabalhadoras, que tal iniciativa nos faz recordar os métodos utilizados antes do 25 de Abril pelo regime corporativista.

A Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal ao denunciar os objectivos divisionistas, apela a todos os trabalhadores em geral para que denunciem e combatam estas manobras, na convicção de que o reforço da unidade e organização dos trabalhadores em torno dos seus organismos de classe, realmente representativos, saberão criar as condições para fazer abortar os intentos dos seus inimigos.

A unidade será defendida!

O Futuro é dos trabalhadores!

O SECRETARIADO

PLENÁRIO APROVA MOÇÃO CONTRA INATEL

Considerando que as manobras e ataques da Comissão Administrativa do INATEL contra o Movimento Sindical Unitário se inscrevem na ofensiva mais vasta e convergente das forças da direita reaccionária e do Governo que as representa, o actual executivo Mota Pinto/PPD;

Considerando a tentativa de despejar a CGTP-IN e algumas Unões distritais das instalações do INATEL que desde sempre têm utilizado;

Considerando que esta manobra reflecte os compromissos entre divisionistas, patronato reaccionário e Governo Mota Pinto/PPD, com o objectivo de dificultar a acção ao Movimento Sindical Unitário, criar insegurança no seu trabalho e desviar a capacidade reivindicativa e de luta dos trabalhadores de questões fundamentais;

Considerando que a recusa, por parte da Comissão Administrativa do INATEL, de ceder o Estádio 1.º de Maio para as comemorações do Dia Mundial do Trabalhador com o argumento de que a chamada UGT também o havia feito e que aquele organismo pretende preservar a independência face às organizações sindicais;

Considerando que este grosseiro argumento não consegue sequer esconder a manobra de reconhecimento pela Comissão Administrativa do INATEL (depois do executivo Mota Pinto já o ter feito) da agremiação amarela, UGT, que carece de suporte jurídico;

O plenário da FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DA METALURGIA, METALOMECÂNICA E MINAS DE PORTUGAL, reunido na sua sede, em 24-1-79 decidiu:

Manifestar integral apoio à CGTP-IN e solidarizar-se com a decisão tomada pela Comissão Executiva Nacional de manter inalterável a determinação de promover as comemorações do DIA MUNDIAL DO TRABALHADOR em Lisboa, no Estádio 1.º de Maio e nos demais locais habitualmente utilizados pelos trabalhadores após o 25 de Abril de 1974;

Repudiar as manobras conjungadas da Comissão Administrativa do INATEL, divisionistas, Governo Mota Pinto/PPD e direita reaccionária;

Apoiar as iniciativas da central única dos trabalhadores portugueses com vista à utilização das instalações onde funciona a CGT-IN e, noutras localidades, onde se encontram situadas sedes de Unões Sindicais, assim como, a cedência do Estádio 1.º de Maio;

Advertir que estas manobras de diversão não afastam os trabalhadores da defesa integrante dos seus interesses e direitos, nem da defesa das conquistas de Abril e da legalidade democrática que divisionistas, Governo Mota Pinto e direita reaccionária desrespeitam;

Confirmar o crescente estreitamento e reforço da unidade dos trabalhadores e das suas organizações sindicais, em torno da CGTP-IN, apesar da ofensiva cerrada que lhes é movida pela convergência reaccionária/divisionista.

O PLENÁRIO DA FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DA METALURGIA, METALOMECÂNICA E MINAS DE PORTUGAL

MOÇÃO APROVADA POR UNANIMIDADE
Lisboa, 24 de Janeiro de 1979.

ASIA

IRÃO

O confronto está iminente

A incerteza reina no Irão. E mais uma vez as massas iranianas descem à rua pesando decisivamente no desenlace da situação. Centenas de milhares de partidários do **ayatollah** Khomeiny desfilarão hoje até junto das tropas que cercam o aeroporto de Teerão para impedirem o regresso do exilado dirigente chiita.

Os soldados voltaram um enorme canhão de um tanque Chieftain sobre o mar de gente, feito de trabalhadores, jovens, estudantes e mulheres veladas que partiram para a capital logo que o recolher obrigatório foi levantado.

Mais de cem mil manifestantes ficaram perto do aeroporto, na enorme praça dominada pelo monumento Syad, que o xá mandou erguer como símbolo permanente da dinastia Pahlevi.

Alguns dos adeptos de Khomeiny vieram de Teerão e dos distritos vizinhos sem saberem que a sua chegada fora adiada. Mas a maioria estava a par dela.

As concentrações de hoje reduziram a uma insignificância a manifestação pró-governamental ontem organizada nas ruas da capital.

Um conflito generalizado pode surgir a qualquer momento. Um comunicado do governo militar de Teerão divulgado ontem proibiu todas as manifestações e concentrações no Irão a partir de hoje.

Mas os primeiros focos de confronto surgiram já. Soldados de capacete de aço abriram fogo contra estudantes perto da Universi-

dade. Os choques que começaram às 10 horas de hoje prosseguem ainda com violência.

Em vários bairros da cidade os partidários do xá, armados de matracas, atacaram manifestantes religiosos.

Entretanto, um jovem acusado de ser um agente da polícia secreta SAVAK foi enforcado por uma multidão.

REGRESSAREMOS PARA OS DESTRUIR

O líder religioso «ayatollah» Khomeiny afirmou não ter posto de lado a hipótese de incitar os seus seguidores a pegarem em armas contra o governo de Shapour Bakhtiar se este insistir em manter fechados os aeroportos.

Precisando que, de momento, o povo iraniano deve «permanecer tranquilo», Khomeiny acusou o Governo iraniano de ter traído «encerrado os aeroportos e, o exército, de participar nessa «traição».

«Este é o seu último esforço», disse o líder chiita. «Nós regressaremos para os destruir».

Ao mesmo tempo um dos seus mais directos colaboradores, Ibrahim Yazdi, garantiu que o Governo de Bakhtiar não conseguiria manter o líder religioso fora do país indefinidamente e que ele regressaria ao Irão por outras vias, se o aeroporto continuar fechado.

Ainda, segundo Yazdi, o líder chiita recusou-se a receber, na passada quarta-feira à noite, o emissário do Governo e a carta de que era portador.

A mensagem solicitava a Khomeiny que adiasse o seu regresso ao Irão por três semanas e assinalava a determinação de Shapour Bakhtiar de convocar eleições dentro de quatro meses para a Assembleia Constituinte.



AMÉRICA

Carter apela à luta contra a inflação

O presidente Carter advertiu ontem que o tecido da vida económica e social americana se desintegrará se a inflação não for contida.

A mensagem económica mundial apresentada pelo presidente ao Congresso repete as previsões anteriores de um crescimento mais lento e de progressos apenas graduais no que disse que seria uma prolongada batalha contra a inflação.

Contudo, exprimiu novas preocupações sobre as possíveis consequências da inflação. «Mais tarde ou mais cedo, esses efeitos minarão a base da expansão económica e tornarão impossível a manutenção da prosperidade» — preveniu, acrescentando:

«Por fim, os efeitos corrosivos da inflação desgastam os laços que nos unem como povo.»

Quando as pessoas vêem diminuir o poder de compra da sua moeda, «dissipa-se mais um elemento de domínio sobre o nosso futuro». «Não admira que a confiança no Governo e nas instituições sociais seja simultaneamente desgastada». — prosseguiu.

Carter declarou, no entanto, que «em muitos aspectos, a prosperidade da nossa nação

repousa numa base sólida, mas a inflação representa uma ameaça séria para a permanência da saúde económica dos Estados Unidos.»

A mensagem fechou uma semana em que o presidente apresentou ao novo Congresso um orçamento a que chamou magro, austero e anti-inflacionário, e proferiu um discurso sobre o estado da nação em que exortou a que se redobrasse o combate à subida dos preços.

Ontem, o Governo anunciou que os preços tinham aumentado nove por cento no ano passado — o acréscimo mais pronunciado em quatro anos e o segundo maior em 32 anos.

As autoridades prevêem para este ano uma subida de 7,4 por cento, um decréscimo do crescimento da economia de 4,3 por cento em 1979 e um agravamento do desemprego de 5,9 por cento, actualmente, para 6,2 por cento no princípio do próximo ano.

Os prognósticos integram-se numa estratégia de contenção da procura na economia para que o país possa avançar contra uma taxa de inflação que o Governo prevê que desça para seis por cento em 1980, o ano em que Carter se candidatará à presidência.

AFRICA

NÃO-ALINHADOS REUNIDOS NO MAPUTO

Delegado de Pol Pot recebido por Chissano

Um antigo ministro do recentemente derrubado regime cambojano de Pol Pot, Pen Nouth, chegou ontem a Maputo a fim de participar na Conferência dos Países Não-Alinhados que hoje se inicia nesta cidade e que visa estudar a situação na África Austral.

Ao que parece, esta delegação pretende assistir à conferência na qualidade de observador. Inicialmente, o nome de Kampuchea não se encontrava inscrito na lista de observadores previstos para a conferência extraordinária do Bureau Coordenador dos países não-alinhados, mas receava-se já que os problemas referentes a este território do Sudeste Asiático pudessem vir a reflectir-se na reunião de Maputo.

Desconhece-se ainda se o actual regime de Kampuchea enviará também um representante seu, o que, a registar-se, poderá dar origem a uma polémica sobre quais as autoridades representativas do país.

No entanto, a decisão de

permitir a presença de uma ou de outra das delegações compete aos 25 países do Bureau Coordenador e não a Moçambique que, apesar de ser o anfitrião da conferência, não faz parte do referido Bureau.

Até à data a RPM ainda não se pronunciou sobre o caso, crendo-se que pretenda deixar passar algum tempo antes que, e caso o faça, tome uma posição.

Apesar de tudo e como que para dar credibilidade à presença da delegação do antigo regime Cambojano, esta foi re-

cebida pelo ministro moçambicano dos Negócios Estrangeiros, Joaquim Chissano, estando ainda presente o embaixador chinês em Maputo.

De salientar ainda que até ao próximo dia 29 do corrente a conferência será a nível de embaixadores sendo de 30 do corrente a 2 de Fevereiro a nível de ministros. Todas estas reuniões têm como objectivo preparar a conferência cimeira dos países não-alinhados que se realizará ainda este ano em Havana, Cuba.

MÉDIO ORIENTE

Atherton no Cairo

O primeiro-ministro egípcio Mustafa Khabil conferenciará hoje no Cairo com o enviado es-

pecial norte-americano Alfred Atherton, comunicando posteriormente ao presidente Anwar Sadat os resultados das conversações, notícia o «Al Gumhuriya».

Khalil avistou-se já com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Butros Ghali, que ontem conferenciou com Atherton. Na sequência da sua comunicação a Sadat sobre os resultados do encontro que hoje manterá com o embaixador norte-americano, o chefe de Estado egípcio definirá a posição do seu país à luz do recente desenvolvimento do processo de paz.

Por outro lado, diz o diário cairota que o embaixador norte-americano não levará consigo para Israel quaisquer novas propostas do Egipto, dado que a posição do Governo de Sadat «foi claramente definida e está em total conformidade com a posição norte-americana».

Chade: greve geral e rumores de golpe

Panfletos anónimos, avisando que está iminente um golpe militar no Chade, foram distribuídos em N'Djamena durante a noite, agravando a tensão causada por uma crise governamental.

Os panfletos apelavam a uma greve geral de 24 horas, para ontem e preveniam as pessoas para se prepararem para a luta contra «a iminente acção sangrenta do Coronel (Abdelkadr Wadal) Kamougue, chefe da força nacional da gendarmaria». O mercado central, normalmente cheio de gente, ficou quase deserto, bem como uma série de escolas.

O coronel Kamougue, ex-ministro dos Negócios Estrangeiros, viu derrotada, no ano passado, a sua candidatura ao cargo de primeiro-ministro. O posto foi confiado a Hissene Habre, ex-dirigente do Movimento Rebelde Frolinat (Frente de Libertação Nacional do Chade), que domina agora a região norte do país.

Na terça-feira, o presidente Felix Malloum acusou Habre de obstruir a administração do país.

Habre e Kamougue são rivais políticos e cada um controla unidades militares. A força de Habre, mais de mil homens bem equipados, é geralmente considerada mais poderosa do que o pequeno exército do governo, cuja única unidade forte de combate é a gendarmaria.

Habre foi nomeado chefe do Governo em Agosto do ano passado, depois de ter sido expulso da direcção da Frolinat alguns meses antes. Porém, surgiu recentemente um diferendo entre ele e o general Malloum, que se encontra no poder desde o golpe militar de há quatro anos.

Há cerca de duas mil tropas de combate francesas no país, enviadas para ajudar o governo contra a Grande ofensiva da Frolinat no princípio do ano passado. Não tem havido batalhas importantes há meses.

Oposição brasileira aceita "amnistia parcial"

Numa atitude que causou surpresa aos próprios meios oficiais, a oposição brasileira decidiu aceitar a amnistia política proposta pelo regime.

«O Movimento Democrático Brasileiro continuará defendendo a amnistia ampla, mas não está em condições de rejeitar o projecto do Governo de conceder uma amnistia parcial», declarou o novo líder da oposição na Câmara, deputado Freitas Nobre.

«Se o general João Baptista de Figueiredo, futuro presidente da República, propuser esse tipo

de amnistia», acrescentou, «ao MDB não restará outro remédio que aceitá-la, sem opor nenhuma espécie de obstáculo.»

Entretanto, dirigentes do Sindicato dos Metalúrgicos Brasileiros desafiaram as leis laborais do Governo militar directista ao votarem para formar em todo o país um partido dos trabalhadores, revelaram ontem, à noite, fontes sindicais.

Disseram que a decisão fora tomada, na quarta-feira, à noite, na cidade de Lins, a despeito do facto da lei proibir sindicatos de actividades políticas.

Rodésia: êxodo branco bate todos os recordes

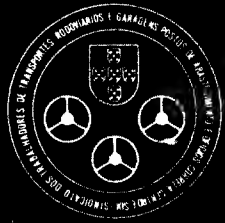
O êxodo branco da Rodésia voltou a subir no mês passado, fazendo de 1978 um ano recorde para a emigração.

Os Serviços Centrais de Estatística anunciaram que 2937 brancos deixaram a Rodésia em Dezembro contra a entrada de apenas 166, o que corresponde a uma perda líquida de 2771 pessoas na população branca.

Os números relativos à emigração e à imigração cons-

tituíram recordes para qualquer mês isolado nos 88 anos de história deste país.

Durante 1978, foram 18.069 os brancos que abandonaram a Rodésia e 4360 os que ali foram instalar-se. O saldo negativo para todo o ano elevou-se a 13709, o que é quase mais três mil acima da perda líquida de 10.908 brancos, registada no ano anterior e que constituía o recorde anterior.



**SINDICATO DOS TRABALHADORES DE TRANSPORTES
RODOVIÁRIOS E GARAGENS, POSTOS DE ABASTECI-
MENTO E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO CENTRO E SUL**



Pub

Os Delegados Sindicais do Sindicato dos Trabalhadores de Transportes Rodoviários e Garagens, Postos de Abastecimento e Oficinas Correlativos do Centro e Sul, reunidos em plenário no dia 23/1/79 aprovaram por unanimidade e aclamação as seguintes moções:

MOÇÃO

Considerando que o Governo Mota Pinto/PPD ao desencadear a repressão sobre os trabalhadores da Reforma Agrária pretende destruir esta conquista da Revolução;
Considerando que o Governo Mota Pinto/PPD está a pretender destruir as grandes conquistas de Abril, Reforma Agrária, Comissões de Trabalhadores, Nacionalizações, etc;
Considerando que o Governo Mota Pinto/PPD está a contribuir de uma forma deliberada para aumentar o custo de vida de forma a restaurar os monopólios e beneficiar o patronato;
Considerando que o Governo Mota Pinto/PPD está a pretender ilegalmente manter em vigor o Decreto-Lei n.º 121/78, que limitava os aumentos salariais a fim de proteger o patronato em prejuízo dos trabalhadores;
Os Delegados Sindicais do Sindicato dos Trabalhadores de Transportes Rodoviários e Garagens, Postos de Abastecimento e Oficinas Correlativos do Centro e Sul, reunidos em PLENÁRIO no dia 23 de Janeiro de 1979, pelas 14,30 Horas,

DECIDEM:

1. Manifestar a sua mais viva solidariedade aos heróicos trabalhadores da Reforma Agrária vítimas das mais lamentáveis repressões, e repudiar a actuação do Ministério da Agricultura e Pescas nas tentativas inconstitucionais de destruir a Reforma Agrária.
2. Manifestar total apoio à paralisação geral de 24 de Janeiro de 1979 e desenvolver uma forte acção de mobilizar os companheiros de trabalho para esta importante acção de massas.
3. Repudiar a tentativa do Governo que pretende acabar com as Comissões de Trabalhadores na Função Pública e Sector Público da economia, o que revela a ilegalidade da sua actuação conforme o manifestou na Assembleia da República.
4. Denunciar o aumento do custo de vida e a política de austeridade do Governo que pretende fazer os trabalhadores pagarem a crise que o patronato provocou.
5. Denunciar a tentativa do Governo reaccionário Mota Pinto/PPD que pretende alterar um Decreto-Lei através de uma nota oficiosa para impor aos trabalhadores o limite de 20% para os aumentos salariais quando o custo de vida teve um aumento maior.

VIVA A JORNADA DE LUTA DO DIA 24 EM APOIO DA REFORMA AGRÁRIA!
VIVA A DEFESA DAS CONQUISTAS DA REVOLUÇÃO DE ABRIL!
A LUTA CONTINUA!

O PLENÁRIO
Aprovado por Unanimidade e Aclamação

MOÇÃO

Os Delegados Sindicais do Sindicato dos Trabalhadores de Transportes Rodoviários e Garagens, Postos de Abastecimento e Oficinas Correlativos do Centro e Sul, reunidos em Plenário no dia 23 de Janeiro de 1979, pelas 14,30 Horas, tomando conhecimento da constituição (por partidos políticos — como é do conhecimento público) da Central amarela que tem o nome de UGT e que é liderada pelo PPD/PSD;
Considerando que a criação desta Central fantoche não é mais do que um ataque à unidade do Movimento Sindical, desencadeado por falsos sindicalistas ao serviço do patronato reaccionário;
Considerando que esta manobra tem por objectivo destruir o Movimento Sindical Unitário, para enfraquecer a resistência dos trabalhadores à política de direita do actual governo do PPD;
Considerando que nestas acções colaboram a CIP, a CAP, Gonalhas, Órgãos Governamentais apoiados por fundos de organizações partidárias;
Considerando que com a C.G.T.P. — INTERSINDICAL NACIONAL, têm os trabalhadores conseguido manter bem vivas as conquistas de Abril.

DECIDEM:

- Reafirmar o seu incondicional apoio à C.G.T.P. — I.N. e aos princípios de unidade, independência e autonomia, pelo qual se norteia todo o Movimento Sindical Unitário;
- Repudiar e condenar todas as manobras divisionistas dos amarelos ao serviço do patronato, seja através de sindicatos paralelos ou de uma Central fantoche chamada U.G.T.
- Denunciar junto dos trabalhadores quem os está a apunhar pelas costas para os entregar indefesos, desorganizados nas mãos do patronato reaccionário e vingativo.
- VIVA A UNIDADE DOS TRABALHADORES!
- PELO REFORÇO DO MOVIMENTO SINDICAL UNITÁRIO!
- A LUTA CONTINUA!

O PLENÁRIO

Aprovado por Unanimidade e Aclamação

MOÇÃO

Considerando que a Comissão Administrativa do INATEL, numa atitude provocatória, lançou um ultimatum à Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses — Intersindical Nacional para que abandone no prazo máximo e irreversível de 60 dias as instalações daquele organismo, utilizadas pelo Movimento Sindical desde o 25 de Abril e sancionadas pela Junta de Salvação Nacional e com o acordo do 1.º Governo provisório e da Comissão Administrativa, como sede nacional da CGTP-IN;

Considerando que a C.A. do INATEL, a quem em 22 de Novembro último foi solicitada a utilização do Estádio 1.º de Maio para as comemorações do Dia Mundial do Trabalhador deste ano, não só não respondeu como se tem negado a conceder qualquer entrevista para solucionar o problema.

Os Delegados Sindicais do Sindicato dos Transportes Rodoviários e Garagens, Postos de Abastecimento e Oficinas Correlativos do Centro e Sul, reunidos em PLENÁRIO no dia 23 de Janeiro de 1979, pelas 14,30 Horas.

DECIDEM:

1. Repudiar a não representação da CGTP-IN como é seu direito na Comissão Administrativa do INATEL, a qual integra exclusivamente representantes do Governo e indivíduos comprometidos com o projecto divisionista UGT nomeados pelo então ministro do Trabalho Gonalhas.
2. Repudiar a atitude da C.A. do INATEL, que em perfeita sincronia com a ofensiva da reacção, decide atacar desta forma o Movimento Sindical tentando boicotar a sua actividade, nomeadamente a realização das comemorações do 1.º de Maio e inclusive comprometer o seu normal funcionamento.
3. Alertar os trabalhadores para a necessidade de mobilizarem-se em torno das suas organizações sindicais na certeza de que não sairá, sem o seu acordo de quaisquer instalações que legitimamente utiliza, nem recuará na organização e realização das comemorações do 1.º de Maio nos locais que, desde o 25 de Abril, os trabalhadores têm utilizado para o efeito.

NA DEFESA DAS LIBERDADES SINDICAIS!
PELA UNIDADE DE TODOS OS TRABALHADORES!

O PLENÁRIO

Aprovado por Unanimidade e Aclamação

EUROPA

GRÁ BREITANHA

Militares substituem grevistas devido à escassez de medicamentos

O Governo britânico advertiu ontem que vai recorrer ao uso de forças militares para travar o boicote dos funcionários dos Serviços de Saúde e dos camionistas, que cortou o fornecimento de medicamentos aos hospitais e à indústria farmacêutica.

Mais de cinquenta doentes cancerosos do Hospital Queen Elizabeth de Birmingham tiveram que regressar a suas casas em consequência da greve dos funcionários dos serviços de saúde, que boicotaram a descarga dos medicamentos. Os trabalhadores, reunidos em plenário ontem à tarde decidiram, contudo, suspender o boicote. Por outro lado, fabricantes de produtos farmacêuticos anunciaram que a greve dos camionistas está a impedir o fornecimento dos produtos necessários ao fabrico da penicilina e medicamentos vitais.

«O surto de qualquer epidemia tornaria a situação extremamente grave» — declarou o presidente da Associação Britânica das Indústrias Farmacêuticas, Richard Arnold, ao anunciar que se encontram muito reduzidas as reservas de medicamentos considerados essenciais.

O boicote dos medicamentos aos hospitais é o mais recente golpe da onda grevista que afecta há semanas a Grã-Bretanha, e que provocou a escassez de alimentos, a imobilização dos serviços ferroviários, e o mau funcionamento dos transportes, serviços de ambulâncias, e serviços de Saúde Pública, bem como o amontoamento de mercadorias nos portos, armazéns e fábricas.

A greve de 24 horas dos 27 000 maquinistas britânicos

paralisou ontem pela quarta vez, em duas semanas, toda a rede ferroviária do país. Novas paralisações estão previstas para a próxima semana, para apoio das reivindicações salariais.

Face ao prolongamento da greve dos cozeiros, as autoridades sanitárias de Liverpool decidiram alugar um armazém para colocar os cadáveres insepultos que foram entretanto preparados e colocados em sacos de plástico.

Não parecem ficar por aí os azares da população britânica. Os condutores do metropolitano de Londres ameaçam entrar em greve na próxima semana para reivindicar aumentos salariais ainda não especificados, e os 280 000 mineiros do carvão exigiram um aumento salarial de 40%.

GOVERNO VENCE

O Governo trabalhista britânico conseguiu o apoio do Parlamento às diligências que efectua com vista a pressionar os sindicatos a reverem a sua atitude face à crise que o país atravessa.

A Câmara dos Comuns rejeitou, por uma margem de 16 votos (289 a favor, 273 contra), o ataque lançado pelo partido conservador à política económica do Governo e ao modo como este vem actuando para conseguir pôr termo às greves que paralisam diversos sectores da vida económica e social britânica.

A votação seguiu-se ao discurso proferido pelo ministro das Finanças, Denis Healey que em nome do Governo, rejeitou a adopção de medidas que, em

seu entender, conduziram a uma maior confrontação entre as autoridades e os sindicatos.

Lembrando que o primeiro-ministro James Callaghan se avistará na próxima segunda-feira com os dirigentes sindicais, para nova tentativa de regularização da crise, Healey frisou que nestas conversações se irá tentar alcançar uma plataforma conjunta de acção, susceptível de eliminar os problemas existentes.

No seu discurso, Healey declarou que a inflação poderia atingir 13% no fim do ano, se os salários fossem aumentados 15% como pretendem os grevistas.

PAPA NO MÉXICO

As duas incógnitas

O papa João Paulo II chegou ontem a S. Domingos, primeira etapa da sua viagem à América Latina onde vai inaugurar a Terceira Conferência do Episcopado Latino-Americano (CE-LAM).

No aeroporto da capital da República Dominicana o papa beijou o solo onde se celebrou em 1492 a primeira missa da América e abraçou o presidente António Guzmán Fernández, enquanto as tropas apresentavam armas e se ouviam tiros de canhão.

As primeiras palavras de João Paulo II em terras latino-americanas foram um apelo aos Governos desta região para que edificarem um mundo mais humano e cristão.

Ante milhares de dominicanos que o esperavam o papa afirmou que «fazer um mundo mais justo significa nomeadamente esforçar-se para que não haja mais crianças subalimentadas, sem educação, para que não haja mais camponeses sem terra, trabalhadores mal tratados ou privados dos seus direitos, para que não haja mais sistemas que permitam a exploração do homem pelo homem ou pelo Estado, para que não haja mais corrupção, pessoas gozando o supérfluo ao passo que outras nada têm, para que não haja mais injustiça e desigualdade na aplicação da justiça, para que a lei seja igual para todos, para que a força não continue a vencer em relação à verdade e ao direito e para que o político e o económico não destruam o humano».

O papa chega ainda hoje ao México onde segundo as agências noticiosas a sua visita suscita não só o entusiasmo de numerosos católicos mas também um comércio florescente. Os convites para assistir à missa que vai ser celebrada na Basílica de Guadalupe custam de 1200 a 3600 escudos. Um cartaz a cores de João Paulo II chega a custar 200 escudos. As bandeiras do Vaticano e México vendem-se a uma velocidade americana.

A CELAM será inaugurada sábado na cidade do México. As sessões plenárias decorrerão em Puebla.

Duas incógnitas pairam sobre esta conferência que reúne os vinte e dois episcopados latino-americanos. Em que sentido vai exercer João Paulo II a sua influência? Que orientação vão ter os trabalhos de uma conferência dividida por conflitos internos que se têm vindo a cristalizar desde há meses?

Os dados estão longe de estar lançados.

Partidos italianos reunidos para "salvarem" o Governo

Os dirigentes dos principais partidos políticos de Itália fazem hoje uma derradeira tentativa para salvar a sua aliança parlamentar, que tem mantido no poder, nos últimos dez meses, o governo minoritário do primeiro-ministro, Giulio Andreotti.

Contudo, as diferenças entre os democratas cristãos, que ocupam o poder, e os comunistas, um dos quatro partidos que os apoiam, são tão profundas que a cimeira de todos os agrupamentos políticos, que começou às nove horas, poderá não resolver o impasse.

Prevê-se que Andreotti se demita, no princípio da próxima semana, se os chefes dos dois partidos rivais e os socialistas, sociais democratas e republicanos falharem hoje em restabelecer a fé mútua no seu pacto já muito abalado.

Enquanto isto o primeiro-ministro italiano, Giulio Andreotti, declarou ontem ao MNE soviético, Andrei Gromyko (que se encontra em visita oficial à Itália) que o seu país rejeita os receios

do Kremlin sobre as intenções hostis da China, anunciaram fontes governamentais.

Andreotti referia-se a uma carta que ele e outros dirigentes ocidentais receberam, no mês passado, do presidente soviético Leonid Brejnev, advertindo-os contra a venda de armas à China.

O aviso foi denunciado como interferência soviética pela Imprensa italiana e alguns políticos não governamentais.

Também em conversações com Gromyko o ministro italiano dos Negócios Estrangeiros, Arnaldo Forlani, defendeu a crescente amizade da Europa Ocidental com os chineses e minimizou os receios soviéticos.

Mais tarde, Gromyko avistou-se com o secretário-geral do PCI, Enrico Berlinguer, para conversações, que, segundo o comunicado emitido pelo PCI, decorreram «numa atmosfera de cordialidade e camaradagem» e abrangeram questões de interesse para os partidos dos dois países.

Neofascistas italianos acolhidos na Baviera

A cumplicidade entre os serviços secretos (ou quaisquer outros «serviços paralelos») oeste-alemães e italianos é hoje de novo posta em relevo.

A cumplicidade de ambas as organizações ficou claramente provada aquando da

fuga do nazi alemão Kepler, que há anos se encontrava encarcerado numa prisão italiana. Agora há informações ainda não desmentidas de que os bombistas italianos Freda e Ventura foram vistos numa casa de campo da Baviera (RFA).

Canal da Crítica

José Viana: um gigante

Gostava de lhe dizer como achei justas as palavras que dedicou a José Viana. E também gostava de lhe dizer da minha surpresa: era como se estivesse a ver um actor pela primeira vez, ou doutra maneira, era como se nunca tivesse visto representar José Viana.

Muita gente considera a revista uma espécie de teatro de segunda classe. Meu marido que Deus tem não era dessa opinião e muitas vezes chamou a minha atenção para as dificuldades daquele género e um dia chegou a dizer-me: «Só um grande actor pode ser bom actor de revista.»

Eu não o compreendia muito bem, porque toda a minha cultura teatral tinha sido feita primeiro, com base no teatro chamado sério e depois, quando a minha vida se modificou completamente (se eu lhe dissesse quanto recebo de pensão, o senhor até ia pasmar...) passei a ver sempre o teatro de televisão que é um prolongamento do teatro de palco. De modo que a minha ideia de um grande actor não passava pelos caminhos do Parque Mayer...

Por isso, o meu espanto ao ver José Viana naquele extraordinário papel. O meu espanto e a minha satisfação e não só minha, mas de muita gente. No dia seguinte, todas as pessoas que me encontravam, todos diziam: «Aquilo é que é um actor!»

Quem tinha dúvidas, por considerar a revista um género tea-

tral medíocre, agora ficou a saber como José Viana é um grande actor.

Maria Júlia D. Pinhão
LISBOA

«NÃO ME VENHAM DIZER»

(...) A peça *Quem é Quem* não era uma peça fácil. Era até uma peça com muitas dificuldades, pois exigia um grande esforço de atenção dos telespectadores. Cá por mim, ainda bem. Fácil por fácil a gente bebe um copo de água e já está.

No entanto, uma peça não se entende e não é por falta de inteligência mas assim por falta de uma coisa a que eu chamei «ginstica de aplicação de inteligência».

Assim sou de opinião de que, como se fazia antigamente algumas vezes, havia de haver um pequeno debate depois da transmissão. Um debate que esclarecesse as pessoas sobre algumas passagens, alguns símbolos que aparecem no filme.

Sim, porque toda aquela construção era simbólica e isto

só resulta quando as pessoas estão em condições de traduzir os símbolos em realidade e isto só se consegue pela cultura, uma coisa de que estivemos privados durante tantos anos.

Na minha opinião, a peça representava a ideologia nazi, tornava-a repelente, pela sua crueldade. Mas esta ideologia pode não existir propriamente ligada a esta ou aquela organização fascista, por vezes essa ideologia está dentro de nós sem nos darmos conta disso. A ideologia fascista é uma espécie de ideologia de um capitalismo em fase de putrefacção violenta, mas qualquer forma de capitalismo comunica-nos um certo tipo de reacções que gradativamente se vão orientando até ao absurdo da ideologia fascista.

Quando se sente prazer em castigar alguém ou mesmo quando se encara a punição como a forma mais prática de resolver um problema, estamos a agir à maneira fascista. Ou quando impedimos alguém de ser feliz, ou quando desprezamos os conselhos dos mais simples, ou quando achamos que nada se pode fazer sem chefe, ou quando impomos à força a nossa vontade, etc., etc.

De tudo isto nos falou a peça *Quem é Quem*, onde assistimos a uma das maiores representações teatrais. Quem viu José Viana, não o esquece mais. E eu pergunto como é possível que a televisão o tenha esquecido durante todos estes anos! Agora, não me venham para cá dizer que não se faz bom teatro na televisão portuguesa por falta de actores...

António José Moreno
ALGÉS

UM GRANDE ACTOR NADA MAIS

Só posso dizer o que sinto através de uma frase: José Viana é um gigante. O seu trabalho na televisão foi

muito mais do que um trabalho de actor, foi um trabalho de professor. Acho que todos os alunos do Conservatório deviam considerar esta peça com José Viana como uma espécie de livro de estudo, tal como os alunos usam compêndios escolares.

Tudo o valor de um simples gesto, de uma pausa, de uma inflexão; a colocação da voz no registo mais apropriado; as mudanças de tom, que se comparavam às mudanças de velocidade num carro; o «tempo» de uma intervenção, etc., etc. — tudo isso José Viana aplicou com a maior sabedoria e com a maior simplicidade.

(...) Para terminar, queria dizer-lhe que o trabalho de José Viana foi uma surpresa só para aqueles que encaram a revista um teatro sem categoria. Não é tal. A revista é um género muito difícil. Tenho visto José Viana fazer grandes papéis na revista. A partir de agora, porém, já ninguém poderá dizer que «José Viana é um grande actor de revista.» Depois desta peça na televisão toda a gente dirá: «José Viana é um grande actor.»

Luís Gualdino M. Saraiva
ALMADA

OS MEUS BONS PRÉSTIMOS...

Os abaixo-assinados, vizinhos e conhecidos, que constituíram uma tertúlia nos Olivais, vêm pedir os seus bons préstimos junto da televisão para que seja transmitida novamente *Quem é Quem?* com o grande actor José Viana.

Certos de que seremos atendidos, somos com muita consideração,

(Seguem-se as assinaturas, encabeçadas por Maria do Carmo Castanheira Alves (ou Abreu?)

Hoje



Uma imagem de «William Shakespeare»

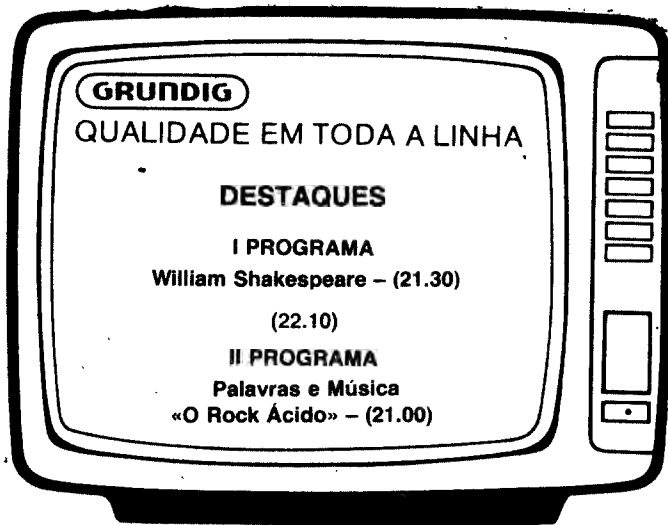
I PROGRAMA

- 18.30 Sumário — Títulos da actualidade nacional e internacional.
- 18.30 Um Mundo para descobrir.
- 19.05 País, País — Noticiário e reportagens regionais
- 19.25 10 Milhões de Consumidores
- 20.00 Jornal RTP-1 — noticiário do País e do estrangeiro e o Tempo
- 20.40 O Astro — episódio n.º 75
- 20.45 Em questão — debates sobre problemas actuais
- 22.30 William Shakespeare — Shakespeare começa a conhecer o êxito das suas peças
- 23.25 24 Horas — as notícias mais importantes das últimas 24 horas
- 23.40 Fecho.

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

- 18.45 Ano Propedéutico
- 20.32 Temos Festa — Museu por pena
- 21.00 Palavras e Música — «O Rock Ácido»
- 22.00 Informação/2
- 22.30 Cine Clube — debate sobre os filmes exibidos nas semanas anteriores.
- 00.00 Fecho.



Amanhã

I PROGRAMA

- 13.15: Formação de professores, 13.47: Um, dois, três, é a nossa vez, 14.00: Sumário, 14.10: Novos Horizontes, 14.40: Era Uma Vez um Homem, 15.00: O Ursinho Colargol, 15.25: O Mundo à Tua Espera, 16.40: Nicholas Nickleby, 17.15: Tempo de Desporto, 17.45: Animação, 18.15: País, País — Magazine, 18.50: Ver com Olhos de Ver, 19.20: 4300 Minutos, 20.00: Cardiologia, 20.30: Jornal RTP-1, 21.00: Holandeses, 22.05: Alamedas da noite com o filme «Os Candidatos», 23.50: 24 Horas, 00.05: Fecho.

II PROGRAMA

- 14.00: Ano Propedéutico, 20.32: O Projecto Ufo «O Incidente de Washington», 23.30: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 88 27 86 - 89 98 26

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Toda a magia dos anos 20

no mais alegre de todos os filmes musicais!



LUCILLE BALL em «MAME»

com BEATRICE ARTHUR · BRUCE DAVISON · JOYCE VAN PATTEN
KIRBY FURLONG · ROBERT PRESTON

Produção de ROBERT FRYER e JAMES CRESSON · Realização GENE SAKS

Paravision® Technicolor® From Warner Bros. A Warner Communications Company
in Association with the American Broadcasting Companies

11, 13, 15, 17, 19,

HOJE ESTREIA ÀS

21.30 e 22.30

cine estúdio
terminal

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS



o Diário de Lisboa vende-se no
CAFÉ CENTRAL
DE António Batista Paquete
Rua Serpa Pinto, 58-60-62
Telef. 42172 CUBA Alentejo

Mick Jagger é pai legal

O «Rolling Stone» Mick Jagger é o pai legal de uma criança de 8 anos, nascida quando o cantor vivia com a actriz Marsha Hunt, concluiu um tribunal de Los Angeles.

O teor da sentença não foi revelado, mas o juiz Harry Shafer disse que o casal chegou a acordo em «termos amigáveis».

Marsha Hunt apresentou a queixa contra Jagger em Julho último, porquanto, segundo alegou o seu advogado, o leader dos «Stones» estava a pagar, nos últimos quatro anos, uma modesta mesada para a filha, Karis Hunt Ratledge.

Em aditamento ao requerimento original para que Jagger fosse declarado o pai legal da criança, a actriz reclamava uma pensão mensal para a filha de 2.100 dólares (cerca de 95 mil escudos).

Cantores espanhóis vão participar na "Febre Política"

O mundo da política espanhola, segundo informa a agência «EFE», anuncia, para as próximas eleições gerais, «as eleições com música», ou seja, a participação dos cantores «na Febre Política».

A dualidade «música-política» traduz-se numa rápida corrida que alguns ídolos iniciaram para se introduzirem nas fileiras de vários grupos políticos. O caso mais notório foi, sem dúvida, o de Lola Flores, que de «superfrankista» e «ultradireitista» passou agora para o Partido Socialista. Já Lolita prefere cantar para o partido do governo e se declara

entusiasta do presidente Adolfo Suárez.

No terreno dos comunistas destacam-se, actualmente, Victor Manuel, o trovador asturiano e a sempre «sexy» Sara Montiel, grande estrela de Hollywood.

A extrema-direita possui cantores para todos os gostos, desde um Miguel Bose, intérprete de «rock», até à misteriosa Mari Trini, que canta sempre o amor.

Na direita, mas não «extrema», destacam-se as vozes de Camilo Sesto e de Julio Iglesias.

"Pédepalhaço" no TNT

O último espectáculo dos Comediantes de Leiria, «Pédepalhaço», estará em cena nos dias 27 e 28 no Teatro do Nosso Tempo, à Praça José Fontana.

«Pédepalhaço» é um trabalho de descoberta do palhaço, do seu sorriso, da sua ternura, da subtileza de cada pequeno gesto, do seu andar.

«Pédepalhaço» tem encenação de Carlos Fragateiro, concepção plástica de Nelson Dias, concepção e execução musical de António Cardoso, assistente de encenação Isabel Pereira e como actores Constantino M. Alves, Humberto da Piedade e Vítor Ferreira.

Este espectáculo insere-se num trabalho global que os Comediantes estão a desenvolver junto das crianças do Distrito de Leiria e do qual já resultaram



Um momento do espectáculo dos Comediantes de Leiria

vinde núcleos locais de animação para a infância, um atelier de dramaturgia que estuda todos os problemas relacionados com a escrita para a criança e o seu

aproveitamento pedagógico, uma oficina de produção de material didáctico e de audiovisuais e um núcleo coordenador das experiências de animação.

ABERTO

P. de ESPANHA (metro: PALHAVA) telefone: 77 09 69

grupo 4

APRESENTA



TODAS AS NOITES ÀS 21.45
SÁBADOS E DOMINGOS TAMBÉM ÀS 15.30
DESCANSO À 2.ª FEIRA

Crónica atribulada de ESPERANÇOSO FAGUNDES

de LUIS DE STTAU MONTEIRO

ENCENAÇÃO DE MORAIS E CASTRO
CANÇÕES DE ARY DOS SANTOS, PAULO DE CARVALHO E PEDRO OSÓRIO

com subsídio do S.E.C.

espectáculo não disponível a menores de 13 anos

Ela julgava ser do sexo fraco até que um dia foi violada.



A história do ultraje duma mulher e da sua vingança!

DINO DE LAURENTIS apresenta

Lipstick

Baton Vermelho



COM MARGAUX HEMINGWAY

CHRIS SARANDON · PERRY KING · ANNE BANCROFT

Produção de FREDDIE FIELDS Realização de LAMONT JOHNSON

Argumento de DAVID RYFEL Música de MICHEL POLNAREFF

TECHNICOLOR

3.ª SEMANA

A partir de hoje às 21.30 h.

CALEIDOSCOPIO

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

HISTÓRIA DA VIDA E DA MÁ VIDA

UM LIBELO ACTUAL!

QUANDO A JUVENTUDE RESVALA NO ABISMO...

UM FILME DE CARLO LIZZANI

2.ª SEMANA

estúdio

INTERDITO A MEN. 18 ANOS

Um filme a ver

RECOMPENSA

Um filme de Arthur Duarte baseado na peça de Ramada Curto

com Fernanda Lapa, Rogério Paulo, Curado Ribeiro, Carlos Verissimo, Maria Adelina, Alina Vaz, Henrique Santos, Jaime Valverde e Maria Olguim

um filme cem por cento português

Música de Jaime Mendes - Imagem João Moreira - Som Heliodoro Pires

Hoje estreia às 21.15 no MONUMENTAL

e às 21.15 no ODEON

Distrib. Soffinés

Não acens. a menores de 13 anos



Devido a compromissos já assumidos, este filme só se exhibirá 1 semana no Cinema MONUMENTAL, continuando a sua carreira no Cinema ODEON

O CENTRO CULTURAL DA CARRIS

APRESENTA PARA TODOS

ou isto ou aquilo



O.T.C.

De 3.ª a sábado às 21.40, sábados e domingos às 16.30
Edifício do Elevador da Bica à R. S. Paulo
Tel. 365035

UM ESPECTÁCULO PARA CRIANÇAS

"OMSI-KZAF" pelo grupo O Bando

«OMSI-KZAF», pelo grupo O Bando. Teatro do Nosso Tempo. 1-1979.

Assentemos nestas duas propostas, que me parecem correctas, de um teatro para crianças. Espectáculos que não lhes são especialmente dirigidos mas poderão interessá-las, tanto quanto aos adultos. Caso do recente «Ou Isto Ou Aquilo», da O.T.C., e, caso mais antigo, do «Bão» da Comuna. Ou espectáculos baseados em esquemas fluidos, que permitem a intervenção mais ou menos activa dos pequenos espectadores. Caso do último espectáculo de O Bando, este «Mosi-Kzaf».

Claro que há um tipo de teatro infantil que é aquele que é feito intencionalmente para as crianças e lhes é apresentado obedecendo às convenções do teatro para adultos. Parece-me ser esta terceira hipótese a menos interessante, embora belos espectáculos se possam desse modo fazer.

O espectáculo apresentado pelo Bando no T.N.T. tem como elemento central uma máquina algo complicada que fabrica «petrolix». Antes, porém, da máquina aparecer, com todas as suas consequências, os actores entram na sala apregoando as coisas que vendem e estabelecendo, assim, um clima de fácil comunicabilidade.

Uma crise «comercial» levará um deles a abandonar a «feira» e a tentar arranjar outro tipo de trabalho. Mais tarde surgirá transformado numa espécie de autómato-polícia, preso por um cadeado ao seu amo e senhor, que permanece oculto nos bastidores. É ele que vai fazer acionar a máquina por intermédio dos vendedores que submete à sua vontade com a promessa das riquezas a conquistar. A máquina só trabalha depois de se fazerem determinadas operações e é aí que os espectadores intervêm ajudando a fazer essas operações que se vão tornando

mais complicadas.

Trata-se de contas e de outros jogos matemáticos e geométricos. A certa altura, num dos momentos mais vivos do espectáculo, a miudagem não resiste e salta para o palco, quase subvertendo a acção, numa prova de que o espectáculo, de facto, funciona.

Claro que tudo termina bem: o espectáculo demonstra que a força e a opressão não conseguem dominar os trabalhadores quando estes se unem.

Se não consegue ser convincente em todos os seus aspectos (por ex., no que se refere aos seus elementos plásticos, podendo dizer-se que o espectáculo é feio), se nem sempre as mensagens são entendíveis pelas crianças («não há médico na aldeia, é preciso andar quilómetros para arranjar um»), nem

por isso «Omsi-Kzaf» deixa de ser uma autêntica criação de teatro infantil, em que os actores,

as invenções cénicas, o uso de pequenos fantoches, a sonoplastia, a alegria, a comunicabilidade, são elementos fundamentais.

«Ou Isto Ou Aquilo» e este espectáculo provam a possibilidade de se fazer um teatro para crianças digno desse nome. Se houvesse um mínimo de planificação, um mínimo de organização, um apoio financeiro razoável — o que não se poderia fazer...

Carlos Porto

Prémio de originais de Teatro

A peça de teatro «D. João VI», de Hélder Costa, ganhou o primeiro prémio de originais de teatro, atribuído pela Associação Técnica e Artística de Descentralização Teatral (ATADT).

Outras cinco peças teatrais que concorreram ao prémio, foram recomendadas para encenação às companhias que actuam fora de Lisboa, e que fazem parte da «ATADT»: Seiva Trupe, Tear, Centelha, Teatro Experimental do Porto, Teatro de Animação de Setúbal e Centro Cultural de Évora.

A entrega do prémio, a que concorreram 91 originais, realizar-se-á no próximo dia 3 de Março no Teatro António Pedro, do Porto.

O júri que atribuiu os prémios era constituído por Luís Francisco Rebelo, Manuel Rio de Carvalho, Maria Helena Seródio, Miguel Franco, José Oliveira Barrata e Mário Barradas.

TRINDADE

Ninguém

Os sócios do INATEL, dos CCDs, CPTs, e Sindicatos beneficiam de 50% de desconto em todos os lugares (não acons. men. 13 anos)

SEMANAS REGIONAIS PAVALHAO DOS DESPORTOS

Conjunto TEMA 5
TODOS OS DIAS

BAILE

Entrada 20\$00
Dia 26 — das 21.30/1 h.
Dias 27 e 28: das 17.30/1 h.

SEMANA DO DISTRITO DE CASTELO BRANCO

Castelo Branco, Covilhã, Fundão, Idanha-a-Nova, Oleiros e Sertão
Dias 26, 27 e 28 de Janeiro

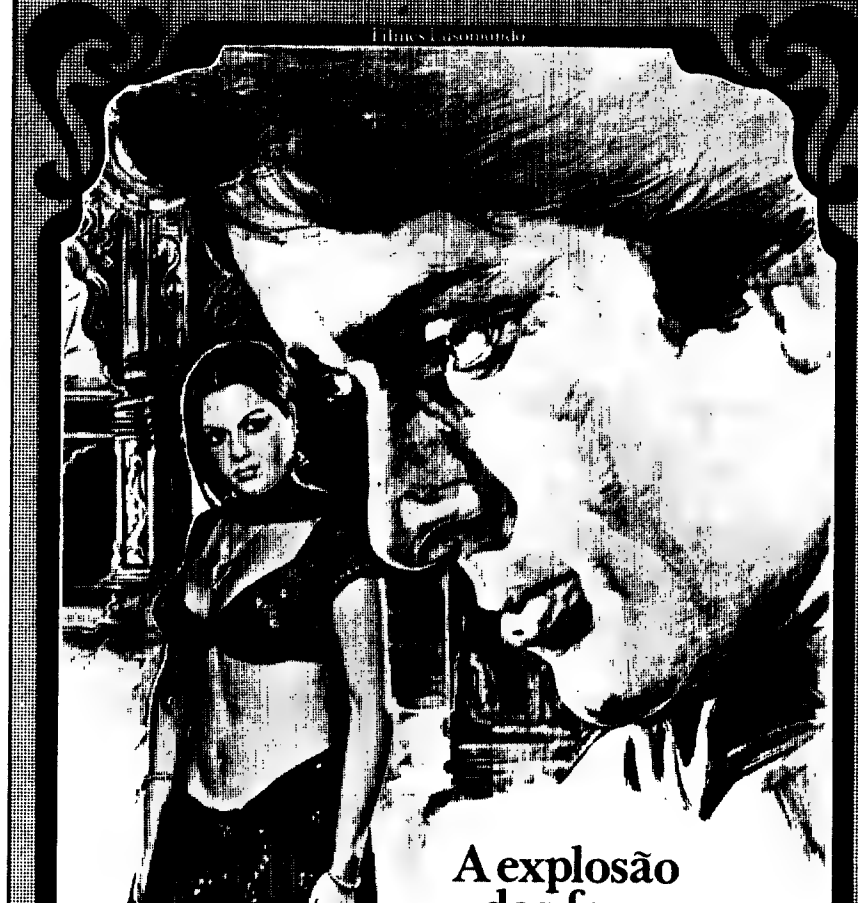
ARTESANATO: Colchas de Castelo Branco, linhos, cobres, olaria, objectos de pastor e outros artigos

GASTRONOMIA: Queijos, enchidos, doçaria, frutas, vinhos e aguardentes

FOLCLORE: Ranchos de Unhais da Serra e de Oleiros, Filarmónicas Danhense e Sertaginense e Orquestra Típica Albicastrense

CML — CASA DAS BEIRAS

Filmes Casablanca



A explosão das forças do espírito através das paixões da carne!

Amor sublime

- Satyam, Shivam, Sundaram -

A última grande obra de **RAJ KAPOOR** o maior cineasta Indiano

com **Shashi Kapoor · Zeenat Aman**

Hoje estreia às 21.30h

EDEN BERNAR ROXY

Technicolor/Interdito a menores de 13 anos

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

HOJE ÀS 21.30 H

A comédia em 2 actos e 16 quadros de **WILLIAM SHAKESPEARE**

As Alegres Comadres de Windsor

Com: Costa Ferreira ou Rui de Carvalho no papel de Falstaff, e Irene Izidro ou Fernanda Borsatti no papel de Sr.ª Quickly, e Carlos Quintas, Barroso Lopes, Manuel Coelho, Mário Pereira, Rogério Paulo, Carlos Cabral, Varella Silva, Assis Pacheco, Carlos Duarte, Vítor Ribeiro, António Banha, Lourdes Lima, Carlos Daniel, Luís Bandeira, Alberto Vilar, Carlos Fonseca, Lourdes Norberto, Lígia Telles e Guida Maria.

Versão Livre e Direcção de Espectáculo de Francisco Ribeiro
Cenários de Patrick Swift
Figurinos de Abílio Matos e Silva
Música de Frederico de Freitas

Precos de 50\$00 (3.º balcão) a 100\$00 (plateia)
Redução de 50% a estudantes e a associações ou grupos de mais de 20 pessoas.

Espectáculo não aconselhável a menores de 13 anos
Bilheteira abre às 13.00 h. Telef. 322210
SABADO ÀS 16 E 21.30 H.
DOMINGO SÓ MATINEE ÀS 16.00
DESCANSO DA COMPANHIA ÀS 2.ªS-FEIRAS



RALI DE MONTE CARLO

Noite de glória para Darniche

Noite de glória para Bernard Darniche e para o «Lancia Stratos»: ganhando todas as dez provas do contra-relógio final, disputado num tremendo carrocel nas imediações do Principado do Mónaco, o francês, tendo como «pendura» Alain Mahé, foi o inesperado vencedor do 47.º Rali de Monte Carlo, enquanto o sueco Bjorn Waldegard, num «Ford Escort», se limitava ao segundo lugar e privava a fábrica inglesa de uma ansiada vitória a somar ao já longínquo triunfo de 1953.

A classificação oficial dos seis primeiros ficou como segue: 1.º Bernard Darniche/Alain Mahé, França, «Lancia Stratos», 8h. 13m. 38s.; 2.º Bjorn Waldegard/Hans Thorzelius, Suécia, «Ford Escort», 8h. 13m. 46s.; 3.º Markku Alen/Iikka Kivimäki, Finlândia, «Fiat 131 Abarth», 8h. 17m. 47s.; 4.º Jean-Claude Andruet/Chantal Liénard, França, «Fiat 131 Abarth», 8h. 19m. 20s.; 5.º Hannu Mikkola, Finlândia/Arne Hertz, Suécia, «Ford Escort», 8h. 23m. 7s.; 6.º Jean-Pierre Nicolas/Jean Todt, França, «Porsche Carrera», 8h. 26m. 37s.

Os grandes vencedores foram os «Ford Escort» que, primeiro com Mikkola e depois com Waldegard, pareceram estar a caminho da vitória neste «Monte» de 1979. Um percurso de ligação desastroso para o finlandês, ba-

tendo num muro de néve (pneu rebentado, dois minutos e tal de paragem) e sendo penalizado por «ultrapassagem perigosa» (cinco minutos de castigo), afastaria Mikkola de disputa «mano a mano» com Waldegard, que ficou então com o primeiro lugar à sua mercê. Mas estava escrito que o «Monte» iria para os audezes: Darniche (com o navegador Mahé atento ao percurso) acelerou e conseguiu uma proeza quase sem precedentes, como no final comentaram os entendidos.

Colocando Darniche no primeiro lugar, Andruet no quarto e

Nicolas (vencedor de 1978) no sexto, a França pode sorrir de satisfação, mesmo que no Sul, onde Nicolas é particularmente popular, se lamenta o relativo apagamento do homem que há um ano, sem de todo se esperar, bateu gregos e troianos (e escandinavos...).

Ao nível de marcas a parte de leão vai para a «Lancia», mas os italianos devem tudo à perícia, ao destemor, à loucura de Darniche. De facto, quem diria que o francês ia «trepar» daquela forma na geral?

O «Monte» é afinal e mais uma

vez o «Monte»: uma caixa de surpresas. Darniche, esse, chamam-lhe as agências «irresistível». As primeiras horas de hoje, somados os tempos das derradeiras dez provas especiais, ele tinha «comido» os 6m. 27s. de atraso em relação a Waldegard e ainda mais 8s., o suficiente para se sagrar vencedor.

Ontem à tarde, ao iniciar-se o carrocel final, Waldegard era praticamente o patrão do «Monte»: só um imprevisto, avaria ou despiste, poderia roubar-lhe a vitória. O imprevisto chamou-se Bernard Darniche, volante de mãos de ouro.



MODALIDADES EM DESFILE

NATAÇÃO

Petra Priemer, medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Montreal, é uma das nadadoras da República Democrática Alemã que abandonaram a competição. Priemer obteve o 2.º lugar nas provas de 100 metros livres e na estafeta de 4x100 metros livres, nos Jogos de Montreal, em 1976.

Outros elementos que se retiraram foram Sabine Kahle (2.ª classificada nos 200 e 400 metros estilos, nos Campeonatos da Europa de 1977) e Lutz Wanja (que obteve o 5.º lugar na prova masculina de 100 metros costas, nos Jogos de Montreal).

BASQUETEBOL

A Federação Uruguaia de Basquetebol suspendeu a equipa do Hebraica Macabi, campeã no ano passado, devido ao profissionalismo.

O Hebraica havia sido acusado de profissionalismo, facto que a maioria da imprensa especializada considerou «discriminatório», aconselhando-se uma suspensão de dois anos.

No Uruguai, o basquetebol é um desporto puramente amador, ainda que continuamente se fale de profissionalismo por parte de alguns clubes da 1.ª divisão, pese a expressa proibição do mesmo.

VOLEIBOL

A Federação Voleibol realiza, de 17 a 23 de Abril deste ano, em local ainda desconhecido, o II Simpósio Mundial de Minivólei, cujo tema-base será o voleibol ao serviço do desenvolvimento físico e da integração social dos jovens na sociedade.

As teses a apresentar versarão os aspectos sociais e educativos do «minivólei», o papel do voleibol no contexto da educação dos jovens no seu conjunto, a iniciação ao voleibol (métodos de ensino ao longo duma 1.ª fase), o «minivólei» no programa escolar e aspectos médicos do «mini-volei» (desenvolvimento do jovem no contexto de uma preparação atlética geral).

Entretanto, a federação divulgou já a constituição da direcção e das suas comissões, que será a seguinte: presidente — Vieira Monteiro; coordenadores — Fernando Moreira, Fernando Araújo

Barros e Luís Santos; comissão técnica — Ana Duarte, Fernando Moreira e Artur Borges; comissão financeira — Armando Parada, José Maciel e Luís Santos; comissão de arbitragem — Fernando Magalhães, José Ferreira da Silva e José Casanova; comissão de provas — Luís Guedes da Silva e Maria Irene de Almeida; comissão regional e disciplina — Fernando Araújo Barros.

XADREZ

O curso de árbitros de xadrez organizado pela federação da modalidade que devia realizar-se em 9 e 10 de Fevereiro próximo, foi adiado para os dias 16 e 17 do mesmo mês. Por esse motivo, foi prolongado o prazo para a entrega de inscrições que termina agora no dia 12 do próximo mês.

ARMAZÉM

Compra-se ou aluga-se. Até 300 m2 c/entrada para camiões e bons acessos. Em Lisboa ou arredores. Telef. 390563 — Porto

ESCRITAS SELADAS

Actas, Razão, Diário, Inventário e Balanços. Vendem-se no Rei dos Livros. Rua da Conceição, n.º 1. Telef. 369545 — LISBOA-2

Porto-Sporting sobre rodas

Amanhã, no pavilhão das Antas, jogo grande de hóquei patinado. Para a 2.ª mão dos quartos de final da «Taça de Portugal» actuam Futebol Clube do Porto (em cima) e Sporting. Os norte-nhos viajaram de Alvalade com a

mais leve desvantagem: 4-5. Face a este tangencial «placard», tudo pode acontecer na noite de amanhã, que é decisiva para as aspirações de duas belas equipas.

KARPOV KORCHNOI

32 lições de xadrez

ALVARO PEREIRA/FERNANDO SILVA
LUÍS SANTOS

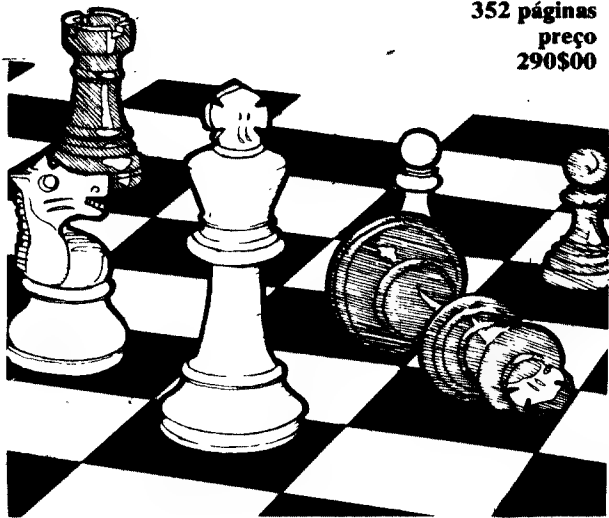
No livro incluem-se as 32 partidas do dramático «match» de Baguio, comentados por campeões nacionais.

A «guerra psicológica»

e as suas imensas peripécias.

A história dos campeonatos do Mundo, com 18 partidas de campeões

352 páginas
preço
290\$00



editorial CAMINHO

CDL a distribuição

À ATENÇÃO DA MIUDAGEM

SÁBADO ÀS 16 H

DOMINGO ÀS 15 H

NO

ADOCQUE

Telef. 87 44 76

TEL. 874476

O GRANDE ESPECTÁCULO INFANTIL

«O REGRESSO DA MALTA»



PROCURO PROPRIEDADE OU TERRENO SEM OU COM CASA SIMPLES. INDICAR SITUAÇÃO, SUPERFÍCIE E PREÇO. RESPOSTA PARA:

SNR. VAN ZANTEN, KRANENBURGWEG 62, HAIA, HOLANDA.

O
Diário
de Lisboa

E VENDIDO EM
S. PEDRO DO ESTORIL
POR

PORFÍRIO DA SILVA
CARREIRA

TRIBUNAL CÍVEL

DA COMARCA
DE LISBOA

11.º JUÍZO
ANÚNCIO
2.ª Publicação

São citados os credores desconhecidos que gosem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida adilação de vinte dias, que começará a contar da segunda publicação do respectivo anúncio.

Execução Ordinária, n.º 10372, 2.ª Secção. Exequentes — Simões e Companhia Lda. Executado — Gracinda Flores Lda com sede elisboa na R. Alexandre Herculano, n.º 5.

Lisboa, 20 de Janeiro de 1979

O JUIZ DE DIREITO
PELO ESCRIVÃO DE DIREITO
(Assinaturas ilegíveis)

ADMISSÃO DE PESSOAL

Part-time — 12 000\$00

Companhia europeia precisa de 4 pessoas, com entrada imediata para preenchimento dos seus quadros. Os candidatos/as deverão possuir curso complementar (mínimo) e mais de 18 anos.

Comparecer amanhã somente às 10 horas na Av. António Augusto de Aguiar, n.º 3-1.º Dt.º

A DANÇA DOS TREINADORES

Barreiro sem Oliveira

Manuel de Oliveira pediu a rescisão do contrato que o ligava como treinador do Barreirense: esta a «bomba» hoje nos jornais, a traduzir um momento menos bom dos homens da margem sul e a agudização de tensões que por lá vão depois de um promissor início de época.

O Barreirense teve um arranque inesperado, digno de uma equipa fadada para voos mais altos do que se previa para um recém-vindo da II Divisão. Com Jorge, Araújo e Carlos Manuel a fazerem figuras de vedetas, foi ganhar ao Restelo e ao Bessa e disputou-se a aquecer lugar a meio da tabela quando o plano inclinado o veio surpreender, concretamente a partir da 8.ª jornada. Dai em diante somaram-se os reveses; o último dos quais no domingo pas-

sado em Braga.

Falando ao nosso prezado colega «Record», Manuel de Oliveira disse ter pedido (por carta) a rescisão amigável do contrato, embora lhe sobrassem razões, acrescentou, para invocar a justa causa. E precisou: «Neste momento a rescisão é benéfica para o Barreirense». Será de facto?

«Agora só como sócio», desabafou ainda Manuel de Oliveira. Não haverá, pois, «chicotada psicológica», mas a substituição impunha-se e José Augusto, também associado do clube e treinador de largos recursos, aceitou a digressão de Barreirense já no próximo domingo.

Enquanto isso especulava-se ontem a possível ida de Juca, do Académico de Coimbra para o Marítimo do Funchal, companheiro dos da

Lusa Atenas nas aflições de fundo. Era fumo sem fogo: os madeirenses haviam telefonado a saber se Juca continuava em Coimbra; continuava, disseram-lhes. E no Funchal fizeram um risco na agenda.

Medeiros? Artur Jorge? Estes são dois nomes em vista para (ou pelo Marítimo como substitutos de Fernando Vaz. Artur Jorge está em princípio disponível, mas não há-de querer «chamuscas» o diploma tirado na RDA com o «mergulho» nos «caldeirões» da II Divisão. Medeiros, esse, treina o Belenenses... De qualquer modo o dirigente Nicolau Borges contacta-o hoje em Lisboa e, no caso de receber uma negativa, irá depois sondar Artur Jorge.

Um terceiro homem poderá apesar de tudo ser a solução.

Wilson convoca 34

Damas, o ex-sportingista ao serviço do Santander, não figura no lote dos 34 convocados por Mário Wilson para se integrarem, segunda-feira que vem, nos treinos do «onze» nacional com vista ao jogo contra a Noruega.

Eis a lista: Bento, Fidalgo, Bastos Lopes, Humberto Coelho, Alinho, Alberto, Eurico, Alves Shéu, Chalana, Nenê e Reinaldo, do Benfica (12); Gabriel, Teixeira, Rodolfo, Frasco, Oliveira, Gomes, Vital e Costa, do F. C. do Porto (8); Artur e Manuel Fer-

nandes, do Sporting (2); Artur Corteia, João Cardoso e Chico Gordo, do Braga (3); Melo, Romeu e Alfredo, do Guimarães (3); Cepeda, do Belenenses; Fonseca, do Estoril; Sousa, do Beira-Mar; Festas, do Varzim; Duarte, do Famacão; e Jorge, do Barreirense.

Notem-se a convocação de Fidalgo que teve uma fractura de nariz ao serviço da Seleção «B» e é o n.º 2 na baliza benfiquista, e do inesperado Duarte, do Famacão. Quanto a jogado-

res nascidos nas ex-colónias, para já não falar no meiomocambicano Nenê, são em número de cinco.

Entretanto o «onze» nacional poderá aquecer as pernas em jogos particulares. É essa a ideia da Federação, que endereçou o respectivo convite ao Real Madrid, Barcelona, Hamburgo e Feyenoord, muito embora se não pense que qualquer dos três primeiros responda pela afirmativa.

Em Abril: Cosmos-TAP

A equipa de futebol do Grupo Desportivo da TAP (escala de Lisboa) desloca-se no próximo mês de Abril a Nova Iorque para defrontar a equipa do Cosmos em dois jogos de carácter particular (um em futebol de onze e outro em futebol de salão) — afirmou à ANOP o delegado desportivo daquela equipa, Carlos Almeida. Essa deslocação insere-se no âmbito de uma acção desenvolvida pelo sector

desportivo da TAP da «escala de Lisboa», denominada «Nova Imagem TAP» e que visa, essencialmente, o contacto com as comunidades portuguesas no estrangeiro, através de manifestações desportivas.

«Sentimos (acrescenta Carlos Almeida) que teríamos um papel muito importante a desempenhar junto dos emigrantes, pois a nossa equipa de futebol de salão é na sua totalidade composta por oficiais de tráfego e somos nós quem através do contacto diário com os passageiros, melhor conhecemos os seus problemas».

Independente, administrativa e financeiramente do conselho de gerência da TAP, a actividade desportiva da «Escala de Lisboa» ao nível internacional é já muito vasta. Desde o ano passado, a equipa de futebol de salão participou em torneios realizados em Londres, Kinshasa e Rio de Janeiro, disputando encontros com equipas locais (no Rio, o Vasco da Gama, foi um dos adversários) e representativos de Casas de Portugueses.

No próximo dia 12 de Fevereiro, a equipa da «Escala de Lisboa» desloca-se novamente a Londres, para participar num torneio e nesta actividade tem contado com a colaboração de várias firmas portuguesas, do

próprio conselho de gerência da TAP (que além de dar as viagens concede dois dias de licença aos componentes da equipa) e de alguns clubes como o Benfica, o Sporting e o Belenenses.

Normalmente, a estada é custeada pelas organizações que convidam e, nas duas vezes que se deslocaram ao Rio de Janeiro, os elementos da comitiva ficaram instalados no Centro de Estágio de Futebol Profissional do Vasco da Gama, que pôs as suas instalações ao dispor dos portugueses.

A deslocação a Nova Iorque resultou de contactos entre Carlos Almeida e o «public-relations» do Cosmos (Abdul Zubaida) e o treinador do mesmo clube (Firmani), estando assente que o clube norte-americano apresentará todas as suas «estrelas», enquanto a equipa da TAP se reforçará, para o jogo de futebol de onze, com alguns elementos da sua delegação em Londres.

A nível nacional, é também intensa a actividade da equipa de futebol de salão da «Escala de Lisboa»: além do torneio interno da TAP, jogos-treinos com os futebolistas profissionais do Belenenses (estes já disputados), Benfica e Sporting (previstos) e com a equipa do «Diário Popular» (igualmente previsto).

Coluna nos "Campeões Africanos"

Equipas moçambicanas de futebol participam pela primeira vez este ano em competições oficiais a nível africano.

A contar para a Taça dos Campeões Africanos, o Desportivo do Maputo, agora dirigido por Mário Coluna, recebe no dia 18 de Março o Matlana, do Lesotho, indo no dia 1 de Abril jogar em Maseru, capital desse país.

Para a Taça dos Vencedores das Taças Africanas o ex-Sporting do Maputo recebe no dia 11 de Março o Sotema, de Madagascar. O jogo da segunda «mão» disputa-se a 25 do mesmo mês em Antananarive.

«BUNDESELF» SEM «ESPANHÓIS»

A selecção de futebol da Alemanha Federal («Bundeself») está impedida de apresentar, no próximo jogo contra Malta, os dois internacionais que militam no futebol espanhol.

Nem Stielike, do Real Madrid, nem Bonhof, do Valência, podem fazer parte da selecção do seu país, que joga em La Valetta no próximo dia 25 de Fevereiro — informou ontem o diário «Express».

Jupp Derwall, técnico da Alemanha Federal afirmou que Stielike não poderá alinhar devido a uma lesão num músculo. Por seu lado o Valência negou autorização a Bonhof, porque o desafio Malta-RFA coincidirá com o desafio Valência-Burgos.

Segundo o periódico alemão, a negativa do Valência atenta

contra uma das cláusulas do contrato, no qual o conjunto espanhol se compromete a ceder Bonhof para a disputa dos desafios internacionais da selecção do seu país.

TREVOR FRANCIS NÃO VAI PARA CONVENTRY

O Birmingham City, «lanterna vermelha» da I Divisão do futebol inglês, recusou ontem uma oferta recorde de 900 mil libras (mais de 85 mil contos) do Coventry City para a transferência do internacional inglês Trevor Francis.

A oferta era superior em 400 mil libras ao «record» de transferências entre equipas britânicas, que pertence ao West Bromwich Albion. Esta equipa, actual guia do campeonato, pagou 500 mil libras ao Middlesbrough, no princípio do ano, pela transferência de David Miles.

Na passada semana o treinador do Birmingham, Jim Smith, declarou que o clube não cederia o seu avançado, de 24 anos, depois de várias notícias de que os Washington Diplomats teriam oferecido dois milhões de dólares (cerca de 90 mil contos) pelo jogador.

KEVIN KEEGAN APUPADO

O futebolista europeu do ano, Kevin Keegan, foi apupado ao ser substituído, decorridos 8 minutos, no jogo amigável que o Hamburgo disputou ontem à noite, em Bordéus contra o clube local.

Os 8000 espectadores regozijaram-se quando o Bordéus ganhava por 2-0 na primeira parte, com golos marcados por Giresse e Vergnes. Contudo, na segunda parte três golos marcados por Kaltz e Reimann (2) deram ao Hamburgo uma vitória por 3-2.

Uruguai lidera em júniores

Ganhando por 1-0 ao Brasil e beneficiando do empate sem golos entre a Argentina e o Paraguai, o Brasil comanda o Campeonato Sul-Americano de Futebol Júnior, estando com boas perspectivas de dar à «afición» de Montevideo a alegria do título.

O único golo da primeira jornada da fase final foi marcado por Rubén Paz aos 12 minutos de jogo. O Uruguai-Brasil agradeceu (naturalmente) aos 70 mil espectadores presentes e foi notório que os forasteiros, jogando em jeito, nada podiam fazer contra o «futebol em força» genérico dos da casa.

Argentina e Paraguai não mostraram as mesmas qualidades entrevistadas na fase de apuramento. Aliás, os paraguaios mereciam o golo da vitória, quanto mais não fosse pela sua codícia.

No próximo domingo realiza-se a segunda jornada deste «quente» Sul-Americano de juniores, com os desafios Brasil-Paraguai e Uruguai-Argentina. É convicção generalizada em Montevideo que a Argentina tentará a vitória sobre o Uruguai, mas o país organizador, a quem um empate já teria o sabor dos caramelos com recheio, vai bem embalado e dispõe de um terceto dianteiro batalhador e realizador. O Brasil é que parece afastado do título: entretém-se a meio do campo com «flores» sem significado e revela um débito infeliz no capítulo do remate. Não trouxe a Montevideo nenhum «canarinho» com futuro no «onze» sénior.

ESTA NOITE NO RESTELO

Belenenses em hora de assembleia

Esta noite, no pavilhão do Restelo, realiza-se uma importante assembleia geral dos associados do Belenenses. Um ponto na agenda de trabalhos diz respeito à revisão dos estatutos da colectividade e à análise de uma proposta directiva para ser criado o lugar de presidente-substituto, cargo que pode entrar em plena efectividade ao mais leve impedimento do presidente efectivo.

Já existem nomes indigitados: Fernando Ferreira (efectivo) e Rui da Cruz (substituto) que, em caso de aprovação, acompanham o juiz desembargador dr. Gouveia da Veiga no comando da assembleia geral e eng.º Mota dos Santos, na presidência do conselho fiscal.

Porém, o ponto quente da reunião dirá respeito às relações do Belenenses com a Câmara Municipal de Lisboa, que pretende tornar o pavilhão polivalente do Restelo propriedade da edilidade, alegando que ele foi construído sem autorização camarária e está inserido dentro de um



Dr. Gouveia da Veiga: os destinos do Belenenses mais uma vez nas suas mãos

complexo que foi alugado pela CML ao Belenenses.

A colectividade do Restelo, que se debate com graves problemas financeiros (100 contos de juros mensais a en-

tidades bancárias e diversas letras assinadas por antigos elementos da directiva) tem de procurar meio de minimizar esse défice, provavelmente instituindo um bilhete no valor único de 25 escudos, pagável por quantos pretendem no complexo do Restelo assistir a qualquer espectáculo desportivo.

Um propósito do Belenenses: criar uma escola pré-primária no Restelo, que seria a única numa vasta zona populacional.

Esse seria mais um investimento a juntar aos 22 mil contos que o clube já gastou no seu pavilhão e aos 30 mil despendidos com o estádio desde 1969.

O Belenenses, actualmente com menos de 10 mil sócios, vive uma hora que pode ser decisiva para a sua continuidade. Da que a assembleia desta noite (e outra já marcada para 2 de Fevereiro) possam ajudar a encontrar soluções para uma agremiação que é das mais prestigiosas do desporto português.

PUB.



UNIÃO DOS SINDICATOS DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do Art.º 46.º dos Estatutos da União dos Sindicatos da Amadora (Estatutos aprovados no Plenário de 30 de Junho de 1978), convocam-se todos os Sindicatos com trabalhadores na área da Amadora, para um Plenário de Sindicatos a realizar no dia 10 de Fevereiro de 1979 (sábado) às 10 horas, na Sociedade Filarmónica Recreio Artístico de Amadora (Rua Elias Garcia, 145-E), com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 - Discussão e votação do Programa de Acção.
- 2 - Eleição do Secretariado da União dos Sindicatos de Amadora, para o triénio de 1979/82.

OS SINDICATOS CONVOCANTES:

Agricultura, Pecuária e Silvicultura

Bebidas

Cobradoras

Comércio

Construção Civil

Ind. Eléctricas

Ferrovias

Função Pública

Gráficos

Hidratos de Carbono

Hotelaria

Imprensa

Ind. e Com. Farmacêuticos

Madeiras

Metalúrgicos

Químicos

Rodoviários

Serviço Doméstico

Técnicos de Desenho

Têxteis

Várzea

Lisboa, 25 de Janeiro de 1979.

ROTEIRO CULTURAL

Tal como aconteceu ontem, começamos o nosso Roteiro de hoje pelo mundo da música. Às 18 e 30, no Auditório 2 da Fundação Gulbenkian, haverá um concerto de música contemporânea de vanguarda em que intervêm Marta Herr (soprano) e John Boulder (percussão). Serão interpretadas obras de John Cage, Antoniou, Babbitt e Newell. Se não fosse a Gulbenkian, os amadores portugueses de música teriam bem poucas oportunidades de satisfazer o seu gosto. Fazemos este comentário sem qualquer outra intenção que não seja a de chamar a atenção dos nossos leitores para a importância do papel desempenhado pela Fundação neste campo.

No sector teatral, as notícias que temos para dar não dizem respeito ao dia de hoje, mas não deixam por isso de merecer que as valorizemos, até porque, dadas com certa antecedência, permitirão que os leitores interessados organizem a sua vida a tempo de não perderem os espectáculos indicados. Queremos começar por chamar a atenção de todos para um espectáculo que sobe à cena no Teatro de Animação de Setúbal no dia 30: Trata-se de

duas peças, «Miroir» e «Les lous», que serão representadas pelo agrupamento francês de teatro musical de Ullis. A primeira das peças, de Michel Puig, um aluno de René Leibowitz que é actualmente professor nas universidades de Nanterre e Vincennes, descreve 50 minutos da vida de uma mulher, «Les lous» baseia-se no mito da criança selvagem e é de Catherine Dasté. Esta autora, neta de Copeau, viveu desde sempre ligada ao mundo do teatro: estudou no Old Vic, estreou-se na Comédie de St. Etienne e dedicou-se sobretudo ao teatro infantil. A encenação da primeira peça é de Michael Lonsdale. As peças seguirão de Setúbal para Évora.

Outra notícia teatral diz respeito ao adiamento da estreia da peça «A Família», que deveria subir hoje à cena no teatro Maria Matos. Por dificuldades de montagem foi adiada para o dia 31.

Do mundo do teatro passamos para o mundo do cinema, hoje valorizado pela estreia de um filme português de Artur Duarte no Monumental e no Odeon. Trata-se de «Recompensa», um filme baseada num texto de Ramada Curto, e nele participam alguns dos principais actores da cena portuguesa.

É acerca do sector das Belas-Artes que temos mais notícias a dar, como tem vindo a acontecer ultimamente. Referimos, num dos últimos Roteiros Culturais, que estava em preparação uma exposição de Mário Cesariny, prevista para o fim do mês na Galeria Tempo, e dissemos que este pintor-poeta preparava uma gravura destinada a ser vendida ao público durante a exposição. Trata-se, como então dissemos, de uma prática iniciada pelo proprietário da Galeria S. Mamede e não há dúvida de que tem tido bom acolhimento, até porque proporciona ao público a possibilidade de adquirir obras dos artistas que expõem, fazendo-o sem grande dispendio. Hoje reproduzimos, ao que sabemos em primeira mão, a gravura que Cesariny fez executar para este efeito, mas não podemos ainda indicar a data exacta da exposição, que julgamos destinada a ser inaugurada no dia 30.

Outra notícia que demos recentemente foi a da inauguração de uma nova galeria de arte, vinculada ao semanário «O País», na Rua da Rosa. Podemos hoje acrescentar que esta galeria é dirigida pelo pintor Mário de Oliveira, que está no momento presente a preparar o pro-



A gravura com que Mário Cesariny comemora a sua nova exposição

grama. Julgamos poder informar que o mesmo incluirá, além de exposições, conferências, colóquios e outros eventos culturais relacionados com o mundo das Belas-Artes.

Está prevista para o dia 29 a inauguração de uma exposição de Carlos da Rocha Pinto na SNBA. Trata-se incontestavelmente de um acontecimento de interesse

para o qual chamamos desde já a atenção dos leitores deste Roteiro. Entretanto vale a pena visitar a exposição de gravuras de H. Mourato, patente ao público na Galeria de Arte Moderna desta sociedade.

Termina no dia 29 a exposição de José Rodrigues, a que temos feito numerosas referências neste Roteiro. Atendendo a que hoje é o dia 26, recordamos aos nossos leitores que já só têm três dias para visitar.

A pintora norueguesa Vivi Alves vai expor a partir da próxima semana em Viena de Áustria uma colecção de pinturas sobre temas portugueses e brasileiros. Natural de Oslo, onde nasceu em 1950, Vivi Alves tem trabalhado no Brasil, em Marrocos, na Argélia, em Banguécoque e em Viena, onde se encontra actualmente. Entre nós esteve pouco tempo, mas considera-se tão vinculada ao clima português que adoptou o nome de Alves.

Uma notícia musical que nos chegou às mãos à última da hora: hoje às 21 e 30 o Coro Novos Tempos (Coro da Universidade de Lisboa) actua na Igreja de Arroios.

EDITAL

Fernando Abbott Galvão, Consol-Geral do Brasil em Lisboa, faz saber que a cidadã brasileira REJANE BAIAS FIGUEIREDO pretende casar. Se alguém souber de algum impedimento, oponha-o na forma da lei, na Chancelaria do Consulado-Geral do Brasil em Lisboa, a Praça Luis de Camões n.º 22, 1.º Esquerdo.

Lisboa, 18 de Janeiro de 1979

rádio

1.º Programa
17.00: Música sem Fronteiras; 18.00: Um solista; 18.15: Discurso Directo (RDP/Centro); 18.40: Música portuguesa; 19.00: Agricultura que nós temos; 19.45: Conjuntos instrumentais; 20.00: «Jornal da Noite»; 20.30: Orquestras; 21.00: Sinal horário. 14.º episódio do folhetim «Os Fidalgos da Casa Mourisca», de Júlio Dinis, numa adaptação de Irene Gomes da Silva; 21.20: «Contraponto»; 23.30: Desporto no Mundo; 24.00: «Último jornal»; 00.20: Música Variada; 01.00: Tempo de teatro: «As Três Palavras Divinas», de Leon Tolstoi, numa tradução e adaptação de Ana Paula. Música na noite (RDP/Norte)

2.º Programa
17.00: Música Sinfónica: «Sinfonia n.º 9 em lá menor de Mahler»; 18.15: Música para piano: «Variações sobre um tema de Anselm Hüttenbrenner, de Schubert»; 18.30: Barroco italiano — obras de Vivaldi — Concertos da série «La Stravaganza», op. 4; 19.30: As palavras dos músicos, pelo dr. João de Freitas Branco; 20.00: A Orquestra de Câmara Inglesa: «Serenata n.º 7, em ré maior, K 250 («Hoffner»), de Mozart; 21.05: Ópera: 1.º acto de «La Cenerentola», de Rossini; 22.00: Quarteto n.º 2, op. 10 (Schubert); 22.30: Concerto n.º 1, op. 78, para piano e orq. (Albeniz); 23.00: Intercâmbio musical: Programa em gravações cedidas pela Rádio Suécia — «Spettacolo n.º 1», de Siegfried Naumann; 23.25: Música de câmara: Quinteto em dó maior, D. 956 (op. 163), de Schubert

3.º Programa-Nacional e Regional (290 m)
18.00: «Vertical»; 18.40: Prevenção e Saúde, pelo dr. José Matos; 18.50: Temperaturas do ar; 19.05: Teatro trágico, pelos Parolantes de Lisboa; 19.40: Vertical — Cinema, por Luis de Pina; 21.30: «Quando o Telefone Toca»; 22.00: «Suplemento»; 22.05: «Quando o Telefone Toca»; 23.05: Música para Meditar; 24.00: «Suplemento» (continuação); 00.05: Suplemento desportivo, por Jorge Schnitzer; 00.15: «Dia a Dia com o Passado»; 01.05: Tempo internacional; 02.00: Fecho

3.º Programa-Local (187,5 m)
18.00: «Convite»; 18.00: «Compasso»; 18.15: Sal epiménia (repetição); 20.10: Aconteceu; 20.40: Serviço de Agenda; 20.45: A Voz da Esperança; 21.00: Fecho

4.º Programa-Emissão Total em Estereofonia
17.00: «Hora de Ponta»; 19.00: «Em Órbita»; 20.00: «Forum» — realização de Jorge Lopes; 22.00: «Auditório»; música jazz — Programa de Paulo Gil e Rui Neves; 00.00: «Prisma» — Realização de Fernando Quinas; 02.00: Fecho

RÁDIO RENASCENÇA
18.08: Apelos; 18.15: Igreja em Notícia — Palavra do Dia; 18.30: Transmissão do Terço do Externato do Parque; 19.00: Programa da Liga dos Amigos de RR; Objectivo; 20.54: Apelos; 21.05: Programa da Liga dos Amigos de RR; 22.00: Quando o Telefone Toca; 22.30: Temas Vivos; 23.30: Actualidade Económica; 23.55: Fecho

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 12 247

HORIZONTAIS:

- Sumo pontífice. Recusa. Tempo do verbo haver.
- Nome pelo qual se designava outrora Dido fundadora de Cartago. Escárnios.
- Pronome relativo. Nota musical.
- Artigo indefinido. Inclinação para diante.
- Porção de cereais que se debulham por uma vez na eira. Rio da Sibéria.
- Negativa. Fedor.
- Reze. Moverei os remos.
- Indignai. Prasiódio (s.q.). Milímetro.
- Apelido. Salgadeira.
- Mistururas.
- Bário (s.q.). Antigo reino da ilha de Timor na região central dos Belos.

VERTICAIS:

- Curto. Figura que simboliza o povo americano.
- Iluminarum.
- Dé pios. Ratar. Prefixo que designa afastamento 1. Curto. Figura que simboliza o povo americano.
- Iluminarum.
- Dé pios. Ratar. Prefixo que designa afastamento.
- Campeão. Cálculo (s.q.). Tosta.
- Referências.
- Pedra de altar. Pêlos de certos animais.
- Clima. Apóia.
- Dá oiro a. R. j. am (pop).
- Fazer doação de. Guarnição de asas.
- Associação ou contraria cristã na Índia. Bário (s.q.). (inv). Preposição.
- Agarrei. Adverso.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8 307

HORIZONTAIS:

- Porcos. Educas.
- Base aérea portuguesa. Ave pernaíta. Tritura.
- Sugar o leite materno. Muito.
- O mais. Prostrar.
- Saudável. Gemera.
- Cidade marítima da Palestina. Vossa Alteza.
- Curai. Pega.
- Ósmio (s.q.). Borda de barrete.
- Zombas. Peia para bestas.
- Nome científico do pato. Imã da mão.
- Solitários. Nome de fruto. Livro de versos de António Nobre.

VERTICAIS:

- Nome de frutos. Habitas.
- Letra grega. Prata (s.q.). Signo.
- Grandes quantidades. Sadias.
- Guarnição das ombreiras das portas e janelas.
- Ente. Irmão de Moisés.
- Amónio (s.q.). Berilo (s.q.).
- Entortarias para um lado.
- Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ahlohi. Leilão do produto da pesca.
- Tomava por modelo. Cinquenta e um em romano.
- Preposição e artigo. Estavas. Bigorna de aço sem hastas.
- Fechara as asas para descer mais depressa. Fortuna.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 246

HORIZONTALIS:

- Varas. Urdem.
- Emala. Marrã.
- Rio. Alçara.
- Dras. Am.
- Eon. DAR. Aar.
- SSa. Ova. Tia.
- Aramas. Ur.
- Quero. Ras.
- Ursas. Grã.
- Meia. Coam.
- Sa. DUAS. Sa.

VERTICAIS:

- VERDES. COM.
- Amorosa. És.
- Ra. Anarquia.
- Alas. Aura.
- Sal. Domes.
- Cravara.
- UMA. Rasos.
- Rara. Cs.
- Dramaturgo.
- Er. Airaras.
- MADURA. Sama.

Provérbo DAR DUAS VERDES COM UMA MADURA

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8 306

HORIZONTALIS:

- Asa. Campara.
- Casar. Romeu.
- El. Dia. Fr.
- Roca. Afie.
- Ama. Soa. Ulo.
- Estarreja.
- Aal. Mia.
- Os. Capar. Ca.
- Botão. Sacos.
- Raio. Soas.
- Aro. Mau. Ria.

VERTICAIS:

- Acera. Sobre.
- Salomé. Soar.
- As. Casa. Tio.
- Ada. Tacho.
- Cr. Salão.
- Amor. Ma.
- Mr. Armas.
- Porã. Eiras.
- Am. Fuja. Cor.
- Refilia. Coal.
- Aureo. Massa.

Música Aberta Segunda-feira 22 h

29 Janeiro
Pedro Barroso
(com a participação de Cândida)
— Grupo TROVANTE

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado, ou encoberto, o vento era moderado de sudoeste e chovia ou caíam aguaceiros em vários locais.

TEMPERATURAS DO AR

ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	14°
BRAGANÇA	8°
VILA REAL	10°
PORTO	13°
P. DOURADAS	4°
COIMBRA	12°
PORTALEGRE	9°
LISBOA	13°
ÉVORA	11°
SINES	16°
BEJA	11°
SAGRES	—
FARO	15°
PONTA DELGADA	12°
FUNCHAL	18°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
1.16 3,9 m	7.05 1,1 m
13.46 3,7 m	19.25 1,0 m
DIA 27	
2.08 4,2 m	7.55 0,8 m
14.36 4,1 m	20.13 0,8 m
DIA 28	
2.56 4,4 m	8.43 0,6 m
15.24 4,3 m	21.00 0,7 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado ou encoberto; vento moderado de oeste ou sudoeste; períodos de chuva ou aguaceiros.



NASCE AS 7.47
OCASO AS 17.52

DIA 28	DIA 4	DIA 12	DIA 20
--------	-------	--------	--------

Lisboa

Permanente

MENDES GOMES — Calçada da Ajuda, 222. (Ajuda), ESTADOS UNIDOS — Av. Estados U da América, 16-B (Av. Gago Coutinho), FIGUEIRAS — Av. Marquês de Tomar, 20-22 (Avenida das Novas), ZIRA — Praça Casas Novas, lote 60. (Encarnação)- RENASCENÇA — Rua Damasceno Monteiro, 104-A-B. (Graça), S. A. E. SILVA FILHOS — Rua São João da Mata, 72-74. (Janelas Verdes), DIMAR — Rua Conde de Monsaraz, 17-B. (Penha de França), MARLUZ — Calçada da Picheleira, 140-B-C. (Picheleira), SOARES — Av. Álvares Cabral, 1. (Rato), VITEX — Estrada de Benfca, 373-B. (São Domingos Benfca), BRANCO — Av. Comb Grande Guerra, 29. (Alges), CLABEL — Rua António Sardinha, 23-D. (Amadora), TAVARES DE MATOS — Rua 8, lote 308. (Brandoa), CATELA TAVARES — Rua Prof. Dr. Aug. Abreu Lopes, 29. (Odivelas), NOVA — Rua Guine, 15-B. (Olivar Basto), SOARES — Rua José Lu s Moraes, 15-A. (Sacavem).

Reforço

OURIQUE — Rua Freitas Gazul, 32-B. (Alameda e Sousa - cont.), TELES — Rua João de Barros, 2-frente. (Alto Santo Amaro), ZIL — Av. da Igreja, 9-D. (Alvalade), ONILDA — Av. João XXI 13-A. (Areeiro), AZEVEDO, IRMAO & VEIGA — Rua Misericórdia, 24. (Barro Alto), SIMÕES — Calçada Tojal, 102-A. (Benfca), ZEMA — Rua Gen. Justino Padrel, 21-A. (Calçada Barbadinhos), CENTRAL DE CAMPOLIDE — Rua General Taborda, 17. (Campolide), ESTEFANIA — Rua Pascoal de Melo, 90. (Estefânia), CENTRAL DO LUMIAR — Alameda Linhas Torres, 254-B. (Lumiar), AMADORA — Prace-ta 28 de Maio, 3-A. (Amadora), VAZ MARTINS — Rua Antonio Ferro, 6-A. (Buraca), D. JOAO V — Av. Gorgel Amaral, 2-A. (Damaia), BANHA — Av. Moscavide, 22-A. (Moscavide), CESAR FERNANDES — Azinhaga dos Bezouros, lote R8. (Pontinha), MATOS — Travessa Prioras. (Vivenda Morgadinho - Prior Velho).

Outra Banda

ALMADA — Magalhães — R. Capitão Leão, 8-B. (Tel. 2750242), COVA DA PIEDADE — Louro — R. Alexandre Herculano, 6-B. (Tel. 2763517), COSTA DA CAPARICA — Higienica — Av. da República, 23. (Tel. 2400020), LIVRAMENTO — Moderna — R. Dr. António Elvas, 84. (Tel. 2490305), SE-SIMBRA Pedro — Av. da Liberdade, 13. (Tel. 2233471) Amora — Julieta Campos — R. Ribatejo, 2 - Cruz de Pau. (Tel. 2211131), BARREIRO — Higienica — R. D. Manuel I, 178. (Tel. 2073017) SEIXAL — Soromenho — R. Paiva Coelho, 38. (Tel. 2128560), MONTIJO — Diogo — R. Almirante Reis, 50. (Tel. 2310032), MOTA — União Molanese — Av. Dr. Teófilo Braga. (Tel. 239025), ALHOS VEDROS — Guarnião — R. Cândido dos Reis, 30. (Tel. 204020), ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10. (Tel. 234137).

Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes — Av. Comb. G. Guerra, 166. (Tel. 2113953) **ALCABIDECHÉ** — Carvalho — Até às 21 horas. **PORTO SALVO** — Ferreira Bastos — Até às 21 horas. **CARCAVELOS** — Central — Até às 24 e das 0 às 9 horas. **CARCAVELOS** — Vilar — Até às 22 horas. **S. DOMINGOS DE RANA** — Godinho da Silveira — Av. Saboia, 29-B. (Tel. 260085) Até às 21 horas. **PAÇO DE ARCOS** — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 184. (Tel. 2432034) Até às 24 e das 0 às 9 horas. **OEIRAS** — R. Cândido dos Reis, 98. (Tel. 2430090) Até às 22 horas. **NOVA OEIRAS** — Leal — Até às 21 horas. **PARADE** — Grincho — Av. da República, 87. (Tel. 2471204) Até às 24 e das 0 às 9 horas. **PARADE** — Junqueiro — Mendes — Até às 21 horas. **AMOREIRA** — Amoreira — (Tel. 262313/267314) Até às 22 horas. **CASCAIS** — Cordeiro — Av. Comb. G. Guerra, 40. (Tel. 280170) Até às 21 horas. **A. Costa** — R. Freitas Reis, 24-C. (Tel. 280214) Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA — Clabel — R. António Sardinha, 23-D. (Tel. 938551) Permanente. **Amadora** — P. 28 de Maio, 3-A. (Tel. 935518) Até às 22 horas. **DAMAIA** — D. João V — Av. Gurgel do Amaral, 2-A. (Tel. 970461). **QUELUZ** — Simões-Lopes — Av. Elias Garcia, 51. (Tel. 950123). **CAMARATE** — Nova — R. Cid. Lisboa, 94. (Tel. 2518726). **CACÉM** — Rodrigues Garcia — Av. dos Bons Amigos, Lote 5-D. **MEM MARTINS** — Quimica — Est. Mem Martins, 285. (Tel. 2910012) Até às 24 horas. **AGUALVA** — Cacém — Mira Sintra — P.N. Torre, 310 — Até às 20.30 horas. **MERCES** — Claro Russo — Permanente. **RIO DE MOURA** — Riomouro — Av. Oscar Monteiro Torres, 8. (Tel. 2960194) Até às 23 horas. **SINTRA** — Marrazes — Estefânia. (Tel. 2930058) Permanente. **COLARES** — Abreja — (Tel. 299088).

Porto

(De dia e so ate às 22 horas)

CAMPOS — Rua Padre Luis Cabral, 943. Tel. 680113. **ALVES MOREIRA** — Avenida Rodrigues de Freitas. Tel. 51889. **CLERIGOS** — Rua dos Clerigos, 36. Tel. 315394. **CRUZ** — Rua de Costa Cabral. Tel. 480041. **MONTE DOS BURGOS** — Rua do Monte dos Burgos, 802. Tel. 62279. **ALIANÇA** — Rua da Conceição, 2. Tel. 24203. **GUARANI** — Rua Pedro Hispano, 367. Tel. 51764. **MENEZES DE LIMA** — Praça Dr. Teotónio Pereira, 227. Tel. 51764.

(De dia e toda a noite)

LIDADOR — Rua do Lidador, 265. Tel. 683739. **ESTACIO** — Rua Sa da Bandeira, 120. Tel. 22664. **BOTELHO** — Rua da Alegria, 1192. Tel. 480069. **MAIA** — Rua do Campo Alegre, 192. Tel. 64450.

Coimbra

(Das 9 horas as 9 do dia seguinte)
SILCAR — Rua Ferreira Borges, 88. Tel. 22923. **S. SEBASTIAO** — Rua Antonio Jardim. Tel. 72802.

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A — 18 anos
14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45
PIRANHA
SALA B — M. 13 anos
As 15, 17, 19, 21.30 e 23.45 horas
O REGRESSO DOS HERÓIS
Com: Jane Fonda

ALVALADE 897480

Av. de Roma
As 15.15, 18.15 e 21.30 horas
Não acons. men. 13 anos
DEUSA COBRA
Com: Waheed Murad, Rani e Talish

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10 A
Atenção: 5 sessões diárias
13.30, 16.15, 19, 21.30 e 24
Peter Ustinov, Jane Birkin e
Mia Farrow em:
MORTE NO NILO
Int. men. 13 anos
Um filme de John Guillemin
Technicolor

AVIS 547163

Av. Duque D. Avila, 45
As 15.30, 18.30 e 21.30
Int. a men. 18 anos
A suprema aventura das artes marciais
O HOMEM DE SINGAPURA
Ko Keung — Li Chun-chun

BERNA 776086

Av. Marquês de Tomar
As 21.30 horas — Int. men. 13 anos
— Estreia —
AMOR SUBLIME
A última grande obra de Ray Kapoor
Technicolor
As 14, 16.30 e 19 — Int. men. 18 anos
Últimas exibições do filme
BATON VERMELHO

CALEIDOSCOPIO 795093

Campo Grande
As 21.30 horas — Int. men. 18 anos
Dino de Laurentis apresenta
LIPSTICK
— Baton Vermelho —
As 14, 16.30 e 19 horas
Últimas exibições do filme
FEBRE DE SABADO A NOITE
Com: John Travolta

CASTIL 580194

Rua Castilho
As 21.30 horas — Não ac. men. 13 anos — Estreia
DUAS VIDAS EM PERIGO
As 15.30 e 18.30 h — Últimas de
BECO SEM SAÍDA
Amanhã às 24 h — 14 anos
VOLTANDO AOS BONS VELHOS TEMPOS

CINEBOLSO 573407

Rua Actor Taborda, 27-B
As 12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
Grande premio do Festival Internacio-nal do filme pornográfico
O SEXO QUE FALA
Int. men. 18 anos — Pornográfico
As 24 horas — Grupo D M 18 anos
AS CRUEIS

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
As 14.15 e 16.30 — Para todos
OLHO POR OLHO
DENTE POR DENTE
As 18.45 horas
UM LANCE NO ESCURO
de Arthur Penn
As 21.30 horas — Estreia
Não acons. men. 18 anos
TRIANGULO DE OURO

CITY CINE 549999

Rua Tomas Ribeiro, 34
As 14.30, 16.45 e 19 horas
Últimas exibições
SOU TIMIDO MAS ANDO A TRATAR-ME
As 21.30 — N. ac. m. 13 anos
O CHOQUE DAS ESTRELAS
As 23.45 horas
JOGOS PERIGOSOS

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 7
As 21.30 horas — Estreia — Nao ac m 13 anos
A FURIA
Com: Kirk Douglas e John Cassavetes

DOIS MIL 210055

Av. Bombeiros Voluntários
Lote 113 - Alges
As 15.30, 18.30 h — Int. m. 13 anos
AMOR E CIUME
As 21.30 h — Int. m. 13 anos
FEBRE DE SABADO A NOITE

D. JOÃO V 971794

Praça Centro Comercial — Damaia
As 21.15 horas — Não ac. m. 13 anos
OS GANSOS SELVAGENS

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
As 21.30 horas — Estreia — Int. men. 13 anos
AMOR SUBLIME
A última grande obra de Ray Kapoor
As 14, 16.30 e 19 h — Últimas exibi-ções do filme
O LUTADOR IMPLACAVEL
Int. men. 18 anos

ESTUDIO 555134/5

Av. Alfonso Henriques, 35
15.30, 18.30 e 21.30
Int. men. 18 anos
Um libelo actual!
Quando a juventude revela no abismo...
HISTORIA DA VIDA E DA MÃ VIDA
Um filme de: Carlo Lizzani
2.ª semana

ESTUDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83
As 21.30 h — Estreia — Não acons. men. 13 anos
DUAS VIDAS EM PERIGO
Mariene Jobert
Num filme de grande suspense de Yves Boisset
As 15.30 e 18.30 — Int. m. 13 anos
MORTE NO NILO

EUROPA 561016

R. Almeida e Sousa, 35
As 15.15 e 21.30 horas
Não acons. men. 13 anos
Ele aí está!
TRINITA
Cowboy insolente
Bud Spencer e Terence Hill
Sessões da meia-noite às 24 horas
Hoje: **A RAPARIGA INVENCIVEL**
Não acons. men. 18 anos
Amanhã: **SARTANA, O VINGADOR**
Int. men. 18 anos
Tardes infantis às 18.15 horas
— Para todos —
Amanhã: **PINOCHIO**
Um filme Walt Disney
Domingo: **TEMPOS MODERNOS**
Com: Charlie Chaplin (Charlot)

IMPERIO 555134/5

Al. Alfonso Henriques, 35
As 15.15, 18.30 e 21.30 horas
Não acons. men. 18 anos
Clint Westwood como nunca o viram antes. Apaixonado, brigão numa comédia de acção amor e muito humor!
UM INDOMAVEL REBELDE
(Every which way but loose)

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
VAMOS TODOS PARA O PARAISO
Não acons. men. 13 anos
Com: Jean Rochefort, Claude Brasseur e Guy Bedos

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
As 21.15 horas — Estreia — Não ac men. 13 anos
Um filme de Arthur Duarte
A RECOMPENSA
Fernanda Lapa, Rogério Paulo, Curado Ribeiro, Maria Olguim
Projectão do filme logo após o inicio das sessões

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrao, 12-A
As 15.15, 18.30 e 21.30 horas
Não acons. a men. 13 anos
«DESCONHECIDOS»
Com: Amitabh Bachchan, Rakha e Prem Chopra
Num filme encantador!

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
As 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas
Não acons. men. 13 anos
— Estreia —
Um filme de Peter Weir
PIC-NIC EM HANGING ROCK
Com: Rachel Robett, Dominic Guard, Helen Morse
2.ª semana

NOVOCINE 840678

Av. General Roçadas, 7
Hoje e amanhã às 15.15 e 21.15 horas
Continuação de estreia
Uma história de amor diferente!
AMAR É VIVER
Não acons. men. 18 anos
As 00.15 horas — Int. men. 18 anos
Forte, Violento, Esquisito.
AMOR MARGINAL

ODEON 326283/4

R. Condes, 12 a 20
As 21.15 horas — Estreia — Não ac. men. 13 anos
RECOMPENSA
Com: Fernanda Lapa, Rogério Paulo, Maria Adeline, Fernando Curado, Ribeiro e outros conhecidos artistas
Aviso — O filme é projectado no inicio da sessão

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
As 21.30 h — Não acons. m. 13 anos
CHAMAM-ME DOLARES
As 14.15, 16.30 e 18.45 horas
PANTERA NEGRA
M. 18 anos

POLITEAMA 326305

R. Portas de St.ª Antão
As 21.30 horas — Estreia — Não ac. men. 13 anos
Um filme de guerra
CAÇA ZERO TERROR DO PACIFICO

QUARTETO 771378

R. Flores do Lima, 16
SALA 1 — As 21.30 — Estreia
A FURIA
Não acons. men. 18 anos
SALA 2 — 15, 17, 19, 21.
(Não acons. men. 13 anos)
DELITO DE AMOR
Realiz. Luigi Comencini
SALA 3 — 14.30, 16.45, 19, 21.15.
(Interdito men. 18 anos)
com cenas chocantes
PORNO POP
SALA 4 — 14.30, 16.45, 19, 21.15.
(Não acons. men. 18 anos)
O EXPRESSO DA MEIA-NOITE

RESTELO 610375

Av. Torre de Belem
As 15.30 e 21.30 horas
Não acons. men. 16 anos
Em 9.ª semana
A empolgante produção
OS GANSOS SELVAGENS
Com: Richard Burton, Roger Moore, Richard Harris, Hardy Kruger e Stewart Granger

ROMA 887778

Av. de Roma, Lote JRP
1.ª semana
As 1. 30, 18.30, 21.30
Não acons. men. 18 anos
Sylvia Kristel em
ADEUS, EMMANUELLE
O adeus da mais bela curiosa do cinema frances

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 21
As 21.30 horas — Int. men. 13 anos
— Estreia —
AMOR SUBLIME
A última grande obra de Ray Kapoor
As 14.15, 16.30 e 18.45 horas
Últimas exibições do filme
O VALE DO AMOR
(Int. men. 18 anos)

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175
As 15.15, 18.30 e 21.30 horas
Int. men. 13 anos
Grande Premio de Cannes para o melhor actor
O REGRESSO DOS HERÓIS
(Coming Home)
ATENÇÃO — As sessões iniciam-se com a projecção do filme

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
As 13.30, 16.15, 19 e 21.30 horas
Int. men. 13 anos
A mais célebre história de amor e mistério de Agatha Christie
MORTE NO NILO
Peter Ustinov, Jane Birkin, Mia Farrow,
Projectão do filme imediatamente após o inicio das sessões

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14 C
As 14.30, 16.45, 19 e 21.45 horas
Não acons. men. 13 anos
O SEGREDO DE FEDORA
William Holden, Marthe Keller, Henry Fonda — 11.ª semana
As 24 horas — O delírio da musica moderna
LIZTOMANIA

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h
Não ac. men. 13 anos — Estreia
No mais alegre de todos os filmes musicais!
HOLLYWOOD DE ONTEM
(Lucy Mammé)
Lucille Ball, Beatrice Arthur e Bruce Davison

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
As 14, 16.30, 19 e 21.30 horas
Technicolor — Para todos
Agora aventura no espaço em Sensurround!
BATALHA NO ESPAÇO
Com: Richard Hatch, Dirk Benedict, Lor-ne Greene
2.ª semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
As 14.15, 16.30, 19, 21.45 h.
Não acons. a men. 13 anos
Um extraordinário filme de antecipação científica
O CHOQUE DAS ESTRELAS
Com Christopher Plummer, Caroline Munro
2.ª semana

ZODIACO

R. de Santana à Lapa, 103-B.
Tel. 676285
ZODIACO-BAR
A musica, o copo,
o convívio cultural
Um lugar onde a surpresa
e sempre qualidade
Das 18 as 2 da madrugada

Lubrificantes

GALP

a máquina é exigente

PLANETS

3-29





RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

- ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO 189 1.º
TELEFONES 321.124/5
- REDACÇÃO: PUBLICIDADE E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUIZ DE SOUSA 44
TELEFONES 321.124/5 321.125/6 321.126/7 321.127/8
PUBLICIDADE: 321.124
- SERVIÇO DE VÍDEO (DEPOIS DAS 21)
PORTUGAL 321.124
- ENFERMAGEM TELEFONICA: 321.124
- DELEGACÃO DO PORTO
RUA DO ALMADA 38 2.º TELEFONES 289.54/5

Abatido a tiro depois de esfaquear dois polícias

Porto, 26 — Um emigrante em França, em gozo de férias na cidade de Chaves, feriu gravemente, à facada, dois guardas da PSP, tendo sido depois abatido a tiro por um dos agentes da autoridade.

Um carro-patrulha da esquadra da PSP, tripulado pelos guardas Fernando Gomes Martins, de 52 anos, que conduzia a viatura, e Gilberto Jesus Teixeira, de 27 anos, levava à esquadra local o emigrante Joaquim Pereira, de 35 anos, para o identificar por se ter envolvido numa zangarada.

Em dada altura, o Joaquim Pereira puxou de uma faca e vibrou vários golpes nos dois guardas, tentando ainda apoderar-se da pistola-metralhadora, colocada no bando da frente do carro. Embora gravemente atingido, o Gilberto sacou da pistola e abateu-o com vários tiros o agressor.

Os dois agentes da PSP foram hospitalizados, com golpes nas costas e face, tendo, o Gilberto sido transferido para o Hospital de Santo António, do Porto, por ser muito grave o seu estado, encontrando-se já livre de perigo.

Novo director-geral dos Serviços Prisionais

O ministro da Justiça, professor doutor Eduardo Correia, dará posse no próximo dia 29 de Janeiro, pelas 11 horas, ao director-geral dos Serviços Prisionais, dr. António Leitão.

Como detalhadamente noticiou o «DL» o anterior director-geral, Carlos Meira, pediu a demissão do cargo na sequência da grande evasão de Alcoentre, encontrando-se agora colocado como director no Centro de Informática do Ministério da Justiça.

António Leitão, antigo director da Penitenciária de Coimbra, e cuja actuação, logo após o 25 de Abril, foi severamente contestada, está a poucos meses de atingir o limite de idade para o exercício do cargo em que vai ser empossado.

Espiões chilenos actuam na Bolívia

Uma ampla rede de espionagem a favor do Chile foi descoberta pelos Serviços de Informação Bolivianos, denunciou ontem o ministro dos Negócios Estrangeiros, Raul Botelho, em La Paz.

A informação de Botelho confirmou assim a denúncia, divulgada pelo Comité Cívico-Militar «Pro-Mar», que alertou o go-

Conselho Municipal do Porto considera prepotente despacho de Mota Pinto

PORTO, 26 — Durante a reunião do Conselho Municipal do Porto foi discutida e votada uma moção sobre o despacho do Governo de Mota Pinto sobre a abertura, aos sábados de tarde, do «Pão de Açúcar». O documento, apresentado por António Jorge, do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, condena em termos veementes tal despa-

cho, semelhante ao que já fora promulgado no tempo de Marcelo Caetano, por Xavier Pinto e que merecera na altura a repressão de todos os trabalhadores do comércio. A moção viria a ser aprovada por maioria.

A moção afirma, ainda, que o Conselho Municipal não pode deixar de «protestar contra tal

despacho, exigir a sua revogação e solidarizar-se com a luta dos trabalhadores do «Pão de Açúcar» que visando impedir a concretização do despacho, além de defenderem os seus interesses, cumprem o dever patriótico de defesa da economia nacional e da legalidade democrática».

Outro ponto quente da reunião dis respeito ao parecer jurídico da Câmara que retirava competência ao Conselho Municipal para propor ao Executivo linhas de actividade. Após uma onda de protestos foi aprovada por 26 votos a favor dois contra e três abstenções, uma moção de repúdio contra aquele parecer.

A reunião do Conselho Municipal tinha como ponto principal da agenda o plano de actividades da Câmara para 1979 e o seu orçamento.

partido, que se tem caracterizado por ataques à Constituição da República e a todas as conquistas alcançadas pelos trabalhadores depois do 25 de Abril, eu abaixo assinado militante do PSD/PPD do núcleo de Gondomar, peço a minha desvinculação do partido, consciente de não poder pertencer a um partido que mostra ter por único objectivo o ataque a todos os que, tal como eu, para sobreviver, têm apenas a força do seu trabalho. Gondomar, 25 de Janeiro de 1979, Francisco Manuel da Costa Barbosa»

DEMISSÃO NO PSD

Texto da carta de um militante do PSD do núcleo de Gondomar, conforme fotocópia existente na nossa delegação do Porto.

A carta é dirigida ao núcleo local do PSD:

«Face à escandalosa política do Governo PPD/PSD, nomeadamente no que diz respeito à imposição de horários semelhantes aos do tempo do fascismo, no «Pão de Açúcar», empresa onde trabalho, e à linha política do

CR ofereceu a Eanes os «Mais Belos Castelos de Portugal»

A «História dos Mais Belos Castelos de Portugal» (edição monumental da Portucalense) foi a oferta de aniversário dos conselheiros da Revolução ao general Ramalho Eanes, que ontem fez 44 anos.

A revelação foi feita por Sousa e Castro, antes do início da reunião. O porta-voz habitual do CR indicou ainda que a reunião seria de «mera rotina» e, a propósito da afirmação de Lucas Pires («o CR é o PC fardado») recordou que o CDS foi um dos partidos que assinou o Pacto MFA-Partidos e não «opôs quaisquer reservas ou resistências».

QUEIRÓ EM FOCO

Entretanto, o prof. Afonso Queiró, um dos expoentes salazaristas de Coimbra que o CR reintegrou na Faculdade de Direito em Maio de 1978, acaba de ser nomeado vogal da Comissão do Domínio Público Marítimo.

A nomeação do antigo presidente da União Nacional fascista foi da iniciativa do adjunto do Estado Maior da Armada, comandante Trigo, que foi candidato a deputado pelo CDS.

ARTILHARIA NÃO TEM GENERAIS

A inexistência na arma de Artilharia de generais no activo está a suscitar protestos em múltiplos dos seus sectores, que recordam o facto de Cavalaria (arma com menos efectivos) contar pelo menos com cinco generais

no activo: Pedro Cardoso, Duarte Silva, Morgado, Fontes Pereira de Melo e Mário Delgado.

Entre os oficiais de Artilharia que já deviam ter sido promovidos pela ordem de antiguidade contam-se — segundo refere o semanário «O Jornal» — os brigadeiros Stone, Franco Charais e Pacheco Rodrigues, 2.º comandante do Instituto de Altos Estudos Militares.

Registe-se que o próprio Conselho de Promoções, constituído apenas por generais, não tem, assim qualquer elemento de Artilharia.

Devolvidas herdades da «1.º de Maio»

Decorreu sem incidentes a entrega, a título de reserva de rendimento, das herdades «Casas Altas» e «Cascota», ambas situadas no concelho de Aviz, e que se encontram ocupadas pela UCP «1.º de Maio» encontrando-se já o reservatório, Manuel Joaquim Saia, na posse das terras.

Português responde na Jugoslávia por duplo assassinio

Um português de 22 anos, José António Carvalho, compareceu ontem perante um tribunal jugoslavo, em Vranje (Sérvia), sob a acusação de duplo assassinio. Segundo a acta de acusação, teria morto à bala, em 24 e 25 de Julho de 1978, numa auto-estrada da Sérvia, um alemão ocidental de 19 anos, Stephan Schaller, de Hanover, e um grego de Kifisi, Basil Frangis, de 44 anos. Os três homens viajavam de automóvel, vindos de Salónica. Não é conhecido o móbil do assassinio.

verno para a existência de «uma perigosa organização de espiões que trabalham a favor dos interesses chilenos».

Depois de guardar um longo silêncio ante várias denúncias, é a primeira vez que as autoridades bolivianas admitem a existência de espionagem patrocinada pelo Chile.

O regresso da gravata de seda

Este país assiste, calmamente (CALMAMENTE?), ao regresso da gravata de seda ao primeiro plano da vida nacional. Este lustroso e distinto ornamento predominantemente masculino tinha fugido para Espanha, para o Brasil e outros pontos do Globo mais propícios, ou refugiara-se heroicamente na mais sigilosa clandestinidade. Mas paulatinamente, progressivamente, agressivamente, ameaçadoramente, começou a brilhar de novo na Televisão, nas recepções de beija-mão, nos banquetes com ou sem discurso, nas tribunas, nas assembleias, nas câtedras, quer dizer, um pouco por toda a parte onde domine ou possa vir a dominar a população, a gentilha, a arraia-miúda.

Este país assiste, distraidamente (DISTRADAMENTE?), ao regresso da gravata de seda ao primeiro plano da vida nacional. E só agora começa a perceber que esse lustroso e distinto orna-

mento esconde (mas muito mal) o arrocho, o porrete, a tesoura, o lápis vermelho, as algemas. A gravata de seda, qual cavalo de Troia, esconde o chicote com que se vai pretender mandar trabalhar, mandar passar fome e frio, em nome da Pátria, da Ordem, da Competência e do Futuro Que Deus Haja.

Os srs. doutores, os srs. investidores, os srs. professores e os srs. mentores, envergando a sua melhor gravata de seda, esse recuperado símbolo do poder, levantam (moderadamente, desvantagemamente) o braço e bradam: — Trabalhai, obededei e sereis felizes!

Foi então que um menino inocente esticou o dedo e gritou para toda a arraia-miúda que aquela gravata estava toda comida da traça.

E uma gargalhada vitoriosa atirou os ares. A gravata de seda estava a desfazer-se aos bocados.

MANUEL DE AZEVEDO

TEMPORAL NA MADEIRA

Falha desembarque de alimentos para populações isoladas

FUNCHAL, 26 — O navio patrulha «Mandovi» da Armada portuguesa tentou ontem desembarcar alimentos na vila de Ponta Delgada. Contudo, ainda que posto na água o bote pneumático com motor fora de borda, vagas alterosas e os rochedos da costa obstaram a que se não fizesse o desembarque.

Do «Mandovi» foram feitos sinais para terra no sentido de um barco da vila vir ao seu encontro. Como é fácil de compreender, a população não respondeu positivamente aos sinais.

Hoje será feita nova tentativa. De igual modo o «Mandovi» pensa desembarcar também mantimentos em Paul do Mar, ao sul da Madeira.

Mais uma vez se faz notar no arquipélago a falta de helicópteros para situações de emergência como esta.

Continuam ainda completamente isoladas a Ponte Delgada (ao norte da Madeira) e a sul, Paul do Mar e Calheta.

Na noite de ontem para hoje regressou a chuva. O barómetro regista uma nova descida.

Teme-se que o tempo piore.

As três povoações isoladas não possuem um único médico entre elas.

Entretanto o Governo Regional decidiu que o Orçamento Regional e as comparticipações do Estado irão suportar os subsídios a conceder às zonas mais afectadas.

No campo habitacional, foram encarregadas as autarquias locais respectivas do inventário das habitações necessitadas de reconstrução ou de reparações mais simples, enquanto que, no respeitante à agricultura, deliberou suportar, na íntegra, os custos com restauração física dos terrenos e conceder apoio no sistema de juros bonificados, no caso de reinvestimento na actividade agrícola.

Quanto às vias de circulação, os serviços do Executivo regional correrão às reparações das principais estradas.

Foi ainda decidido conceder prioridade absoluta no estabelecimento de escolas danificadas e procurar recrutar pessoal para cooperar na restauração dos danos entre os beneficiários do subsídio de desemprego.

Ontem, na Assembleia da República, por unanimidade, os deputados guardaram um minuto de silêncio e manifestaram o seu pesar num voto de condolências às populações da Madeira atingidas pela tragédia dos temporais.

(Hoje 32 páginas)

faça férias JOVENS

PÁSCOA

• PARIS	7.890\$
• BRUXELAS	7.950\$
• LONDRES	8.200\$
• GRÉCIA	12.356\$
• TORREMOLINOS	2.790\$
• ALGARVE	1.850\$
• MADEIRA	3.300\$

informações e reservas:

 **SOLARIS**
serviço de viagens para jovens

Rua Rosa Araújo, 19 - Tel. 561.141
(próximo do Marquês Pombal)

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO MOÇÃO

Considerando que o Despacho Governamental de 18.1.79 sobre o PÃO DE AÇÚCAR:

1. Pretende liquidar o regime da SEMANA INGLESA no PÃO DE AÇÚCAR o que põe em causa esta conquista para muitos milhares de trabalhadores do comércio.
2. Desrespeita os termos e o espírito do Acordo interno assinado em 27.12.78, entre a Comissão Coordenadora das CT's, Administração e representantes do Ministério do Trabalho.
3. Viola a legislação em vigor, entre outros aspectos no que respeita à regulamentação dos períodos de abertura dos estabelecimentos comerciais.
4. Agudizará a crise do pequeno Comércio Retailista pelo que põe em risco milhares de postos de trabalho.
5. Corresponde integralmente às aspirações da Administração que há muito, infrutiferamente, vinha tentando impor.
6. Visa repor o domínio desta empresa monopolista junto do restante comércio.
7. É, pelas razões atrás apontadas, repressivo, antidemocrático e anticonstitucional.

Os delegados sindicais e membros de CT's e a Direcção do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do distrito de Lisboa, reunidos em Plenário na sede do Sindicato em 25.1.79, a fim de analisar o citado Despacho, decidem:

1. Exigir a imediata revogação do Despacho conjunto do Ministério do Trabalho e Ministério do Comércio e Turismo de 18.1.79;
2. Manifestar em seu nome e em nome dos trabalhadores do Comércio do distrito a sua total solidariedade para com os trabalhadores do PÃO DE AÇÚCAR.
3. Saudar a greve que estes vão realizar no próximo sábado dia 27.1.79, como primeiro passo de uma luta que certamente irá endurecer.
4. Expressar toda a sua disponibilidade para integrar os piquetes de greve
5. Preparar a participação activa de toda a classe em formas de luta gerais que se vierem a tornar necessárias.
6. Afirmar o seu veemente repúdio por esta medida do Governo do 1.º Ministro MOTA PINTO que se insere na política reacçãoária que tem seguido a todos os níveis particularmente quanto à Reforma Agrária, às empresas intervencionadas e à comunicação social.

sete PONTO sete

26 DE JANEIRO DE 1979

Uma orquestra à procura do lá



A Orquestra Sinfónica da Radiodifusão Portuguesa tem a sua biografia. O público que foi o último concerto, no S. Luiz, pôde lê-la impressa em «offset», com as «notas à margem». Leu que foi fundada em 1933; que viu alargada a sua acção cultural; que é indissociável de toda uma dinamização cultural e espectacular (sic); que do seu livro de honra constam honrosos depoimentos, desde o de Lopes Graça ao de Messiaen, passando por muitos outros; que os seus actuais directores são Silva Pereira e Álvaro Cassuto... Mas, curiosamente, Pedro de Freitas Branco, fundador e director da orquestra durante três décadas, não vem mencionado. Por esquecimento «calculado»? Por lapso?

Por lapso, é claro. Lapso que a consciência do autor (da nota biográfica) não admite mas que o seu subconsciente impôs. Acto falhado, portanto.

Na verdade, a grande carreira e o grande prestígio de Pedro de Freitas Branco não tiveram equivalentes na carreira e no prestígio da orquestra; os mais importantes convites do estrangeiro, as gravações de Ravel e Falla distinguidas com Prémios Internacionais, vinham para o chefe de orquestra e não para a orquestra. Pedro de Freitas Branco dirigia tão bem cá como lá, mas a orquestra ficava enquanto ele ia. A orquestra não estava à altura (mas nunca esteve?) de uma digressão europeia onde, mais do que a Orquestra Sinfónica Nacional (tão boa, cá), fosse a Orquestra de quem era director-titular Pedro de Freitas Branco (tão apreciado, tão exigente, tão prestigiado, lá). A Orquestra da

qual Pedro de Freitas Branco tirava o máximo (cá) não lhe permitia, talvez, dar a ele o máximo (lá). Mas haveria condições, cá, para uma orquestra como as de lá?

Ao nível das necessárias infra-estruturas, não. Formou-se a orquestra, mas, entretanto, o Conservatório entrou em decadência. E toda a política cultural do «Estado Novo» voltava costas às questões de fundo, entre elas, a estruturação e democratização do ensino da música (quer como parte do ensino geral, quer como ensino especializado) e a criação de uma dinâmica de produção/difusão estimulante para o recrutamento de instrumentistas, compositores, pedagogos, enfim, músicos profissionais. Apesar dos notáveis artistas que se tornaram membros da orquestra e que se foram renovando ao longo de sucessivas gerações, não havia elementos

em quantidade e qualidade suficientes para alimentar uma orquestra sinfónica de primeira categoria europeia. Depois, houve ainda o desgaste causado pela formação de novas orquestras, constituídas por imperativo de uma crescente diversificação das solicitações musicais. Estas as razões longínquas da inevitável crise (uma crise talvez de sempre) da Orquestra Sinfónica da RDP. E haverá, também razões conjunturais.

Depõem os músicos...

LÁ VAMOS SOBREVIVENDO

Maestro Silva Dionísio. Responsável pelo Departamento de Orquestras da RDP. Começou a sua carreira aos 15 anos, na Banda de Infantaria 2 em Abrantes. Depois, ingressou sucessivamente na Banda do Exército e da GNR. À frente desta última, teve uma acção notável, a partir de 1960. Deve-se-lhe nomeadamente, a elevação da qualidade do repertório (estendendo-o aos maiores compositores contemporâneos, incluindo Schoenberg, Stravinsky e, no caso dos portugueses, Lopes Graça) e do nível artístico da execução da Banda. Ocupa há

Continua na pág. 4.

A Comuna continua sem Manuela de Freitas e José Mário Branco

● «Homem morto homem posto» acabou
Entram «As guerras de Alecrim e Manjerona»

A Comuna, Grupo de Teatro Pesquisa que, ainda há dias, foi distinguida pelos críticos por ter apresentado o melhor espectáculo do ano, está em vias de superar a crise interna porque passou.

Vai continuar a sua actividade — tal como havíamos noticiado na última edição do «7.7», — mas sem Manuela de Freitas e José Mário Branco, que pediram a demissão.

Uma reunião ontem realizada confirmou a saída daqueles dois elementos, um dos fundadores e o que mais recentemente aderiu à cooperativa, e assentou as bases de trabalho futuro que consistem, no imediato, pela retirada de cena da peça «Homem Morto Homem Posto» e o início da preparação das Guerras de Alecrim e Manjerona», de António José da Silva, o Judeu.

Um comunicado distribuído esta manhã confirma a saída destes elementos, aos quais se juntaram Gabriela Morais e Carlos Paulo.

Carlos Paulo assinava, há dois dias, um comunicado afirmando que Manuela de Freitas não se encontrava demissionária. No texto distribuído esta manhã, os demissionários explicam que foi votada por maioria a «expulsão» de Manuela de



Freitas e de Jean Pierre Taillade. Provisoriamente, pelo menos, a crise parece estar ultrapassada, não sendo gratuito recordar que foi numa outra cisão, quando da saída dos fundadores dos «Bonecreiros», que a Comuna ganhou a personalidade que até hoje a tem definido. O conflito interno, agudizado durante a representação da peça de Brecht, salda-se, assim, pela saída de dois nomes importantes do grupo, que na circunstância foram acompanhados na demissão pelo actor francês Jean-Pierre Taillade e por Fernanda Neves. Continua

a maioria, nomeadamente João Mota, considerado por muitos a peça-chave da qualidade que caracteriza a generalidade dos espectáculos da Comuna. Neste processo arrastado de discussões internas, com um pano de fundo de ordem política mas, sobretudo, envolvidas pelo cenário de questões pessoais e de convivência entre os membros do colectivo, pesou bastante a atitude da dezena de elementos da escola de teatro que a Comuna tem a funcionar há mais de um ano. Vários desses elementos vão ser integrados na cooperativa e participar já no próximo espectáculo.

O direito de antena



Imagem obtida nos subúrbios de Lisboa. Sem esgotos, sem água canalizada, sem o mínimo, a família que aqui vive tem no entanto assegurado o «direito de antena», 1.º e 2.º Canal. É o fascínio da Televisão que pode levar cultura ou alienação à casa de cada um. A propósito: o «Sete Ponto Sete» não inclui hoje, por motivos alheios à sua vontade, o «TV Ponto», com a programação semanal dos Estúdios do Lumiar. Não foi possível obter a tempo, junto da empresa, os elementos necessários para a sua confecção.

sete
PONTO
setesuplemento
semanal

cinema

jorge leitão
ramos

3



televisão

6



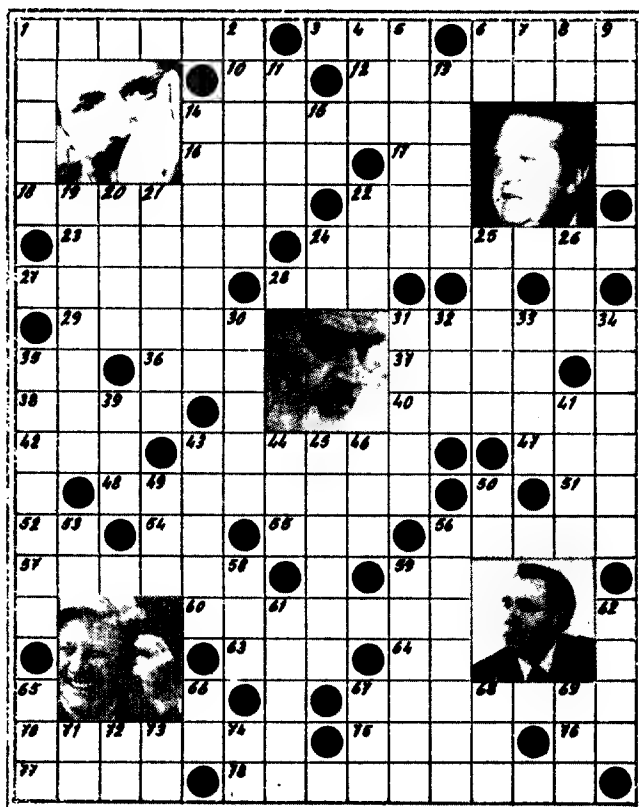
teatro

carlos porto

7

Lisboa, 26 de Janeiro
a 1 de Fevereiro de 1979

palavras cruzadas



HORIZONTAIS:

1/18 Entre sorrisos e petiscos ao ar livre, quatro dirigentes ocidentais (entre os quais se encontrava este nosso homem da RFA) propositadamente descontraídos e libertos do protocolo, reuniram-se na ilha «francesa» de Guadalupe, nas Antilhas, para discutirem a tática a adoptar frente as novas arremetidas que o poderio capitalista vai sofrendo por esse mundo fora. 3 Artigo indefinido; 6 Tombas; 10 Prefixo que designa afastamento; 12/56/67 Num recente comício da UEDS, este ex-ministro da

Agricultura afirmou que a «direita» se encontra no poder com o acordo do PS e pela mão do PR; 14 Personagem de Sófocles; 16 O mesmo que raro; 17 Preposição; 22 Greda branca; 23 Paixão; 24 A partida do xá para o seu exílio dourado nos Estados Unidos permite o regresso deste dirigente religioso no Irão após 15 anos de exílio e tal facto dá origem a que o povo iraniano viva dois acontecimentos históricos; 27 Bando (pop); 28 Pequeno símio do Brasil; 29/43 Este líder socialista que foi primeiro-ministro de dois Governos depois da entrada em vigor da Constituição concordou que, «existe incontestavelmente em Portugal, uma certa viragem à direita», e, acrescentou que o povo gostaria que se voltasse à tradição civilista, elegendo um PR civil como na 1 República; 31 Mulher de Enéias, mãe da Ascânio desaparecida durante a tomada de Tróia; 35 Rio de Itália; 36 Agarrei; 37 Ratas; 38 Aniversário; 40 Prendeste com eles; 42 Espécie de pandeiro usado pelos povos do N. de África; 47 Época; 48 Misturado; 51 Satélite de Júpiter; 52 Cento e um em romano; 54 Rio da Rússia; 55 Guarneça de asas; 57/70 Este ministro dos Negócios Estrangeiros soviético esteve em Roma para conversações com o Governo italiano e uma reunião com o primeiro Sumo Pontífice procedente do mundo comunista; 59 Cério (s.q.); 60 Maliciosos; 63 Solitários; 64 Centiare; 75 A Pérsia; 76 Alteza Real; 77 Freguesia do concelho de Barcelos; 78 Esmoncassem.

VERTICAIS:

1 Químico e naturalista inglês que estudou numerosos gases e mediu a pressão sanguínea; 2 Desequilibrada mental; 4 Ilha inglesa no mar da Irlanda; 5 Poeta português que formou com Camões e Bocage a trindade dos grandes sonetistas portugueses; 6 Cobalto (s.q.); 7 Prefixo de privação; 8 Segundo; 9 Adição; 11 Nomes de dois estreitos; 13 Receiam; 14 Salpicais; 15 O sono das crianças; 19 Cidade de Itália; 20 Cidade da Holanda; 21 Carapuças (pop); 22 Chega (fig); 24 Abreviatura de quiloampère; 25 Antiga cidade de Itália, berço de dois filósofos que acreditavam na unidade absoluta do ser, uno e imutável; 26 Pronome pessoal; 30 Naípe das cartas de jogar; 31 Último rei da Lídia, filho e sucessor de Aliate; 32 Lista; 33 Castelo do vale do Loire, as margens do rio Indre, na com. de Rigny; 34 Inflamais; 35 Antiga moeda brasileira de prata (pl); 39 Reza; 41 Ressoe; 43 Percebem; 44 Pega; 45 Pistas; 46 Cidade do Sw da Nigéria; 49 Maior; 50 Boro (s.q.); 53 Prefixo de negação; 56 Molestas; 58 Tempo do verbo ir; 59 Batera em (fig); 61 Cilindros; 62 Inclinação; 65 Povoação do concelho de Condeixa; 66 Cidade lendária bretã, que teria sido tragada pelas ondas no século IV ou V; 67 Remo para trás; 68 Combinação da preposição de com o artigo ou pronome demonstrativo os; 69 Figura que simboliza o povo americano; 71 Medida itinerária do Japão; 72 Sufixo que designa estado; 73 Pedra de moinho; 74 Nome egípcio do duplo.

SOLUÇÕES

VERTICAIS:

1 Hales; 2 Tarada; 4 Man; 5 Antero; 6 Co; 7 An; 8 li; 9 Soma; 11 Belt; 13 Temem; 14 Crivais; 15 Oó; 19 Qremona; 20 Haia; 21 Mitras; 22 Chá; 24 Ka; 25 Eléia; 26 Nós; 30 Oiros; 31 Cresco; 32 Roi; 33 Ussé; 34 Ateais; 35 Patacas; 39 Ora; 41 Troe; 43 Sabem; 44 Asa; 45 Rastos; 46 Ede; 49 Mor; 50 Bo; 53 In; 56 Lesaras; 58 las; 59 Coçara; 61 Rolos; 62 Amor; 65 Ega; 66 Ys; 67 Cio; 68 Dos; 69 Sam; 71 Ri; 72 Or; 73 Mo; 74 Ka.

HORIZONTAIS:

1/18 HELMUT SCHMIDT; 3 Uma; 6 Cais; 10 Ab; 12/56/67 ANTONIO LOPES CARDOSO; 14 Creonte; 16 Ralo; 17 Em; 22 Cré; 23 Raiva; 24 Khomeiny; 27 Selta; 28 Saa; 29/43 MARIO SOARES; 31 Creusa; 35 Po; 36 Asi; 37 Róis; 38 Anos; 40 Elaste; 42 Tar; 47 Era; 48 Amassado; 51 lo; 52 Ci; 54 Ob; 55 Ase; 57/70 ANDREI GROMIKO; 59 Ce; 60 Marotos; 63 Sós; 64 Ca; 75 Irão; 76 AR; 77 Airó; 78 Assoassem.

Circuitos paralelos

Palácio Foz

Hoje, pelas 21.15 horas, o Cine-Club Universitário de Lisboa de colaboração com o Cinemateca Nacional, leva a efeito uma sessão de cinema com o filme «Amor de Perdição», de George Pallu.

Teatro da Trindade

«Ninguém – Frei Luís de Sousa» – Peça de Almeida Garrett. Uma visão diferente de Ricardo Reis, Alexandre O'Neill e Maria Velho da Costa.

Teatro Aberto

Segunda-feira, pelas 22 horas, «MusicAberta» com Pedro Barroso («Lutas velhas Canto Novo») e o Grupo Trovante («Chão Nosso»). Entrada: 100\$00.

Gulbenkian

Temporada de Música e de Bailado 1978/1979. Hoje: Duo Experimental. Soprano,

Martha Herr, Percussão, John Boudler. Obras de Antoniou, M. Babbitt, J. Cage e J. Newell.

Galeria Nacional de Arte Moderna

Inaugura-se hoje a exposição de Vítor Fortes e António Sena, artistas portugueses premiados em Cagnes-sur-Mer.

Teatro do Nosso Tempo

«Pêdepalhaço», o espectáculo que os Comediantes de Leiria têm presentemente em cena, estará nos dias 27 e 28, sábado e domingo, em Lisboa, no Teatro do Nosso Tempo, à Praça José Fontana, onde se apresentará às 16 horas. Um espectáculo infantil a não perder.

Sala Manuela Porto

Nos próximos dias 27 e 28, pelas 18.30, a palhaça «Tété» estreia o seu novo espectáculo musical «A Dona



Pedro Barroso e o Grupo Trovante no «MusicAberta» da próxima segunda-feira



Mais de 100 trabalhos estão patentes na exposição de banda desenhada organizada pela Escola António Arroio. A mostra reúne trabalhos de alunos da própria escola e de alguns profissionais portugueses, como Vítor Peon, Zé Paulo, Pedro, Carlos Zingaro, Nuno Amorim e Duarte. Esta mostra de banda desenhada, que ficará patente até ao dia 7 de Fevereiro, é acompanhada ainda por debates e colóquios.

de Casa, uma Partícula de Circo». Trata-se do número apresentado por Tété no último Festival de Circo de Berlim.

Citycine

Sessões às 23.45 horas. Hoje, «Jogos Perigosos»; amanhã, «A Honra Perdida de Katharina Blum»; domingo, «Armadilha para um Homem»; segunda, «A Pequena Crónica de Ana Madalena Bach»; terça, «A Visita», quarta, «Morituri».

Sala Carlos Ferreira

Dia 30, às 21.30 horas, na Sala Carlos Ferreira do Museu da Cidade de Setúbal, apresentação do agrupamento francês Teatro Musical de Ulis com os espectáculos «Miroir» de Michel Puig, encenação de Michel Lonsdale e representado por Catherine Dasté, e «Les Loups», com encenação e música de Michel Puig e interpretação de Claud Buchwal, Paul de Laminat, Jean Marc Molines e Lucie Puig.

Galerias de Arte

I Salão do Casino Estoril Internacional de Expressão Plástica Infantil. Foram convidados a participar neste Salão todos os países com representação diplomática em Lisboa.

S. Luís

Dia 27, às 17 horas, espectáculo dado pela «Orquestra Ligeira da RDP», sob a direcção do maestro José Mesquita com actuação de diversos artistas.

Teatro Rivoli

No Porto, hoje, pelas 21.30 horas, concerto pela Orquestra Gulbenkian, dirigida pelo maestro francês «Maurice Gendron» que executará as três últimas sinfonias de Mozart.

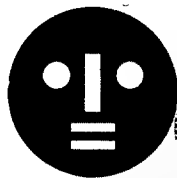
Zodiaco

Hoje e amanhã, pelas 22 horas, concerto pelos músicos franceses «Jerôme Tacquier» (saxofone e guitarra) e Michel (violino). «Canto dos Pássaros», é o título do concerto.

Quarteto

Sessões a partir das 23.30 horas. Hoje «O Assalto», de Richard Brooks/«Woodstock», de Michael Waldeight (sala 1); «Paulo, o Quente» de M. Vicário/«A Religiosa», de Jacques Rivette (sala 2); «Amor Amargo», de F. Vancin/«Millie, Rapariga Moderna», de George Roy Hill (sala 3); «O Corpo do Meu Inimigo», de Henri Verneuil/«Lágrimas e Suspiros», de Ingmar Bergman.

Cinema



CINE/PONTO



Delito de amor, de Luigi Comencini, com Giuliano Gemma e Stefania Sandrelli

PIQUENIQUE EM HANGING ROCK
de Peter Weir
(Austrália-1975)

O típico «filme artístico» na estreita e seródia concepção de algumas mentes. Uma simbologia óbvia e rasteira polvilhada de música de flauta e do 5.º concerto para piano e orquestra de Beethoven, faz, com actores funcionais e uma reconstituição de época escorregada, um cacharolito que se vê com um bocejo imenso.

Cinema Nimas (14.30, 16.45, 19 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

DELITO DE AMOR
de Luigi Comencini
(Itália-1973)

Luigi Comencini, um dos mais coerentes e perspicazes realizadores italianos do momento, oferece-nos, com «Delito de Amor», um registo por onde passam muitos dos fulcrais problemas da sociedade transalpina sob o pretexto de um melodrama impossível. Pretexto que não é, porém, excrescência: é nas pequenas histórias de amor que, muitas vezes, afloram as grandes questões sociais. No cinema e na vida.

Cinema Quarteto - Sala 2 (15, 17, 19, 21 e 23h)
(não acons. men. 13 anos)

MORTE NO NILO
de John Guillermin
(GB-1978)

O sucesso de Agatha Christie em Portugal é grande. Tal sucesso prolonga-se agora para este filme que John Guillermin realizou a partir de uma das melhores novelas da autora escritora de ficção policial. Filme que soube colher, de A. Christie, o melhor e o pior, quer dizer, que soube ser fiel ao universo de onde provém. De resto, Peter Ustinov é um Hercule Poirot sensacional (até na própria ironia com que ergue o personagem).
Cinemas Apolo 70 (13.30, 16.15, 19,

em breve. Porém, com a crise do Irão, os Estados Unidos voltaram-se com inaudita rapidez para a Turquia e parece que vão ficar outra vez amigos. Assim sendo é pouco provável que este filme ferozmente anti-turco seja catapultado para as manchetes dos jornais quando premiado. Uma ocasião para testar as relações entre a estratégia do Pentágono e a de Hollywood.

Cinema Quarteto - Sala 4 (14.30, 16.45, 19, 21.15, e 23.30h)
(não acons. men. 18 anos)

BATALHA NO ESPAÇO
de Richard A. Colla
(USA - 1978)

Um divertimento barulhento, com argumento hiper-débil, efeitos espe-



Picnic em Hanging Rock, de Peter Weir



Batalha no Espaço, de Richard A. Colla

21.30 e 24h) e **Satélite (13.30, 16.15, 19 e 21.30h)**

FEBRE DE SÁBADO À NOITE
de John Badham
(USA-1977)

John Travolta continua, em quatro sessões diárias, a passear a sua frágil condição de «super-star» feita à pressão. O filme onde passeia é apenas uma idiotia.

Cinema Caleidoscópio (14, 16.30, 19 e 21.30h)
(interdito a men. 13 anos)

O EXPRESSO DA MEIA NOITE
de Alan Parker
(GB-USA-1978)

Pasmal, oh! gentes: esta «coisa» racista e fascista está nomeada para oito «Globos de Ouro» a atribuir muito

ciais sem grande apuro e actores que se limitam a debitar banalidades. O «sensurround» é que vai levar muita gente ao Tivoli. Mas até isso é irrelevante.

Cinema Tivoli (14, 16.30, 19 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

O SEGREDO DE FEDORA
de Billy Wilder
(França-RFA-1978)

Perto do fim a carreira desta recente película de Billy Wilder. Considerado por uma votação da crítica lisboeta como o melhor filme do ano de 1978, «O Segredo de Fedora» foi também um sucesso comercial. Toda a gente está, portanto, contente.

Cinema Star (14.30, 16.45, 19 e 21.30h)
(não acons. men. 13 anos)

Liza Minnelli vive à sombra do mito Judy Garland

Quando se sentiu «afundada» com o cinema, voltou ao palco. Tem hoje 32 anos, não perde uma oportunidade de aproveitar alguma publicidade e garante que já se libertou do complexo de «filha de sua mãe». Mais: afirma que foi ela a «mãe» de Judy Garland.

— Não, eu não podia continuar a suportar sobre os ombros o peso de um mito vivo. Aos 2 anos de idade vi arrastarem minha mãe para uma casa de repouso porque ela estava à beira de uma crise, aos 4 anos ela cortou a garganta com um copo de cristal, quando eu tinha 8 anos faleceu-me, certo dia, que se ia matar e fechou-se no quarto, céus eu queria ajudá-la, precisava mesmo fazer algo por ela, as lágrimas corriam-me pela cara enquanto eu procurava a tesoura de poda do jardim e quebrava o vidro de uma das janelas... mas eu não cabia, então fui conversando com minha mãe... pobre querida, hoje reconheço que nem sempre a ajudei como desejava!

A voz de Liza estremece de saudade, depois prossegue:

— Certa vez zanguei-me com ela e gritei-lhe: «Mãe estás a transbordar de autocompaixão, metes-me dó com essa mania de angariar piedade e simpatia dos outros!» Ela olhou para mim daquela forma muito terna e perguntou-me: «Não entendes ainda, amor, que é preciso isso mesmo, meter dó, procurar simpatia e compaixão para que eles nos apreciem e gostem de nós, no espectáculo é assim». Era o seu lema de sobrevivência... ah! Como eu também acabei por aprendê-lo!

Liza May Minnelli nasceu a 12 de Março de 1946, de cesariana. Quando acordou, Judy Garland, sua mãe, teve uma alegria tão grande que se abraçou ao médico e chorou copiosamente, como se se profetizasse que acabava de dar ao mundo a sua própria sombra. De facto Liza e Judy têm muito em comum: talento, encanto, e esse incansável desejo de encontrarem na vida uma tábua de sobrevivência.

— Os meus amigos de infância eram, tal como eu, filhos de actores e pessoas ligadas ao espectáculo, Mia Farrow, Candice Bergen e Gail Martin, sempre me considerei entre elas a mais feia e desajeitada, tinha carradas de problemas pessoais e também os de minha mãe, pensava pouco em brincar, mas, nem por isso, me deixava de aperceber que a minha infância não era normal, tudo era excêntrico, exagerado, estranho, apenas porque eu era filha de Judy Garland. Não estou a fazer acusações, a mãe e o pai estiveram sempre a meu lado, eles amavam-me e recebi deles imensa coisa, incluindo... «detritos». Sim, isso mesmo: «detritos»! Acende um cigarro e disfarça as lágrimas:

— Minha mãe tentava não me chorar demasiadamente, explicava-me sempre tudo o que fazia e as atitudes que pensava tomar, porque se ia divorciar, porque voltava a casar, porque se sentia neurótica, porque cortava as veias dos pulsos... era estranho mas, de certa forma saudável. As pessoas adoravam-na, sentiam por ela um fascínio, uma profunda admiração e uma ternura preversa, o público não gosta que um artista seja feliz, é muito mais emocionante quando se é autodestrutivo, o público acha que as pessoas de talento têm de ser malditas, ansiosas como se... se a desdita bastasse, por si só, para equilibrar a injustiça das suas elevadas capacidades e dotes, e a minha mãe foi uma dessas pessoas, morreu aos 47 anos... e eles transferiram para mim a lenda mitológica que a rodeava. E Liza era filha desse mito, mas isso saiu-lhe por um preço a tal ponto exorbitante que, hoje ainda, ela vive «dependente» dessa realidade. Aos 10 anos Liza aprendeu a vigiar a medicação materna: Judy tinha a monomania do suicídio; por isso, a filha retirava metade dos comprimidos do frasco e enchia-o com açúcar. Aos 14 era Liza quem geria a casa, contratava empregados domésticos e supervisionava festas e reuniões.

— Muitas noites, depois de chegar de um espectáculo, minha mãe não conseguia adormecer. Então vinha acordar-me e ficava a conversar comigo até o sol romper. No dia seguinte eu não conseguia ir às aulas, faltava e transformei-me em péssima aluna. A maior amiga de minha mãe era Marilyn Monroe que também tinha uma predilecção por

mim e me tornou em sua confidente, eu estava sempre a dizer-lhe: Vai ter com pessoas da tua idade, Marilyn, eu sou apenas uma garota, mas ela teimava em falar-me da sua eterna solidão, da sua ansiedade, do medo que tinha da vida...

Todas estas responsabilidades prematuras deram a Liza uma maturidade estranha que a transformou numa rapariguinha sisuda, concentrada e, de certa

mundo. Já não é tanto a filha de Judy Garland, é mais Liza Minnelli. Os mais saudosistas perguntam a si mesmos se Judy Garland não terá nascido das cinzas. Em 1975 «Lucky Lady» é outro filme caro mas mediocre, tal como «Uma questão de tempo». Apesar deste último ser dirigido por seu pai, Vincent Minnelli, e de ter a seu lado uma veterana, Ingrid Bergman, Liza apaga-se. A própria Ingrid Bergman afirmou que



forma, compassiva e terna.

— Senti sempre uma profunda atracção pelo mundo do espectáculo. Aos 4 anos entrei num filme com minha mãe «In the Good Old Summertime», mas eu não tinha a voz maravilhosa dela, segundo me diziam a minha voz era como «um giz a raspar no quadro preto».

Tive de fazer uma longa aprendizagem. Um dos episódios mais duros dos meus tempos de estreia foi quando, aos 18 anos, actuei pela primeira vez na Europa, no Palladium de Londres. Minha mãe apresentou-me apenas assim: «Miss Liza Minnelli!», e cantei várias canções entre elas «The Traveling Life» e «Gypsy in my Soul». Seguiu-se um silêncio gelado, não se ouvia bulir uma mosca, o meu coração quase estancou de pavor, pensei que ia morrer de vergonha, mas de repente todos começaram a bater palmas e a gritar «Bem, muito bem», quando olhei para o lado vi o rosto de minha mãe furioso, durante os aplausos finais ela empurrou-me para fora do palco... de certa forma tinha razão, ela era o foco, a figura central e eu estava a roubar-lhe o lugar!

Pouco tempo depois Liza estreou-se no Broadway com a peça «Flora e Ameaça Vermelha», que fez dela a mais jovem actriz (19 anos) a receber um Tony (correspondente ao Oscar do cinema). Depois seguiram-se os filmes: «Charlie Bubbles», «The Sterile Cuckoo». Entretanto, em 1967, casa com Peter Allen.

— Foi durante as rodagens de «Tell Me that you Love Me» que recebi a notícia da morte de minha mãe. Chorei durante horas seguidas, era como se tivesse perdido parte de mim. Depois enxuguei as lágrimas e decidi que na hora derradeira não ia abandoná-la. Encarreguei-me de todas as cerimónias do funeral... era a minha última ajuda à pobre querida. Não quis ninguém de luto, eu mesma fui de azul céu, quas flores, flores alegres e perfumadas. Quando alguém se veio abraçar a mim e desatou em pranto gritei-lhe: Você chorava quando ela cantava «Over the Rainbow»? Agora que ela finalmente está em paz, sorria!... Mas nas ruas apinhadas de gente eu não podia proibir as pessoas de chorarem e acenarem com lenços brancos; elas continuavam a amá-la e sentiam a sua falta, ela tivera uma morte linda, tal como o público gosta, algo funesto e misterioso, por isso tinham de a chorar mais ainda, correspondia inteiramente à imagem de actriz que eles idealizavam. Fora um golpe magistral a sua morte! A morte de Judy Garland marcou uma nova etapa na vida de Liza. Nos 3 anos que se seguiram passou a actuar em «nightclubs» e fez 4 álbuns. Aos poucos ia-se tornando famosa. Em 1972 recebe o papel central em «Cabaret», uma excelente película que lhe oferece um Oscar. Então Liza individualiza-se um pouco, despegando-se da lenda materna, a sua fotografia surge nas capas das maiores revistas do

seesaria apagar o seu nome e o seu rosto dessa película.

— Depois da morte de minha mãe esta é a tragédia maior da minha vida, sinto que todos estão no campo oposto, os críticos dizem horrores da minha carreira, para muitos eu não passei «de uma estrela cadente no firmamento das vedetas», para outros «eu não fui capaz de sobreviver ao papel que criei em «Cabaret». No cinema, aos poucos vou-me sentindo banida. Então resolvo, volto à Broadway!

E fez bem, porque em 1977 a peça «The Act» volta a erguê-la aos céus do êxito: ganha o seu segundo Tony e, comovida até às lágrimas, a filha de Judy Garland ouve o público gritar-lhe: «Nós amamos-te Liza!», tal como gritaram a sua mãe.

— Todavia, por detrás da sua imagem de «superestrela», Liza não consegue furtar-se à sombra do mito materno que continua a pairar sobre a sua vida. No fundo, o mal vem de trás, porque na realidade os papéis estiveram sempre invertidos, Liza era a mãe de Judy, era ela quem cuidava da mãe e quem a mimava:

— Nunca tive um lar, nunca tive uma família. E quanto eu sonhei, com isso! Hoje o meu imenso recelo é a solidão. Não quero estar só por nada deste mundo. Sou sempre a primeira a chegar às festas, danço, rio e divirto-me toda a noite e depois sou a última a sair.

Esse mesmo temor da solidão impele-a, tal como a sua infortunada mãe, a procurar refúgio nos homens. Ainda durante o casamento com Peter Allen envolveu-se com o baterista do seu conjunto, Rex Kramer. Depois vieram Desi Arnaz, Peter Sellers, Charles Aznavour e o barão Alexis de Redé. Em 1974 casa-se com Jack Halley, 20 anos mais velho que ela: uma ligação que termina 5 anos depois com rudes acusações de parte a parte.

Entretanto, muito outros romances entraram e saíram da sua vida: Martin Scorsese, o bailarino russo Mikhail Baryshnikov etc. etc. Tal como sua mãe, ela vive num turbilhão, num remoinho que ela mesmo criou, será capaz de parar? Mas Liza não quer parar, «há que mover-se». Não quer, sobretudo, enfrentar confrontações, sejam elas de que espécie for. Judy Garland também era assim.

— Eu sobreviverei, conheço as minhas capacidades e sei o que valho! Estou viva e para mim isso é que conta...

Sim, até hoje, Liza May Minnelli tem sido uma sobrevivente, tem 32 anos e é capaz de resistir, mas tal como sua mãe, ela está a cometer os mesmos erros, a escolher os precisos caminhos do perigo: droga, calmantes, trabalho excessivo. Liza poderá sobreviver, a questão é: até quando? Não é fácil viver enfiado na pele de uma lenda. É duro viver-se à sombra de um mito que não se deixa apagar e ser-se, também, um mito!

Liz Garry
© 7.7

Croniketa

Jorge Leitão Ramos

Como lá em casa

Há momentos em que sentimos que algo de importante se está a passar, mesmo se essa importância é indefinível ou esquiva, momentos em que, imperceptível mas firmemente, uma brisa sopra. No cinema, tal facto é, as mais das vezes, rebate falso, fogo fátuo, no mar de celulóide inútil que nos banha, que nos afoga. Quando, em Lisboa, essa inutilidade conquista a quase unanimidade dos ecrãs (com uma ou duas «abertas» na voragem) a tentação é cerrar os lábios, guardar a caneta, preservar os olhos e ouvidos da poluição. Mas que fazer? Os ossos deste ofício são esses: vogar na onda que outrem provoca, falar do cinema que o comércio exhibe, mesmo se esse cinema repugna às palavras que escrevo, mesmo que nada, nada haja para dizer.

Por isso, maior acuidade conservo para as brisas diferentes que possam soprar. Mesmo que ténues, longe da multidão dos néons, em quase privacidade. Uma dessas brisas soprou na Gulbenkian, aquando da recente «semana» dedicada ao cinema húngaro. Chamou-se **Como lá em casa**, trazia no remetente o nome de Marta Meszaros e falava de

nós. Marta Meszaros é uma cineasta a seguir com atenção (se nos deixarem). Dela já se exibiu, comercialmente, em Lisboa, **Adopção**, dela serão exibidos, a prazo imprevisível, **Elles deux e Nove meses**. Mas não é isso que importa agora, aqui. Nem sequer falar dos filmes (noutra altura, noutros dias, se fará).

Queria falar, com vossa licença, de outras coisas. De coisas pressentidas só, que **Como lá em casa** me veio sussurrar. O filme tratava da incomodidade de alguém que regressa, de alguém a quem faltam raízes mas que as refaz, penosamente, através do olhar de uma criança, de alguém que busca a paz, o equilíbrio que se deseja como lá em casa, como no colo, no interior, da mãe.

E tudo isso, toda essa trajectória me veio situar aqui, neste terreno que foi, brevemente, terra, neste tempo que foi, fulgurantemente, mudança. No fundo, quem não anda, hoje, à procura ou desse tempo de ontem (e é já mágoa) ou desse outro tempo de negrume (e é já medo)? Quem pode dizer «eu não sou d'aqui», como se se quisesse esconder do que foi ou do

que fez? Quem pode negar a angústia que se atravessa na cidade, nos jornais, nos discursos, no quotidiano?

Estamos, é certo, num tempo menor, numa menoridade histórica, numa necessidade de útero, de mãe. Momento de que se fazem as histerias, os terramotos colectivos. Há já quem peça as nossas cabeças na praça pública, nos bastidores forjam-se tribunais do ódio. Lembro-me do que a História ensina. A Regeneração foi a época em que os revolucionários de 1789 se viram acorrentados e exibidos como os fautores de todos os males da Terra. Apenas uma esperança: a História também ensina que a Regeneração foi a última arbitrariedade da então classe decadente. Só não nos diz quanto tempo esta vai durar. Sabemos, porém, que será muito antes do que eles pensam. Precisamos, com urgência, de inventar as condições psicológicas e materiais para que tal aconteça. É que só depois nos sentiremos como lá em casa, só depois poderemos descansar.

Jorge Leitão Ramos

Música

Uma orquestra à procura do lá

Mário Vieira de Carvalho

Continuação da pág. 1

um ano o lugar para que foi nomeado na RDP. Disse-nos:

«Os problemas vêm de trás. O primeiro passo para resolver a questão das vagas a preencher acaba de ser dado neste preciso momento com a abertura de um concurso. O concurso compreende duas fases: interno, para as vagas de solistas e para integração no «tutti» de estagiários; externo, para as vagas que restarem. A dificuldade está em encontrar quem as preencha. Talvez só no estrangeiro, seguindo, aliás, uma solução já aplicada não só nesta orquestra como por exemplo, na da Gulbenkian.

Outra questão importante é a das instalações. Não há dinheiro para construir o palácio da Rádio. Só há dinheiro para sobreviver. Os serviços da RDP encontram-se espalhados por cerca de 14 edifícios. A orquestra não tem instalações onde possa trabalhar em condições satisfatórias. Agora está a fazer os ensaios na Rua Teixeira de Pascoaes. É preciso melhorar, ali, o ar condicionado. Para isso são necessários mil e quatrocentos contos. O edifício foi-nos cedido pela Câmara Municipal, em troca do S. Luiz, onde agora fazemos apenas os ensaios gerais. A Câmara cumpriu o programa das obras, segundo o compromisso que assumiu. Mas o ar condicionado corre por nossa conta».

PASSAR A FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS?

Estêvão Ferreira, chefe de naipe da bateria (um dos melhores percussionistas portugueses: o rufo autêntico na «caixa» só ele e mais dois ou

três, em todo o país, o conseguem fazer); «Os vencimentos não constituem para nós, neste momento, uma matéria controversa. Mas batemo-nos por um estatuto de funcionário público idêntico ao da Orquestra do S. Carlos, pois com esse estatuto os descontos são menores. Pessoalmente, não estou interessado em mudar para lá, só por motivos económicos. Prefiro o trabalho da Orquestra Sinfónica da RDP, que não se subordina às necessidades da ópera. Os problemas mais graves que originam a crise actual (a segunda mais grave da Orquestra) são a falta de instalações e as vagas por preencher. Os concursos podem contribuir para melhorar a situação, se realmente vierem a ser preenchidas todas as vagas. Aguardemos».

SEMPRE CÁ E LÁ

Henrique Fernandes, do naipe de violoncelos, um dos raros elementos da orquestra que fizeram toda a sua formação no Conservatório:

«A Orquestra está muito desfalcada de solistas. Precisa também de mais um concertino (primeiro violino solista). Além disso, há outras vagas a preencher. O primeiro passo é regularizar rapidamente esta situação.

Outra questão: o local de trabalho. Por incrível que pareça, esta orquestra nunca teve uma sala de ensaios permanente. Chegámos a ensaiar na Casa das Beiras, no Comando Geral da Legião Portuguesa, etc. Agora estamos naquelas instalações que não oferecem um mínimo de condições de traba-

lho. Esta é uma questão fundamental para a disciplina e o rendimento da orquestra».

PROBLEMAS DE DISCIPLINA

Luísa Vasconcelos, violoncelista-solista, que adquiriu também notoriedade como intérprete de música contemporânea, no âmbito do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa:

«Tem de se começar pelo preenchimento das vagas. Embora não se esteja a ver onde vamos buscar os músicos. Só se for ao estrangeiro, pois não há músicos em Portugal: os que há são jovens demais. Verifica-se um hiato de gerações. Não houve incentivo, nem há, para as carreiras musicais. O Conservatório continua na situação de caos que vem de há décadas. Nesta orquestra, por exemplo, a maioria dos instrumentistas de cordas não estudaram no Conservatório. Foram lá buscar o diploma, mas devem a sua formação à Fundação Musical dos Amigos das Crianças, orientada por Adriana de Vecchi e por Fernando Costa (já falecido). Quanto aos sopros, vieram todos, sem excepção, das bandas.

Temos, por outro lado, problemas de disciplina, que derivam de vários factores: local de ensaio e horário, sobretudo. Na minha opinião, não se pode trabalhar tranquilamente no barracão que foi dado à orquestra. Depois, os ensaios têm uma duração excessiva; quatro horas. Em vez de quatro horas deveríamos fazer talvez dois períodos de duas horas e meia, de manhã e à tarde. Isto, porém, não é possível, já que os colegas do sopro têm de cumprir de manhã o seu serviço nas bandas militares a que pertencem».

NECESSIDADE DE UM PLANO DE TRABALHO

Carlos Franco, flautista, um dos pilares também do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, com uma larga carreira de solista:

«Uma orquestra é, por natureza, disciplinada, quando o trabalho lhe interessa, e desde que exista um plano de trabalho. Quanto à autoridade disciplinadora do chefe de orquestra, ela advém-lhe por um lado da competência técnica e por outra da sua maneira de lidar com os músicos.

Independentemente disto, as actuais condições não favorecem a disciplina. Na instalação da Teixeira de Pascoaes não existem infra-estruturas capazes de suportar uma orquestra: nem sequer temos ali um vestiário, nem um sítio para estar, nos intervalos; as condições acústicas e o isolamento de ruídos exteriores também não correspondem. Quanto aos concursos, é preciso ver se já está fixado o quadro da orquestra...»

MAIOR INTERVENÇÃO DO CONSELHO ARTÍSTICO

Leonardo de Barros, chefe de naipe dos contrabaixos:

«A RDP deveria solicitar mais frequentemente a cooperação do Conselho Artístico da orquestra. Este órgão tem funções consultivas, mas se fosse mais solicitado poderia contribuir para regularizar ou, pelo menos, não deixar degradar, as condições de trabalho da orquestra. Diz o departamento que o conselho só poderá funcionar quando o próprio departamento puder planificar a longo prazo a sua actividade. De qualquer modo, é necessária uma maior intervenção do Conselho Artístico.»

José Duarte

O PRINCIPAL CONSERVATÓRIO SÃO AS BANDAS

Adácio Pestana, primeiro trompista-solista, prestigiado professor daquele instrumento no Conservatório:

«As principais carências verificam-se nas cordas. Nos sopros bastam ligeiros reajustamentos. Resta saber onde iremos recrutar os instrumentistas. Tratando-se dos sopros, terá de ser nas bandas, naturalmente. As bandas têm sido o principal Conservatório do País. Posso dizê-lo porque sou oriundo delas e hoje estou a leccionar trompa no Conservatório. Devo dizer, aliás, que a maior parte dos meus alunos têm sido militares. Só recentemente começaram a surgir alunos civis, incluindo uma rapariga (o que é raro), interessados em aprender trompa. Digo que é raro haver mulheres executantes de



Henrique Fernandes e Leonardo de Barros

trompa, mas não há que estranhar, é uma questão de mentalização: todos nós, homens e mulheres, temos constituição física para tocar trompa.»

PEDIR QUE «LÁ»?

Artur Moreira, clarinetista-solista, notável executante que tem procurado estudar a fundo as possibilidades do clarinete, inclusive como intérprete de música contemporânea:

«Há muitos problemas a considerar. A maior parte deles vem dos bancos da escola. Eu, por exemplo, aprendi a fazer o estudo clássico do clarinete: o que era preciso era tirar uma sonoridade bonita. Mais tarde percebi e para isso foi importante a minha experiência no Grupo de Música Contemporânea de Lisboa — que era necessário descobrir e dominar todas as possibilidades do instrumento.

No caso da orquestra, podemos começar pela afinação. Quando o «concertino» Vasco Barbosa pede o lá, o que é que vai obter? Anda-se à procura de uma coisa — afinação — que não se sabe o que é. Ou melhor, parece a verdade de Santo Agostinho: sabe-se o que é mas não se sabe dizer o que é. Assim, não há uma base teórica sobre afinação que todos os instrumentistas tenham. Cada qual tem a sua. As cordas quando sobem tendem a fazer intervalos maiores. De uma maneira geral, aliás, nesta orquestra, as cordas fazem intervalos maiores do que o sopro. Dai um problema básico de afinação difícil de resolver. Viu-se na recente gravação com obras de Álvaro Cassuto: em certa passagem, havia uma parte em que nunca se conseguia afinação, apesar das tentativas. Falta um conceito de afinação que uniformize os intervalos de todos os instrumentistas e estabeleça um

lá, em cada momento, da mesma altura, para todos. É por isso que certos maestros estrangeiros, embora não nos deem uma base teórica, nos obrigam a afinar: por instinto, conseguimos então a uniformidade. Não progredimos, sem uma escola que ensine os instrumentistas a tocar em conjunto, sem professores que lhes deem a base teórica que lhes falta em maior ou menor grau, sem um bom director que exerça quotidianamente essa função pedagógica. Por enquanto, a Orquestra da RDP não pode ser uma orquestra com espírito colectivo. É uma orquestra em que cada elemento toca para si.»

FALAR OU NÃO FALAR

Linda Lipman, violinista norte-americana, há três anos em Portugal, há menos de um ano na Orquestra da RDP (o



ponto de vista do músico estrangeiro):

«No que se refere aos contactos humanos, o ambiente na orquestra é ótimo. As pessoas são adoráveis. Creio, no entanto, que é, de certo modo, singular o método de trabalho da orquestra. Por vezes, tenho a impressão de estar num ponto de encontro social. Torna-se contagiante o hábito de conversar e, quando aparece um maestro que impõe um silêncio rigoroso nos ensaios, a gente, sem querer, pensa: «Este não nos deixa falar, é um ditador!» Muitos problemas de organização carecem de solução. Mas não se pode culpar a organização de todos os factores de crise. Os próprios músicos têm de alterar os seus métodos de trabalho, a nível individual e colectivo. A nível individual, com estudo diário; a nível colectivo, com trabalho por naipes, em ensaios separados. Só assim será possível corrigir as constantes diferenças de qualidade no rendimento da orquestra. Uma orquestra não pode ter altos e baixos: tem de elevar constantemente, sempre numa progressão, devagar mas firme, o seu nível técnico. Para isso é necessário também que as motivações do programa de trabalho da orquestra sejam artísticas e não orientadas por critérios de circunstância, de natureza «diplomática» ou «política». A orquestra serve o povo na medida em que elevar a sua qualidade. Quanto às relações humanas, no entanto, dou-me muito bem na orquestra. So nice this people, so sweet.»

ENCARAR SOLUÇÕES A CURTO PRAZO

Álvaro Cassuto, chefe de orquestra, um dos directores titulares, com larga carreira internacional: «Observa-se,

sem dúvida um declínio gradual da orquestra, resultante em grande parte de um factor fundamental: ausência de educação musical a todos os níveis. Não se tem estimulado os professores no sentido de lhes dar condições de vida para se dedicarem ao ensino, nem os vencimentos estão em proporção com o trabalho que é preciso investir para se ser músico. Ser músico é opção para uma vida inteira: ocupa-nos dir-se-ia a cem por cento!

Como resolver, entre nós, os problemas de recrutamento? Não adianta, por agora, esperar pela Reforma Geral do Ensino. É preciso então descobrir outros meios. Existe, por exemplo, o projecto de criação de uma Escola de Música anexa à orquestra, que serviria para intensificar o recrutamento de novos instrumentistas, sem concorrer com o trabalho, a longo prazo, de estabelecimentos como o Conservatório. Esse projecto teve o mais vivo apoio do antigo presidente da CA da RDP, major João Figueiredo, e eu próprio nele me empenhei. Mas ainda não foram dados passos concretos.

Outro problema é o do incentivo artístico e profissional. É preciso encorajar os músicos da orquestra a fazerem parte de conjuntos de câmara que saiam de dentro do agrupamento sinfónico: trata-se de lhes proporcionar meios de aperfeiçoamento e de promoção económica, aspectos que andam ligados. Não esqueçamos que o surto desses grupos de câmara constitui uma oportunidade para os «tutti» terem acesso a uma certa progressão artística ora da hierarquia mais ou menos rígida estabelecida dentro da orquestra. Se o músico não vê razão para tocar melhor, em termos de avaliação social e económica do seu trabalho, é muito difícil exigir-se-lhe responsabilidades. Tudo tem uma contrapartida.

Outra questão: a programação. Importa estudar uma programação inteligente e adequada às necessidades da orquestra. Tem de se avaliar previamente o que a orquestra pode realmente fazer. Tocar sinfonias de Mahler só com uma leitura, por exemplo, é habituar a orquestra a tocar de qualquer maneira. Só devem ser incluídas obras que a orquestra possa tocar e possa tocar bem; e não admitir nada que possa estar abaixo do máximo dado pela orquestra. Se se quiser progredir.

É claro que isto pressupõe, antes de mais, uma planificação que permite à orquestra saber o que vai fazer e quando. Cabe aos responsáveis, a começar pelos chefes de naipe, maestro-director, chefe do departamento de orquestras, oferecer as condições de estudo e preparação que tornem legítimo exigir um determinado nível qualitativo.

A meu ver, as questões de disciplina são, apesar de tudo, secundárias. Na sua origem está o próprio abandono a que tem sido votada a orquestra: falta de um local adequado para trabalhar (uma sede) e de vários outros apoios, falta de programação pensada com tempo, etc.»

O COSTUME, LÁ

Entretanto, mais um ensaio. Obras de Álvaro Cassuto. Do diálogo maestro-instrumentistas:

Maestro: «Os senhores têm uma memória muito curta!»

Voz: «Ainda bem!»

Maestro: «Meus senhores, é melhor acabar o ensaio. Se não tocam é melhor acabar.»

Voz: «Dá-me licença?»

Maestro: «Dou licença que saia à vontade!»

Voz: «Era isso que eu queria. Obrigado.»

No Hot: Músicos ao poder

Realiza-se todos os anos, por esta altura, a Assembleia Geral do Hot Clube de Portugal destinada, regra geral, a aprovar as contas do ano anterior e a eleger corpos gerentes. O clube conta actualmente com 145 sócios, muito poucos dos quais se interessam pela sua vida e frequentam a sua sede, uma cave da Praça da Alegria, em Lisboa. Nesta última Assembleia Geral compareceram 29 sócios que constatarem a degradação em que o clube se tem vindo a afundar: piano desafinado, contrabaixo partido, bateria roubada, discos riscados, alta fidelidade sem reparação possível, das cassetes apenas uma resta, a própria fechadura da porta da rua vai na sua 14.ª edição, o que explica muito do atrás citado. A política seguida pela direcção cessante não foi, no entanto, muito discutida, embora presentes tivessem estranhado alguns fins-de-semana em que o clube esteve encerrado. Enfim, tudo calmo, com a expectativa apontada para quem se iria candidatar, porquê e com que programa, para dirigir as actividades do clube em 79. E a lista, única aliás, apareceu: Rui Martins, Ávila de Melo, José Eduardo, Emilio Robalo, Rebocho de Natividade. Eleita por franca maioria esta lista representa e promete algo de diferente.

Ao longo das décadas o HCP foi dirigido sucessivamente por duas gerações e assiste agora ao empobrecimento da geração mais nova. Até aos primeiros anos da década de 70 foi a época do fundador e dum grupo de entusiastas e músicos que seguiram uma política fechada e privada. Hoje são empresários, médicos, arquitectos, comerciantes, engenheiros e visitam-se e raros são os que ainda descem a escada de ferro da minúscula cave. A geração do meio ocupou o poder meia dúzia de anos e optou por projectar grande parte das actividades para fora da sede: rádio, televisão, boletim, sessões fonográficas, concertos com músicos

estrangeiros e, mais recentemente, apoio em exclusivo aos músicos portugueses. Como dirigentes tinham assim opções diferentes, viveram a esperança de Abril e vieram a desmobilizar-se no poder. Por razões diferentes, claro.

O fim dos anos 70 vê chegar, parece, os menores de 30 anos, geração formada pelos Cascais, geração onde alguns se dedicam à prática musical.

Na defesa do programa proposto ouvimos José Eduardo, contrabaixista, afirmar: «...já passou a época em que a divulgação do jazz consistia em explicar como é que o Big Bill Broonzy tocava viola ou o John Lee Hooker e que os coitadinhos dos escravos pretos levavam porrada e toda essa série de lugares comuns...»

A direcção eleita vai assim promover a abertura diária do clube com música ao vivo ou gravado e bar e, para tal, pôr em pleno funcionamento e assegurar a firme manutenção das instalações e equipamento da sede. Mais ainda afirma a intenção de realizar actividades paralelas e incentivar a participação dos sócios na vida do clube.

Assim o programa cobre, de facto, uma interessante gama de actividades já prometidas por direcções anteriores e nunca cumpridas na íntegra. Longe disso. Fica evidente, no entanto, a dominante do programa que transforma o clube num bar com jazz, «como existe em França». Com o tempo resta conhecer a evolução de alguns pontos nevrálgicos: situação dos sócios versus público, tipo de público frequentador, política de preços, escolha de músicos. Será que o HCP se transformará na tábua de salvação (e só isso) para a inactividade, o desemprego dos músicos portugueses de jazz? Ou dum trio? Ou dum duo? Ou só dum? Quem se dedica à ficção empresarial ou à antecipaçaõ monopolista já arrisca que nos anos 80, Vilas é Gil e Krassman é Eduardo.

Literatura

Soltas

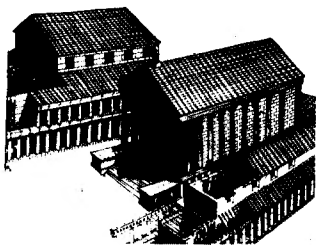


A administração dos correios suíços lançou no passado dia 21 uma série de quatro selos da autoria do pintor Hans Hurni representando os escritores Rainer Maria Rilke, Hermann Hesse e Thomas Mann e o pintor Paul Klee. Esta emissão especial de selos comemora o 100.º aniversário de Q. H. Ammann, construtor da ponte Golden Gate.

A CIDADE

Planificação e Construção de Uma Cidade Romana

DAVID MACANLAY



Cerca de duzentos anos antes de Cristo, os soldados da República Romana já tinham conquistado toda a Itália, com excepção da região alpina. Nos três séculos seguintes — seguimos o texto de David Macanlay — criaram um império que se estendia desde a Península Ibérica até ao Golfo Pérsico. Para assegurar o seu domínio sobre todos esses territórios, os soldados romanos construíam acampamentos militares permanentes. À medida que se foi reduzindo a necessidade de forças militares, muitos desses acampamentos tornaram-se importantes cidades do Império Romano. Os Romanos sabiam que as cidades bem planeadas eram mais eficazes para a manutenção da paz e da segurança do que um número dobrado de acampamentos militares. Essas cidades eram construídas, de um modo geral, em locais expressamente escolhidos ou onde só existia uma pequena povoação. Daí serem construídas segundo um plano com uma racional distribuição das áreas destinadas à habitação, à vida social, à vida comercial, às praças públicas, aos templos. Estudando como era planeada e construída uma cidade romana, David Macanlay elaborou um livro rico de ensinamentos e ricamente ilustrado que é, simultaneamente, uma lição de Arquitectura, de Urbanística e de História. Edição de Publicações Dom Quixote.

Os cem números da "Colóquio":

Reflexão sobre uma revista

José-Augusto França

Abriu recentemente na Fundação Gulbenkian uma exposição comemorativa do 20.º aniversário do lançamento da revista «Colóquio», que coincide com a publicação do seu número 100. Não exactamente assim, porém: na verdade, a «Colóquio», como tal, viveu de 1959 a 1970 e nesta altura dividiu-se em duas revistas, «Colóquio/Artes» e «Colóquio/Letras» que herdaram respectivamente as duas vocações da revista mãe, dita «de artes e letras». Mas, pela própria natureza da sua apresentação, e pelo espaço que já nela ocupavam as artes, a primeira destas revistas mais imediatamente se liga à revista originária numa continuidade que permite adicionar aos sessenta e um números publicados por ela os trinta e nove que nesta data «Colóquio/Artes» já publicou. E 69 mais 31 faz 100, — em vinte anos agora passados, e assim comemorados.

Cem números e vinte anos de uma revista, seja só de artes ou de artes e letras, é um «record» cultural que, evidentemente, só pode ser marcado nas condições favoráveis ou privilegiadas em que «Colóquio» é publicada, sustentada, com considerável prejuízo, por uma Fundação única também, no quadro da vida cultural e social portuguesa. Mas, para além das suas possibilidades artificiais, no aspecto económico, pode e deve pôr-se, na análise que do facto se faça, a realidade da existência da revista, e da sua função, num espaço cultural nacional que por um lado se pretende alargar ao estrangeiro, para ali levar conveniente e sistemática

notícia da criação dos artistas portugueses, e por outro lado se pretende alargar com notícias das artes praticadas nesse estrangeiro, numa actualidade necessária ao público português. Essa a definição da revista que mais naturalmente se assentou a partir da divisão em «artes» e «letras», há oito anos já.

Tomei nessa altura a direcção de «Colóquio/Artes», por circunstâncias tristes do falecimento de Reynaldo dos Santos, a quem devia um convite antigo de colaborar na «Colóquio» desde o primeiro número e em todos eles, e, até, de o ajudar na sua realização, o que só fora possível concretizar em 1970, ao mesmo tempo que Jacinto do Prado Coelho, a título idêntico, intervinha a par de Hernâni Cidade, do lado das «letras». E hoje, falecido também, em 1975, Hernâni Cidade, encontramos-nos ambos, Prado Coelho e eu, à cabeça das duas publicações vizinhas, cada uma com as suas orientações e pontarias específicas e os seus problemas próprios que são os das «artes» e das «letras» em Portugal. Ou num Portugal em mudança.

Na verdade, porém, «Colóquio/Artes» (só por ela posso falar) parece ter mudado mais cedo que o próprio país, e talvez também mais substancialmente, seguindo nisso, e algo a provocando, a evolução das artes plásticas entre nós, cuja explosão, marcável em 1970-72, coincidiu com a nova situação e a nova direcção da revista. As artes do tempo de Reynaldo dos Santos tinham um compasso diferente, mesmo que ele desse



Reynaldo dos Santos

razão aos mais acelerados, como sempre me disse. É de lembrá-lo aqui, curiosamente, como primeiro visitante da «nossa» exposição dos «50 artistas independentes», inaugurada, com propósito polémico, à mesma hora que os «Novíssimos» do SNI, e contra eles — a dizer-me, com irónico à vontade, que era melhor do nosso lado. Ele que era o presidente da Academia Nacional de Belas Artes... (Mais do que uma lembrança, é um exemplo que, como actual presidente da mesma Academia, eu guardo, para o que der e vier...) A esse compasso, medido em artigos mais virados para o passado, entre os quais quase que só a minha colaboração (e a de algum camarada que eu apresentava e logo era aceito, com franqueza e gosto)

contrastava, sucedeu outro, creio que mais «vivace», e que ganhou audiência «internacional».

Gosto e sempre gostei desta palavra, na certeza que só desse modo é possível fazer cultura num país com dificuldades de exportação — e facilidades demasiadas de aculturação... Só, creio eu, a prova real do contacto em casa (ou revista) comum, em que se fale a mesma língua (ou, o que é o mesmo, várias línguas paralelas e iguais) pode garantir o à vontade de convívio sem o qual não há cultura mas apenas envergonhada erudição, de complexo em complexo, sejam eles de inferioridade estrangeira ou de superioridade nacionalista.

Entre as páginas de «Colóquio/Artes» e as salas da Fundação que a edita, define-se, assim, uma situação cultural que estou certo de ser conveniente ao País — e que em mais nenhum lado pode ser assumida. Na verdade, as acções culturais oficiais sofrem um fatal «handicap» que depende menos dos regimes que das mentalidades que evoluem mais devagar do que eles podem passar, e que, sobretudo, estão subordinadas a uma situação estrutural de riqueza ou de pobreza, de crédito ou de débito. Não há diplomacia que valha quando não se fala de igual para igual; é regra que a história não ignora. E, na realidade nacional, o nivelamento de diálogo foi mais ou menos conseguido pela revista (ou pelas revistas) que a Fundação Gulbenkian há vinte anos publica.

Nivelamento ou equivalência que obriga «Colóquio/Artes» a

deixar os estudos eruditos a outras revistas especializadas (ou de investigação local, que mesmo em Portugal as há muito mais numerosas do que se sabe, e algumas excelentes), a simples divulgação a outras publicações de âmbito diferente, e a não tomar partidos polémicos na multiplicidade das propostas estéticas actuais (mesmo que ao director eles possam agradar e que pessoalmente ele tome partido em outros locais) — assumindo mais utilmente, creio, um papel de variada eclética reflexão crítica sobre o presente e sobre o passado que o presente pode entender. Outros dirão se o resultado é bom ou mau, melhor ou pior; por mim, que sou realista, acho que ele é razoável no quadro internacional em que se situa.

De qualquer modo, ele tem sido e continuará a ser obtido graças à colaboração de praticamente todos os autores activos e possíveis, na especialidade (não são, infelizmente, muitos) — e de numerosos estrangeiros que colaboram pelo interesse de se lerem num sítio reciprocamente conveniente, que é uma revista assim definida em vaivém cultural. Os nomes de uns e de outros, os mais importantes ou os mais assíduos, estão afixados na exposição. E nela lêem-se também os nomes de 43 artistas portugueses de hoje que em «Colóquio/Artes» foram tratados em estudos críticos de autores nacionais ou estrangeiros — como o não foram, tantos em mais parte alguma. A exposição de quinze quadros que figuraram em capas da revista algo nos diz, sendo todos eles dignos de um futuro museu de arte moderna.

Museus

A memória dos fumadores



O fumador inveterado, aquele cujo metabolismo se altera quando se lhe acabam os cigarros a uma hora «não-comercial» já tem um museu onde se ver ao espelho: é em Paris e resulta de uma pesquisa de mais de trinta anos, ao longo dos quais o SEITA (Serviço de Exploração Industrial dos Tabacos e Fósforos) recolheu pacientemente, por toda a França, testemunhos dos diferentes modos de consumo de nicotina. Cerca de quinhentos objectos e uma exposição de cartazes contam, na inauguração do museu, a história de serões de fumo, de memoráveis charutadas e até (mas sempre com o olhar limitado à nicotina) de «pedradas» em torno do convívio narguilé. Nas nossas fotos: à esquerda, o fumador turco esculpido em madeira provém de um «débit de tabac» (loja de venda de tabaco mais especializada do que a «tabacaria» portuguesa). O recipiente de tabaco da Virgínia é em faiança do fim do séc. XVIII. O de «tabaco real» é em porcelana, com tampa de cobre. À direita, um aspecto da exposição «O cartaz e o fumador».

Televisão

Domingo no Segundo Canal

O "Pinta do Intendente"

«De casa de seus pais desapareceu» é um trabalho dos jornalistas Nuno Gomes dos Santos, José Jorge Letria e Ribeiro Cardoso. Começa a ser exibido na RTP-2 no próximo domingo, dia 28.

José Jorge Letria e N.G. dos Santos fizeram uma canção para o genérico (que abre os seis episódios que constituem o trabalho), a qual é cantada por Samuel. Os episódios têm uma duração de 25 a 30 minutos cada.

Ao longo do trabalho são relatadas várias histórias reais de adolescentes fugidos de casa de seus pais. Na sua maioria os adolescentes foram «contactados» no Centro de Observação de Caxias anexo ao Tribunal de Menores.

Psicólogos, técnicos de educação, assistentes sociais, juizes de menores, um inspector do Serviço Tutelar de Menores e o director daquele Centro de Observação prestaram depoimentos.

Nos relatos que fazem das suas

próprias fugas aqueles adolescentes deixam ver a sua origem humilde. Quase todos os que passam por centros oficiais de observação ou recuperação vivem em bairros de lata, têm pais alcoólicos, mães prostitutas, assistem a desavenças entre os progenitores, têm irmãos deficientes mentais, não raro vivem paredes meias com a promiscuidade.

No primeiro programa a «vedeta» é um miúdo de 14 anos que tem por alcunha «O Pinta do Intendente». Com sete irmãos, pai separado da mãe (a quem desde sempre bateu à frente dos filhos) o «Pinta» sempre que fugia ia para o Largo do Intendente, onde convivia com prostitutas e chulos. Aliás, recebia «algum» por conta dos serviços que lhes ia prestando, nomeadamente avisando-os quando a polícia aparecia.

Quando não conseguia arranjar dinheiro para alugar um quarto numa velha pensão no

Intendente ia então para uns restos de casa ali para os lados da Ribeira, onde se juntava com outros miúdos (e alguns graúdos) que ali vão passar as noites frias das suas vidas.

Acompanhando os autores do programa o «Pinta do Intendente» conta a sua história nesses mesmo locais, onde acabam por ser encontrados outros miúdos também fugidos de casa.

Nesse barracão da Ribeira, por exemplo, aqueles três jornalistas encontrarão outro miúdo, também de 14 anos, que, por ter sido apanhado a roubar na Madeira, donde é natural, veio, mandado pela «Justiça» para Caxias. Foi sol de pouca dura: pouco tempo depois fugiu do Centro de Observação e hoje faz a sua «vida» na zona do Cais do Sodré, onde fuma as «beatas» apanhadas do chão, onde mendiga, onde rouba de quando em vez fruta e peixe, onde se mistura com outros deserdados da sorte... e aprende toda a

espécie de vícios. Os pais, um pedreiro e uma doméstica, continuam a dar de comer (pouco) aos restantes oito filhos julgando que o «outro» está a ser reeducado em Caxias.

Ao longo dos programas vão também aparecendo depoimentos dos próprios pais, que, muitas vezes, não «entendem» porque é que os filhos fogem.

Xana, uma rapariga de quinze anos pertencente à pequena burguesia, conta também a sua história. Anda a estudar numa escola secundária de Lisboa e, desde os 11 anos, já fugiu de casa de seus pais por cinco vezes. Muitas delas foi para Cascais, atraída pelos festivais de «rock» e «jazz». É um exemplo, elucidativo, de como certa juventude — que não conhece privações materiais — também foge de casa dos pais que não consegue entender. No final mostra porém ter aprendido bastante com as próprias peripécias vividas.

Um dos seis episódios é quase totalmente preenchido com as histórias de duas pessoas que fugiram quando eram adolescentes e hoje são bem conhecidos do público português: a actriz Lia Gama e o poeta José Carlos Ary dos Santos. Ambos dizem poemas versando a problemática da fuga

de casa dos pais: Lia lê um belo poema de Carlos Quêros; Ary diz um poema seu. Além disso contam o porquê das suas fugas e dão a sua opinião sobre os motivos que os levaram a fugir de casa.

Os três autores do programa pensam que o seu trabalho é apenas um pequeno contributo para que melhor se entenda as razões que levam tantos menores a fugir de casa. Há, no entanto, que continuar a tratar esta questão.

De realçar que este é o primeiro trabalho para televisão daqueles três jornalistas. No fundo trata-se de uma reportagem — no que se sentiram à vontade —, mas... apesar de tudo é muito diferente entre trabalhar para um jornal ou para a televisão.

«Foi uma experiência apaixonante», diz-nos Ribeiro Cardoso, «que gostaríamos de repetir. Sobre tudo no que toca à montagem dos textos, filmes e música!»

Tónica de todos os programas: não interessa fingir que se desconhece o problema. Não interessa ter «pena». Interessa, sim, ter consciência de que, enquanto não mudar o sistema de exploração em que vivemos, todos os dias continuarão a nascer «Pintas do Intendente». Alguns dos quais poderão ser nossos filhos.

Intercâmbio de filmes entre a URSS e Portugal

Portugal e a União Soviética vão fazer intercâmbio de programas televisivos, segundo um acordo assinado em Moscovo pelo presidente da RTP, João Soares Louro e pelo seu homólogo soviético, Lapine.

O acordo, o primeiro documento do género assinado pelas duas televisões, prevê a troca de documentários, filmes científicos e de formação, longas metragens e programas musicais e infantis.

Os representantes das duas estações mostraram-se interessados na troca de reportagens dedicadas ao folclore.

Numa breve alocução, no acto de assinatura do acordo, João Soares Louro sublinhou a importância da cooperação entre as televisões dos dois países, no espírito da acta final da conferência sobre a cooperação e segurança na Europa.

Música

Nos computadores, o ganho; no recado, o prazer...

Canto
esquer
do

Manuel Anta



Década dos anos sessenta: em Portugal, Zeca Afonso começa a mudar as palavras da tradicional balada coimbrã; noutros países, a canção começa a querer transmitir algo de importante às pessoas. É nessa altura que o cidadão Manuel Freire, recusando-se a ficar surdo ao tumulto que se faz à sua volta, pega na viola e vem para a liça, lado a lado com o grupo (restrito) que virá a dar um estatuto à canção popular, popular no sentido em que expressa os sentimentos e os anseios do povo da qual faz parte. A partir daí, transforma-se, de

certo modo, num dos porta-vozes de uma juventude sequiosa de liberdade, hostil ao regime de opressão e ódio que a envolve — o fascismo. E isso porque as canções de Manuel Freire não só têm como alvo predilecto o povo, como vão paulatinamente crescendo ao compasso das lutas desse mesmo povo. Tudo isto não sem alguns entraves, já que ao cantor Manuel Freire e à canção

popular de intervenção se deparam forças empenhadas em lhes roubar a liberdade. É que a «nova canção», chamemos-lhe assim, revela-se progressivamente uma arma, uma ferramenta útil para batalhas comuns, um modo acutilante de fazer chegar, em poucas palavras, um mundo às pessoas, levando-as, ao mesmo tempo, a pensar... Manuel Freire aceita o desafio.

Quem é Manuel Freire

Manuel Augusto Coentro de Pinho Freire é natural de Vagos onde nasceu a 25 de Abril de 1942, e exerce a profissão de analista de Informática.

Após ter cursado Engenharia Química na Universidade de Coimbra e Engenharia Mecânica na Universidade do Porto, e uma vez cumprido o seu serviço militar (como oficial técnico da Força Aérea), Manuel Freire inicia a sua vida profissional numa empresa metalúrgica de Ovar.

A sua profissão não o impede, porém, de em 1967 pela mão de Fernando Gusmão, aparecer no palco do Teatro Experimental do Porto, para ali fazer, segundo considera, a sua primeira actuação «a sério» no domínio da canção.

Em 1968, Tecla edita o primeiro trabalho discográfico de Manuel Freire: um EP com «Pedro o Soldado», «Dedicatória», «Livro» e «Eles». No mesmo ano Manuel Freire grava, também para a Tecla, um outro EP (com «Sangue não dá Flor», «Lutaremos meu amor», «Trova» e «Trova do Emigrante»), que virá a ser apreendido pela censura fascista por causa de «Sangue não dá Flor». Assim, mais tarde, aquilo que devia ser um EP transformou-se num «single» contendo «Lutaremos meu amor» e «Trova».

Em 1969, na TV, no programa «Zip-Zip» Manuel Freire lança «Pedra Filosofal», o texto de António Gedeão que a música de Manuel Freire transformou numa maravilhosa canção.

Em 1970, um outro «single» de Manuel Freire é lançado no mercado. Com efeito, com a etiqueta Zip-Zip é posto à venda «Pedra Filosofal» e «Menina dos Olhos Tristes». Graças a este trabalho, Manuel Freire recebe, conjuntamente com Fernando Tordo, o Prémio da Casa da Imprensa, referente ao «melhor compositor e intérprete do ano».

Ainda em 1970, Manuel Freire vê-se distinguido com o Prémio Posal Domingos.

Em 1971, mais dois discos: um EP («Dulcineia», «Canção», «Poema da Malta das Naus» e «Fala do velho do Restelo aos Astronautas») e um LP, «Manuel Freire», englobando as canções dos seus dois primeiros LP's. Enquanto este último trabalho é editado pela Tecla, o primeiro, é editado por Zip-Zip.

Em 1972, a produção discográfica de Manuel Freire, aumenta com a saída de um «single», «Pedro Só», que reúne dois temas do filme do mesmo nome.

No ano seguinte, 1973, um outro EP (Zip-Zip) é posto à venda. Trata-se de um disco com «Pequenos Deuses Caseiros», «Abaixo D. Quixote», «Menina Bexigosa» e «Ouvindo Beethoven».

Em 1974, para Zip-Zip, mais um LP: «Manuel Freire» com os EP's e singles gravados para aquela etiqueta.

Em 1977, ainda um single com duas canções, «Que Faço Aqui» e «Um Dia», feitas a convite de João Lourenço para a peça de Sławomir Mrozek «Os Emigrantes», levada à cena no Teatro Experimental do Porto.

Por último, em 1978, o LP «Devolta» feito em colaboração com Luís Cília e editado pela Lamiré.

Acrescente-se que de 1967 até aos nossos dias, Manuel Freire tem-se deslocado como cantor frequentemente ao estrangeiro, ora para participar em festivais (Galiza e Angola), ora para actuar para emigrantes portugueses radicados na Suíça, França, Bélgica, Alemanha, etc.

No rol dos projectos: fazer em 1979 um álbum onde intervenha «plenamente» e um disco infantil já que, segundo afirma, «quando se fazem coisas para e pelas crianças, nunca se peca por excesso, mas sim por defeito».

Por esse caminho enveredou, por esse caminho continuará. É certo, que, também, com dificuldades.

«Não sabia, nem sei, música. Apenas compunha de ouvido tal como faço agora. Tocava muito mal viola. Por outro lado, tinha, e tenho, uma profissão que me ocupa oito horas por dia. Tudo isso prejudicava o recado que pretendia dar àqueles que me ouviam. Posso igualmente acrescentar que tendo em conta que o recado está no poema, e eu não sei fazer poemas, era obrigado a procurar nos outros as palavras que melhor pudessem servir os meus objectivos — dar o recado, mas dá-lo sabendo que quem o recolhia, o fazia em boas condições. Apesar de todas estas limitações, continuei. Era de continuar...»

Só que, a dado passo, depois do 25 de Abril precisamente, Manuel Freire quase que desapareceu da «circulação». Sem ostentação, sem snobismo — o seu tipo caracterológico não dá para manifestações desse tipo —, Manuel Freire instado a isso, põe a nu, revela os porquês desse apagamento:

«Num rápido traçado, aquilo que se me propõe dizer é que, mal ou bem, Lisboa é o centro de tudo neste País. O, a eu vivo em Ovar, portanto, a 300 quilómetros da capital. Acontece que quem vive fora de Lisboa, encontra-se automaticamente cortado do mundo do espectáculo, da canção, do meio discográfico... Uma das outras razões radica na desilusão de que me senti com o aspecto económico da gravação de discos. O disco é uma coisa muito cara, cada vez mais, e o artista, entre aspas no meu caso, tem pouco ou nenhum controlo sobre as vendas reais, sobre os proventos que advêm do seu trabalho. Se esse trabalho é feito e é posto à venda ao mais baixo preço, a fim de se tornar acessível a um vasto leque de pessoas, e se realmente não há ninguém que lucre em excesso com ele, encantado da vida, sou capaz de fazer discos completamente de borla. Acontece que tenho a sensação de que durante estes

anos todos alguém se aproveitou do meu trabalho, que fui mal compensado. Perante isto, e muito embora reconheça que o disco é um meio ótimo para chegar às pessoas, desinteressei-me dos estúdios de gravação preferindo continuar de violinha na mão a dar o meu recado aqui e acolá. E, aliás, isso que faço, sempre que posso, aos fins-de-semana. É melhor assim, sinto-me mais feliz e tranquilo... Por último, a terceira razão que está na base do meu apagamento: a seguir ao 25 de Abril, tudo sofreu uma evolução extraordinariamente rápida no nosso País. A canção não fugiu a essa regra. Ora, apesar daquilo que eu faço ter algo a ver com a canção de intervenção política, nunca me senti, talvez por defeito, inclinado a fazer a canção do momento. Reconheço que elas são necessárias, mas não são aquelas de que eu gosto e me sinto apto a fazer. Prefiro elaborar o meu trabalho calmamente, sem atender aos acontecimentos da hora, do dia e da semana em que estamos...»

Pois bem. Desvendados os condicionalismos que impedem uma maior e mais constante presença de Manuel Freire nos ouvidos dos muitos que nunca se cansam de o ouvir, chegamos, graças a aquilo que nos desvendou sobre o seu desaparecimento à canção do momento, a uma conclusão: é reconfortante encontrar «mais um» que compreendeu que, na canção ou noutro domínio, o imediatismo — por vezes cego e surdo... —, nunca deu grandes resultados; que, conforme alguém o disse, «palavra banalizada — na canção ou noutro domínio —, é palavra enfaquecida». Por o ter compreendido, e por muitas mais razões, é que a obra do autor da música de «Pedra Filosofal» é, a diversos títulos, aliciante; é que Manuel Freire faz parte daqueles valores seguros que, estejam onde estiverem, em Ovar ou em Lisboa, em Arraiolos ou em Freixo-de-Espada-à-Cinta, nunca se desmoronam, nunca são esquecidos.

Teatro

Notas de viagem (5)

Carlos Porto

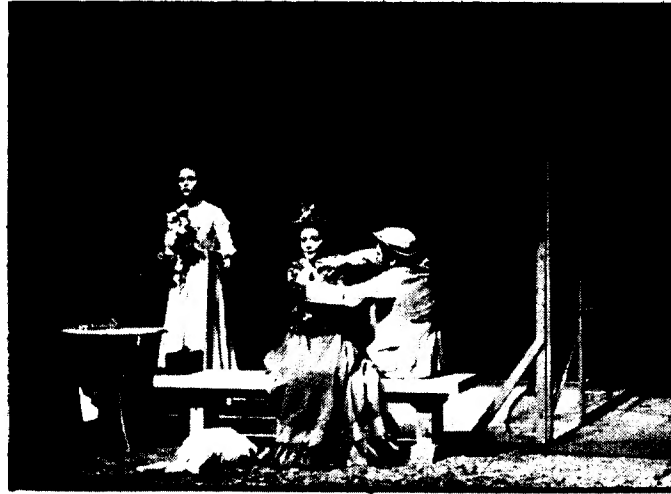
De um anti-Brecht a um anti-Tchekov

É lógico que o encenador ao pegar num determinado texto procure conhecer e dominar o sistema dramático e ideológico proposto pelo autor. O facto desse texto se ter transformado num clássico (situação em que a obra afirma dogmaticamente um determinado padrão de linguagem e um determinado conteúdo), torna igualmente compreensível que o encenador se recuse a aceitá-lo, a jogar o jogo, preferindo trabalhar o material de que dispõe a partir da sua desdogmatização (como agora se diz com os intuitos reacçãoários que se sabe), e acabando por impor, ou por pretender impor, através desse trabalho, a sua própria visão do texto, dos sinais que o constituem, do mundo que aquele propõe.

É possível, desse modo, criar elementos significativos que veiculem a mensagem revolucionária, por exemplo, de um texto de que o tempo e o uso tinham despoletado essa carga (se alguma vez a tivera). O caso, porém, muda de figura quando se pretende demonstrar, tanto a nível teórico como da prática, que um autor se transformou num clássico, com a intenção, inevitável, de apagar ou atenuar tanto quanto possível o discurso político de conteúdo revolucionário da sua obra. Desde há alguns anos que se vem assistindo no teatro ocidental capitalista à tentativa de atirar Brecht para a prateleira dos clássicos, tendo em vista essa operação de esvaziamento. Tratar Brecht como um clássico faz, aliás, parte da campanha que pretende atirar Marx e o marxismo para o caixote das obras que deixaram de participar no acto de (re)conhecimento do mundo, e portanto da sua transformação, campanha idealista que serve, inocentemente ou não, óbvios interesses de classe.

Porque BB é um autor cuja obra teórica e de criação implica uma determinada visão da sociedade, porque essa visão participa do movimento dialéctico do mundo dos homens, e porque mantém vivos e capazes de actuar os elementos que explicam os obstáculos que se opõem a esse movimento — ajudando à sua destruição —, essa obra não se deixa dominar por modas e modos de pseudo vanguarda que não chegam a ocultar os desígnios que a impulsionam.

Georges Lavaudant é um encenador bastante conhecido em França. O último espectáculo que dele vimos («Palazzo Mentale») propunha uma visão onírica de um mundo imaginário (por vezes de grande, embora glacial, beleza) que nada tem a ver com o real e com o trabalho estético sobre esse



«A Gaivota» de Tchekov, encenada por Bruno Bayern



«O proprietário da Puntilla e o seu criado Matti», de Brecht, encenado por Georges Lavaudant

real (o que não significa que seja desprovido de interesse). Partir desse ponto de vista para abordar uma obra tão profundamente materialista e tão virada para o real como é o caso da obra de Brecht e, para o caso, de «Proprietário Puntilla e o seu criado Matti» implica, desde logo, a intenção de destruir ou, pelo menos minimizar, o discurso materialista brechtiano. Num texto do programa, Lavaudant confessa que a obra de Brecht não lhe interessa, que o grupo pegou no texto quase por acaso, e que a sua sensibilidade está mais virada para os «americanos». Parece que não

seria possível ser mais explícito. A partir disto, é fácil imaginar o que era este «Puntilla»: uma tentativa vã de desbrechtizar a peça, colocando-a sob a luz de projectores com que se pretendia iluminar os seus jogos cénicos, obscurecendo o seu significado anticapitalista. Bastaria comparar este trabalho com o de Mário Barradas e Centro Cultural de Évora para se ter uma ideia de como uma leitura cénica pode fazer coincidir duas visões (por outras palavras, pode ser o rastilho que vai provocar a explosão latente) ou pode tentar substituir uma visão por outra que com essa nada tem a ver (por

outras palavras, pode impedir a explosão). E tudo isto no melhor dos mundos possíveis, usando projectores de óptima qualidade, estabelecendo jogos fascinantes através da utilização de poderosos meios cénicos, dispondo de excelentes actores capazes de contribuir para essa suspeitíssima operação.

Desse modo, e muito vanguardisticamente, o espectáculo surge divertidíssimo, com alguns bons achados, outros bastante convencionais, que põs um público tão «blasé» e, ao mesmo tempo, tão exigente e tão conformista como é o público festivalero de Paris, unanimemente encantado com as descobertas revestidas de um espectáculo que não podia deixar de o dividir, se correctamente feito. Exemplo da reacção do público: um pequeno comboio iluminado atravessa o palco e desencadeia uma enorme salva de palmas, como se o público fosse constituído por crianças muito contentes com o seu brinquedo predilecto. Trata-se, no entanto, de um efeito já muito visto nos palcos ocidentais.

UMA «GAIVOTA» QUE DIZ «SER OU NÃO SER»

Não é muito conhecido o facto de Tchekov ter projectado na sua juventude fazer, em colaboração com um outro escritor, um «vaudeville» sobre o «Hamlet». Tratava-se, diz o dramaturgo do grupo de Bruno Bayen, de «criticar os costumes teatrais do seu tempo por ocasião de um espectáculo com uma peça de Shakespeare». Tchekov escreveu «A Gaivota» 12 anos mais tarde e embora tivesse abandonado o projecto não abandonou a ideia, pois a peça propõe uma visão crítica de personagens e situações teatrais, embora aqui alargada a outras preocupações.

O trabalho de Bruno Bayen consistiu precisamente em interpretar «A Gaivota» à luz fantasmática de um «Hamlet» tchekhoviano. Trata-se de um trabalho curioso, inventivo, que no entanto não consegue, a meu ver, atingir o seu objectivo: fica-se por uma indefinição de propostas que, por vezes, têm o tempo do autor, outras vezes trazem esse tempo até nós, espectadores de hoje, através de formas cénicas nem sempre originais. Foi ao nível dramático que o trabalho me pareceu mais interessante, embora fosse também de considerar o trabalho de alguns intérpretes.



Clara Rocha, interpretando a Matilde, de «Felizmente há luar» (Stau Monteiro), numa encenação de Carlos César para o Teatro Oficina, em Paris, em 1969

As mil vidas de Clara Rocha entre Lisboa e Setúbal

Clara Rocha é mulher de mil vidas. Ou melhor (há que aligeirar as hipóteses e impedi-las de tomarem conta da escrita) ameaça latente quando se fala de uma mulher bonita): Clara é mulher de muitas vidas.

Andou por França estudando teatro em Strasbourg e Sociologia em Vincennes. Ali mesmo, na capital das luzes, foi a Matilde de «Felizmente há Luar», então só possível no estrangeiro. Já tinha frequentado em Lisboa o Conservatório onde, segundo texto publicado no «DL» de Abril de 72, concluiu o curso com a mais alta classificação.

«Deliciosamente Louca», ao lado de Eunice Henriqueta, João Perry e José de Castro, «Milionária» com Raul Solnado, num filme, andou pelas comédias até que, farta delas, virou as costas ao palco e mudou burocraticamente para uma profissão de secretária.

Com o 25 de Abril (havemos sempre de pontuar a vida pelo antes e depois dessa data) o instinto chama-a de novo ao seu lugar de origem.

«O meio teatral não me dava o que eu pretendia dele: continuidade de trabalho e perspectivas profissionais que me interessassem, valorizando-me como pessoa. Por isso parei. Como se voltaram a abrir possibilidades novas, participei na representação do «Fantoche Lusitano» e sediei-me em Setúbal, para trabalhar com o Carlos César, que já me dirigira na peça de Stau Monteiro, em Paris. Fizemos, ainda, o «Tartufo», de Molière e a «Décima turista», de Mendes de Carvalho, até voltar a parar».

Clara Rocha não é absoluta nas suas apostas profissionais. «Há sempre margem para o sentimento», — diz ela. E quando o afectivo se sobrepõe ao profissional, um belo dia acordamos a caminho de Itália. Assim foi: Clara partiu para estudar teatro em Bolonha... Mas não só. «O curso de teatro de Bolonha era muito importante para mim. Pedi uma bolsa de estudo que me permitisse frequentá-lo com aproveitamento, mas não a consegui. Tive de trabalhar em Milão. Deslocava-me uns 200 quilómetros até à Universidade e alguns dias cumpria as seis horas de viagem, de comboio, para assistir apenas a uma hora ou duas de aulas. Assim era impossível continuar e desisti. Regressei a Portugal e ao TAS, de Setúbal, onde estou a trabalhar».

Aquele «não só» ali atrás, antecedendo o discurso directo desta mulher bonita, que ainda cora ao falar com o jornalista, quer dizer que,



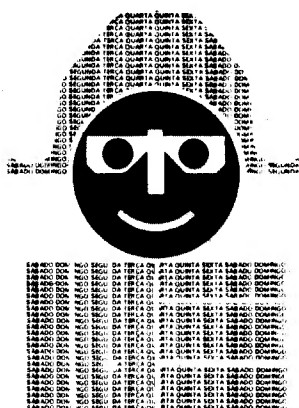
EM «Tu não conheces a música?», pelo TAS

embora não concluisse o curso de teatro como tanto desejava, nem tudo foi mau em Itália. Há outras vidas para viver! Utilizando metáforas: quando o afectivo impõe suas leis e o sentimento corre livre nos dias, um ano e meio em Milão pode-se transformar num ótimo tempo de alegria.

Deixemo-nos, porém, de metáforas (não vá o entrevistado corar também!) para explicar o essencial: neste momento, Clara Rocha dá uns passos em frente na sua vida profissional. Representa «Tu não conheces a Música?», no Teatro Animação de Setúbal, e responsabiliza-se, colateralmente a Carlos César, na encenação. A seguir, sempre na roda viva diária das idas e vindas entre Lisboa e Setúbal, vai assinar, finalmente sozinha, o primeiro trabalho de direcção teatral. Trata-se de uma peça de Marivaux, já em fase de preparação.

Ontem Clara Rocha disse não ao empresário que a tentara aliciar com o papel de vedeta em «No Sexy, We Are British»: uma certa coerência e a recusa do êxito fácil foram mais fortes, que o dinheiro. Hoje diz sim ao trabalho continuado e quase anónimo nas actividades culturais de zona de Setúbal. Por tudo o mais e também por isso, perfilam-se senhores: copos ao alto por esta opção! Brindes por esta mulher de mil vidas. E, já agora, a ternura do prosador, que nem é da cidade e conhece bem como são poucos aqueles dispostos a trabalhar nos circuitos da periferia onde não chegam as torrentes da publicidade.

DANIEL REIS



caixa do PONTO

A ESTREIA DA SEMANA

Teatro Maria Matos (Frei Heitor Contreiras T. 897017)

A FAMÍLIA

de Oduvaldo Viana Filho Encenação: José Osuna

Interpretação: Mariana Rey Monteiro, Paulo Renato, Armando Cortez, Júlio César, Leonor Poeria, Luís Mata, Luz

Franco, Herminia Tojal, Paula Mora, Francisco Braz, Carmen Mendes, Luís Pinhão, João de Carvalho.

Um dos maiores dramaturgos brasileiros dos nossos dias agora revelado ao público português, aproveitando (não?) a maré das telenovelas. Vamos lá a ver.

Trindade

(R. Nova da Trindade T. 320000)

NINGUÉM

De Almeida Garrett, Maria Velho da Costa e Alexandre O'Neill. O melhor espectáculo do ano (com «Homem Morto, Homem Posto») — é essa pelo menos a opinião da maioria dos críticos.

Comuna

(Pr. de Espanha T. 762624)

HOMEM MORTO, HOMEM POSTO

de Brecht

O outro melhor espectáculo de 1978. Esperamos que,

entretanto, esteja de novo em cena.

Teatro Aberto

(Pr. de Espanha T. 770969)

CRÓNICA ATRIBULADA DO ESPERANÇOSO FAGUNDES

de Luís de Stau Monteiro Não deixe de ver esta viagem, guiada por esse admirável Rui Mendes, através algumas áreas sensíveis da História de Portugal.

Centro Cultural da Carris

(Edifício do Elevador da Bica T. 365035)

OU ISTO OU AQUILO

de Cecília Meireles pelo Oficina de Teatro e Comunicação Não perca esta festa. Não se esqueça de levar os seus filhos e os filhos dos seus vizinhos, e os outros todos.

Teatro Nacional D. Maria II

(Rossio T. 322210)

AS ALEGRES COMADRES DE WINDSOR

de Shakespeare Valerá a pena ir ver que não vale a pena ir lá? É Consigo.

Teatro do Nosso Tempo

(Pr. José Fontana T. 573831)

AVAREZA, LUXÚRIA E MORTE N'ARENA IBÉRICA

de Ramon Valle-Inclán O melhor trabalho do teatro do nosso tempo. Indispensável.

Variedades

(Parque Mayer T. 326037)

FELIZARDO E C.ª

de Raul Solnado e Pedro B. Freire O único espectáculo do Parque que vale a pena ver. E que, além disso, vale a pena ver.

Krazy Kat

Herriman

(O Gato Pílulas) por

